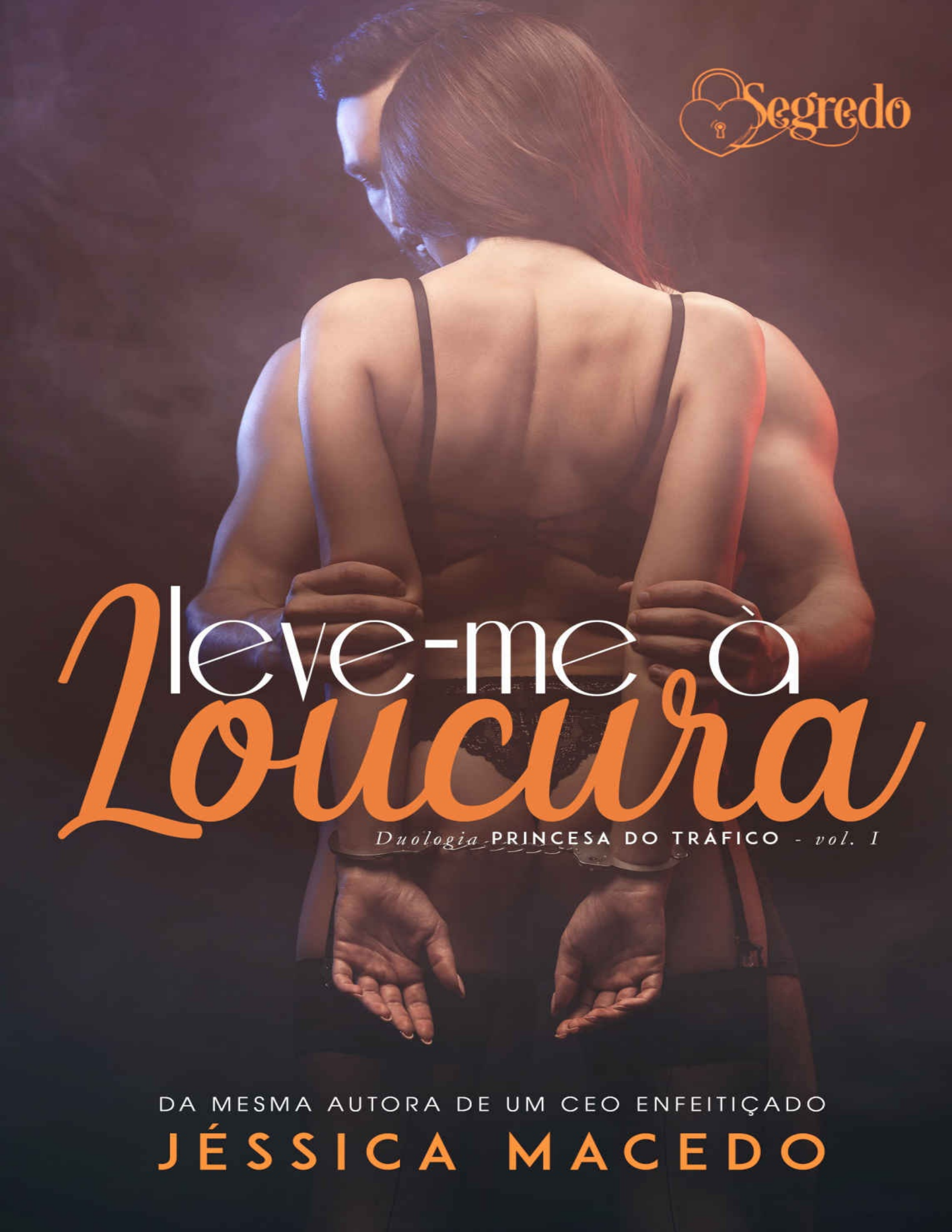




Leve-me à Loucura

Duologia PRINCESA DO TRÁFICO - vol. I

DA MESMA AUTORA DE UM CEO ENFEITIÇADO

JÉSSICA MACEDO



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

J É S S I C A M A C E D O

leve-me à
Loucura



Belo Horizonte | 2019

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Copyright ©2019 by Jéssica
Macedo

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento ou a reprodução de qualquer parte desta obra - física ou eletrônica -, sem autorização prévia do autor. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Projeto Gráfico de Capa e
Miolo

Jéssica Macedo

Revisão

Gabriel Marquezini

Esta é uma obra de ficção.
Nomes de pessoas, acontecimentos e
locais que existam ou que tenham
verdadeiramente existido em algum
período da história foram usados para
ambientar o enredo. Qualquer

semelhança com a realidade terá sido
mera coincidência.

Sumário

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Quatorze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

Dezenove

Vinte

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Um

Dias atuais...

Cheguei no bar no início da noite. O sol mal havia se posto quando eu pedi uma cerveja e me sentei no canto do balcão. Não era um lugar *copo sujo*, como eu estava acostumado a ir com os amigos depois do fim de um dia de trabalho. Era um ambiente temático que reunia apaixonados por máquinas de duas rodas da capital, localizado na Vila Olímpia.

Era uma sexta-feira e o local aos poucos ia ficando abarrotado. Ajeitei a minha jaqueta de couro enquanto olhava para as garrafas de bebidas acima do *barman*. O telhado rústico estava bem

harmônico com as paredes, num preto espelhado. As lâmpadas modernas de LED vermelhas no balcão davam um charme ao ambiente levemente escuro. Em outro momento, eu poderia dizer que gostaria de frequentar aquele lugar.

Tomei um gole da cerveja artesanal que havia pedido ao girar a tampa entre os dedos. Uma banda de música ao vivo começou a tocar *Barracuda*, da Heart, enquanto eu divagava em meus pensamentos.

Estava prestes a soltar um bocejo quando eu a vi entrar. Acompanhada de duas amigas e alguns caras, a mulher morena de um metro e setenta, apertada em um vestido preto, passou pela porta do bar, veio caminhando até o balcão e debruçou nele. Fingi estar bebendo mais da minha cerveja enquanto olhava para bunda dela... *Nossa! E que bunda*. Talvez fosse mais fácil o que eu precisava

fazer do que imaginava.

— Johnny, uma rodada de *maracuJake* para mim e para os meus amigos. — Ela mandou um beijinho para o *barman* depois de fazer o pedido.

— Tá na mão, Pat.

— Valeu!

— *MaracuJack*? Parece bom. — Coloquei a cerveja sobre o balcão e olhei para ela com um meio sorriso.

A mulher virou para mim de sobrancelhas franzidas e me estudou com o olhar. Eu tirei a jaqueta e a coloquei sobre o encosto do banco, numa desculpa de estar com calor, mas na verdade queria apenas chamar atenção para os meus músculos sob a fina camiseta. O discreto sorriso que apareceu nos lábios dela por uma fração de segundos, me fez perceber que havia funcionado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É um dos *drinks* mais famosos daqui. Como não conhece?

— Confesso que é a primeira vez que venho.
— Levantei e caminhei até ficar ao lado dela.

Encarei seus olhos castanhos e deixei que percebesse que os meus eram verdes. Patrícia passou a língua pelos lábios, umedecendo-os enquanto me estudava melhor com o olhar, da minha calça jeans a camiseta preta justa, ressaltando os meus anos de exercício físico.

— Um novato, interessante... e como veio parar aqui?

— Um amigo me recomendou o lugar. Sou das Serpentes de Aço e eles vem muito aqui.

— Claro, o bando do Thiago. Conheço eles. São caras legais. Deveriam ter trazido você antes.

PERIGOSAS ACHERON

— É, percebi que perdi muita coisa. — Não desviei o olhar do seu decote.

— E onde eles estão?

— Pelo visto, me deram o bolo, esses otários. Parece que todo mundo gosta de sacanear um novato. Palhaçada, isso porque o Thiago é meu primo, imagino se não fosse. — Bufe e revirei os olhos como se estivesse muito inconformado.

— Primos? Nossa! Nem se parecem, pelo visto você herdou toda a parte boa da família. Quem dera o Thiago fosse tão gato. — Ela passou a língua pelos lábios outra vez e mexeu no cabelo. Pelo visto, o jogo que eu havia começado estava indo muito bem.

— É uma pena vir a um lugar como esse e ficar sozinho.

— Não precisa. — Debruçou sobre a

PERIGOSAS NACIONAIS

bancada, para pegar as bebidas que o *barman* acabara de colocar ali e virou-se para mim. — Por que não se junta a minha e aos meus amigos, tenho certeza que podemos ser uma boa companhia.

— Eu iria adorar. Mas será que seu namorado não acharia ruim?

— Namorado? — Ela gargalhou quase derramando uma das bebidas. — Não sou do tipo que namora, gato. — Deu uma piscadela antes de caminhar na direção dos amigos.

— Não sou um gato, me chamam de Tigre.

— Por quê? — Ela parou no meio do caminho e voltou a me encarar.

— Espero que descubra logo. — Pisquei de volta.

— Gosto disso. — Ela mordeu os lábios,

PERIGOSAS ACHERON

deixando-os ainda mais avermelhados.

— Ei, Pat, vem logo! — gritou uma das mulheres da mesa.

Patrícia e eu caminhamos até os amigos dela. Com uma cerveja na mão direita e a mão esquerda dentro do bolso, eu me deixei parecer um tanto acanhado, como se não fizesse ideia de quem eram aquelas pessoas.

— Gente, esse é o... — Ela se virou para mim ao se dar conta de que não havia me perguntado o nome.

— Diogo.

— Ele é primo do Thiago e faz parte dos motoqueiros Serpentes de Aço.

— Prazer, Diogo. — Uma das amigas, uma mulher loira riu para mim ao puxar Patrícia pelo

braço, fazendo-a sentar na cadeira ao seu lado. —
Que gostoso!

— Se segura aí, sua assanhada — murmurou
Patrícia ao pé do ouvido da amiga.

Elas não estavam falando baixo o suficiente
para que eu não ouvisse, mas fingi que estavam e
me mantive apenas observando. Não queria que as
minhas ações pudessem prejudicar meus planos.

— Senta aí, Diogo. — Patrícia bateu na
cadeira ao lado dela.

Começaram a conversar sobre a música
enquanto as mulheres na mesa não tiravam os olhos
de mim. Percebi que isso incomodava um pouco os
homens, mas eles não deixaram seu
descontentamento escancarado, até porque todos ali
pareciam se esforçar muito para agradar a Patrícia.
Me entrosei no meio da conversa e, uma meia hora

depois, foi como se eu sempre tivesse feito parte do grupo.

Já estávamos na terceira rodada de bebidas e petiscos e todos iam se acostumando com a minha agradável companhia. A música alta era uma desculpa para que Patrícia se aproximasse da minha orelha para sussurrar algo, vez ou outra. Já era a segunda vez que ela fazia isso e colocava a mão sobre a minha coxa, e eu curvava meu corpo na direção do dela, incentivando sua postura.

Foi a minha vez de me curvar na direção de Patrícia. Eu fiquei olhando para o decote dela durante boa parte da conversa e confesso que estava um tanto ansioso para levar a nossa relação para o patamar ao qual eu havia sido preparado. Qualquer que fosse os motivos que me levaram até ali, eu era um homem e ela era muito gostosa.

— Vou ao banheiro. — Rocei meus lábios na

PERIGOSAS ACHERON

orelha dela antes de me levantar.

Ela estremeceu e sorriu para mim.

Caminhei até o banheiro sem olhar para trás, mas ansioso. Havia chegado o momento em que eu descobriria se todo o charme que havia jogado em cima dela servira para alguma coisa. Entrei em um corredor e empurrei a porta do banheiro masculino, debrucei sobre a pia e me olhei no espelho. Meu cabelo ainda estava todo pra cima com a quantidade generosa de gel que eu havia jogado nele e mais escuros do que nunca. A barba fechava o meu rosto e estava bem aparada. Fazia muito tempo que não a deixava crescer e havia gostado do resultado.

— Oi — ouvi sua voz melodiosa e as mãos delicadas subiram o pelo meu ombro.

Virei-me e a encarei.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oi, Patrícia, fiquei me perguntando se entenderia o meu convite.

— Quando um cara gato te chama *pro* banheiro, só pode significar uma coisa... — Ela se aproximou e roçou os lábios nos meus.

Sorri antes de agarrá-la pela cintura e a empurrar na direção de uma das cabines. Seríamos presos por atentado ao pudor caso alguém nos visse, mas não éramos, nem os primeiros, nem seríamos os últimos desconhecidos a transarem no banheiro de um bar.

Senti ela estremecer quando a virei de costas, apoiando suas mãos na parede; joguei seu cabelo liso e castanho para o lado para finalmente morder seu pescoço. Patrícia soltou um gemidinho abafado enquanto esfregava a bunda em mim, deixando o meu pau ainda mais inquieto dentro da calça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Escorreguei as mãos pela sua cintura até o meio das coxas e voltei puxando a saia do vestido. Ela usava uma calcinha vermelha fio dental com três lacinhas, de onde partiam as alças. Era o tipo de peça *sexy* que nenhuma mulher usava se não tivesse a intenção de que fosse vista, e eu seria o *sortudo* da noite.

— Me mostra se, além de gato, você sabe comer. — Ela se esfregou ainda mais em mim.

— Eu sou um Tigre e pode ter certeza que eu sei comer. — Virei-a de frente e tirei a camisa, revelando a tatuagem de tigre que eu tinha no peito.

Eu não podia ser só mais um cara que Patrícia transava depois de umas bebidas, precisava ser *o cara*, fazer de um jeito que ela dificilmente esqueceria e para isso, precisava agir com mais calma do que meus desejos ansiavam.

PERIGOSAS ACHERON

Patrícia passava os dedos pelo meu peito, contornando a tatuagem que ia de um lado a outro no momento em que eu a agarrei pela nuca e a trouxe para um beijo. Mordisquei seu lábio inferior, fazendo-a gemer antes de enfiar a língua. Sua boca ainda tinha sabor de maracujá e *Jack Daniel's*, e eu busquei os últimos vestígios da bebida em cada canto, com a língua. Beijando-a de forma feroz, minhas mãos entraram pelo decote e apertaram os seios que estavam em um sutiã fino de renda. Gostei de poder apertá-los sem bojo. Desci com a língua pelo contorno do queixo, a linha do pescoço até o vale entre os seios, sentindo-a estremecer e vendo-a se retorcer contra a parede. Contornei o mamilo que havia se enrijecido com o meu tato, o abocanhei e comecei a chupar, desfrutando do gosto de sua pele e de seus gemidos. Enfiei uma das pernas entre as dela, *encoxando-a*. Apertava o seio livre enquanto me concentrava em chupar o

PERIGOSAS ACHERON

outro. Dei uma mordida e ela gritou num misto de prazer e dor.

Com a camisa ainda pendurada no ombro, eu me ajoelhei e coloquei a coxa esquerda dela sobre o pano, deixando suas pernas mais abertas o possível, puxei sua calcinha para o lado com o polegar, vendo o clitóris inchado se destacar em meio a superfície perfeitamente raspada. Passei a língua vagarosamente de cima para baixo, fazendo-a gemer de uma forma que teria sido ouvida pelos amigos se não fosse a música alta da banda cantando *Pain*, da *Three Days Grace*. Comecei a movimentar a língua e introduzi um dedo fazendo-a cravar as unhas no meu ombro livre.

— *Caralho*, cara! O que você *tá* fazendo?

— Quer que eu pare? — Ri, passando a língua pelos lábios e sentindo o gosto dela.

— Coloca essa boca em mim de novo e se parar, eu juro que mando matar você.

Gargalhei antes de voltar a chupar ela, sentindo seus músculos internos se contraírem contra o meu dedo, que movia em frenesi pra dentro e pra fora. Os gemidos cada vez mais altos me delataram seu orgasmo, assim como a expressão de prazer no seu rosto.

Ela praguejou um palavrão ou outro enquanto ofegava em busca de fôlego.

Assim que se recuperou, Patrícia me puxou pelos ombros, fazendo com que eu ficasse de pé e foi sua vez de se ajoelhar. Ela abriu meu cinto e baixou minha cueca o suficiente para tirar meu pau para fora. O rodeou com seus dedos, raspando as unhas cumpridas e pintadas de vermelho na minha pele, provocando uma prazerosa cocega. A mulher me encarou e lambeu os lábios antes de curvar a

PERIGOSAS ACHERON

cabeça e me abocanhar. Agarrei seu cabelo cumprido e puxei com a primeira sorvida. *Porra!* Ela estava disposta a corresponder o oral que eu tinha feito com a mesma intensidade. Eu não me lembrava da última vez que uma mulher havia me chupado com tanta empolgação. A força com que sua boca descia e subia em mim, sua língua brincando com a minha glândula com uma habilidade que era capaz de me enlouquecer. Minha gatinha não era ingênua e tampouco inexperiente naquilo. Apoiei a cabeça na porta e mordi meus lábios para conter meus próprios gemidos. Estava muito bom, mas não queria que acabasse ali.

Puxei-a pelo cabelo e a beijei na boca outra vez, sentindo o meu próprio gosto na sua língua. Suas unhas raspavam a pele dos meus ombros e contornaram os músculos do meu antebraço, no momento em que a ergui pelas coxas e a sentei

sobre a caixa do vaso.

Peguei uma camisinha da carteira, rasguei o pacote e as mãos tremulas de Patrícia me ajudaram a colocar. A fiz me abraçar com as pernas, movi sua calcinha para o lado e esfreguei meu pau na sua entrada; estava tão molhada e pulsante que eu mal via a hora de enfiar, mas eu a provoquei, até que olhasse para mim em um misto de fúria e súplica. Então enfiei. Gememos juntos e ela foi se moldando a mim a medida que eu começava a me mover. Algumas gotas de suor brotaram em sua testa e entre seus seios. Peguei seus pulsos e segurei firme contra a parede, a impedindo de cravar as unhas nas minhas costas enquanto escorregava a língua pelo contorno dos seus seios, que pulavam fora do sutiã. Somado a isso, eu deslizei vagarosamente para fora depois enfiei fundo, tocando a entrada do seu útero com a cabeça

do meu pau.

Seus gemidos de prazer e raiva eram abafados pelas batidas aceleradas da bateria e os acordes de guitarra. Eu me movia com selvageria. Com a mão livre, apertei sua coxa de forma dolorida enquanto entrava mais fundo e mais forte, arrancando gemidos e suor. Minha pele colava a dela e estalava quando eu me afastava e nos unia de novo.

Ela gritou alto e estremeceu ao chegar ao orgasmo outra vez e eu senti todos os meus músculos endurecerem, não consegui mais me mover enquanto eu gozava dentro da camisinha.

Soltei as mãos de Patrícia e ela apoiou a cabeça no meu ombro, ofegante e suada.

— *Caralho*, Diogo, que foda foi essa?

— Me perguntou se eu sabia comer, gostou

da sua resposta?

— Gosto de caras como você. — Ela desceu da caixa do vaso trocando as pernas e eu a apoiei.

— Cuidado para não cair. — Ri, debochado.

— Seu idiota!

— Vai dizer que não gostou? — Dei um tapa na bunda dela, enchendo a mão e apertei, ganhando um gemido de prazer como recompensa.

Ela mostrou a língua e ajeitou o vestido.

Joguei a camisinha no lixo e vesti a camisa, antes de acompanhá-la para fora do banheiro. Patrícia seguiu rebolando e eu precisei me domar para não agarrá-la de novo. Tinha que conter meus próprios instintos, não era por que meu corpo ficava louco para se atirar nela que eu tinha que esquecer os motivos pelos quais estava ali.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, não acredito que vocês estavam trepando no banheiro. — A amiga loira de Patrícia, Luana, estava de braços cruzados e cara fechada.

— Estávamos no banheiro. — Patrícia deu de ombros e se sentou de volta na cadeira. Percebi que ela ainda tinha as pernas bambas e não consegui conter o riso.

— Sei. — Luana torceu os lábios, nada convencida, mas não fez mais perguntas. — Vamos embora, o bar já está fechando.

— Está? — Patrícia arregalou os olhos, surpresa com o quanto o tempo havia passado e ela nem se dera conta; confesso que eu também não imaginava que já eram quase três da manhã.

— Sim, vamos nessa!

— Me passa seu telefone. — Tirei meu celular do bolso e entreguei a ela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro! — O sorriso de Patrícia ao me encarar deu a entender que ela havia adorado a minha companhia. Digitou seu número e me devolveu o aparelho. — Nos vemos por aí, Tigre.

— Eu vou adorar.

Ela piscou para mim antes de se levantar e sair com os amigos.

A primeira parte da missão havia sido concluída. Tinha me aproximado de Patrícia o suficiente para ficar entre as pernas dela.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo

Dois

Algumas semanas antes...

Ajeitei o velcro das luvas na mão e dei um soco forte contra o saco de areia, fazendo-o começar a

balançar em movimento de pêndulo. Assim que ele retornou, eu girei num chute de direita e o acertei com toda a força. Ele retornou e eu o acertei com mais uma sequência de chutes, para depois disso apoiar as mãos nos joelhos e respirar ofegante. O suor escorria pelo meu rosto e molhava a camisa cinza cada vez mais grudada ao corpo.

Estava prestes a dar outro soco quando alguém apareceu e segurou o saco de areia.

— Bom dia, Lucas.

Ela largou o saco e deu um passo para ao lado, para que eu pudesse vê-la. Me agachei para pegar uma garrafa de água e tomei um gole antes de encará-la.

— Delegada? Acho que ainda não estou atrasado para a reunião.

— Não tem reunião hoje. Queria falar com

você a sós.

Engoli em seco, sem saber se mostrar meu espanto era o melhor a se fazer diante dela. Para quem duvidava do poder das mulheres, certamente não conhecia a minha chefe. Fazia pouco mais de um ano desde que a Suzana havia assumido como delegada da Narcóticos, ela era o tipo de pessoa que lia a sua alma de trás para frente e o conhecia melhor do que você mesmo, e isso assustava, na maior parte do tempo.

— Não precisa se apavorar, agente.

— Está tão na cara assim? — Desviei o olhar e comecei a tirar as luvas.

— Para mim, as coisas estão sempre na cara, mas a minha habilidade de ler pessoas não é algo que todos tem, então, não se preocupe.

Pensei em sorrir, mas seria um grande

PERIGOSAS ACHERON

fracasso, então deixei para lá.

— O que precisa de mim?

— Tome um banho e me encontre na minha sala daqui a meia hora, tudo bem? Entenderá o meu sigilo quando eu lhe disser o que é.

— Certo.

Ela deu as costas e me deixou sozinho na sala de treinamento outra vez. Encarei as paredes cinzas a minha volta, me perguntando o que de tão importante ela tinha a dizer para mim. Tirei a camisa suada e caminhei para o vestiário com ela pendurada no ombro.

Após o banho e com os cabelos ainda pingando, vesti meu uniforme e fui para a sala da delegada. Bati na porta ao me deparar com as persianas baixadas. Todo aquele sigilo estava começando a me provocar um estranho frio na

barriga.

— Pode entrar.

Abri a porta com cautela e a encontrei atrás da mesa, com o corpo curvado e um sorriso amistoso. A mulher, com seus trinta e poucos anos, era um ídolo para cada novo cadete que entrava para polícia. Depois que derrotou praticamente sozinha um esquema de armas químicas e testes em crianças, era um ídolo para mim também. Sem dúvidas, era uma boa definição para alguém *foda*.

— Sente-se aí, agente. — Ela apontou para a cadeira na sua frente enquanto se levantava para fechar a porta que eu havia deixado aberta.

— O que tem de tão importante que é melhor que os outros agentes não saibam?

— Há corruptos em todo o lugar, Lucas, e para a sua segurança, é melhor que essa informação

fique apenas entre nós.

— Que informação?

— Posso começar pelo início? — Ela riu de um jeito que me fez respirar aliviado.

— Sim, desculpa, senhora.

— Tudo bem. — Deu a volta e se apoiou na mesa ao meu lado. — Lucas, há quanto tempo é um Federal?

— Quase três anos.

— E para que entrou para a polícia?

Franzi o cenho, *onde ela pretendia chegar com aquelas perguntas?*

— Para prender os bandidos.

— Gosto muito de quem nunca perdeu o espírito. É para isso que estamos aqui, prender os

PERIGOSAS NACIONAIS

bandidos. Eu vim para a Narcóticos com a esperança de fazer um bom trabalho e é exatamente isso que quero fazer. Mas meu rosto esteve estampado em muitos noticiários e os bandidos sabem bem quem eu sou.

— Sim, sabem...

— Já você, não tem um rosto conhecido.

— Desculpa, delegada, mas onde pretende chegar? — Eu a encarei, tentando lê-la como ela fazia comigo, mas não era tão fácil quanto Suzana fazia parecer.

— Preciso da sua ajuda para pegar os caras que realmente importam. Enquanto a Narcóticos continuar prendendo pequenos traficantes, vamos enxugar gelo eternamente. Se queremos fazer a diferença, precisamos pegar as mãos invisíveis que manipulam tudo.

PERIGOSAS ACHERON

— Está falando do Henrique Medeiros?

— Sim.

— Já tentamos, mas nunca conseguimos provas o suficiente para colocá-lo atrás das grades. Ele lava o dinheiro tão bem que tudo o que temos nunca passa de boatos.

— É para isso que eu preciso de você. Para termos provas concretas contra ele.

— Como acha que posso fazer isso, já que centenas de agentes já tentaram?

— Porque você é um bom agente, e é bonito.

Arregalei os olhos e encostei o corpo no encosto da cadeira, surpreso com o comentário inesperado vindo de uma delegada sempre tão séria.

— Relaxa. — Ela começou a rir e girou a

aliança dourada no dedo da mão esquerda. — Não se preocupe, não estou dando em cima de você, agente. Sou uma mulher muito bem casada.

— É, com o médico, eu sei.

— Sim, o Victor. Mas o meu casamento não vem ao caso, agora. Já você, nunca usou aliança, nunca mencionou a mesma mulher em uma conversa por mais do que alguns dias. Não tem uma namorada, nem um relacionamento duradouro.

— Não.

Que merda era aquela!? Ela lia meus pensamentos ou havia feito uma ficha detalhada sobre mim? Aquilo era assustador.

— Sim, eu puxei a sua ficha. Filho do meio de quatro irmãos, nasceu em Campinas, seus pais morreram em um acidente de carro no ano passado e, desde então, parece que não fala muito com o

resto da família. Os pelos na sua mochila me dizem que mora com dois gatos, um branco e um tigrado. Não, eu não leio seus pensamentos, mas leio as suas expressões, que costumam dizer muito sobre o que você está pensando.

Fiquei boquiaberto diante das afirmações dela. Era fácil entender porque cada policial novo se espelhava nela.

— Desculpa por ter te assustado. — Ela sentou outra vez atrás da mesa e me dirigiu um sorriso amistoso. — Eu geralmente costumava interrogar bandidos e não conversar com subordinados.

— Imagino que sinta falta da homicídios.

Ela cruzou os dedos e apoiou o queixo sobre eles ao suspirar.

— Gosto de pensar que, se estou fazendo um

PERIGOSAS NACIONAIS

bom trabalho aqui, evito muitas mortes lá na frente. Além disso, São Paulo foi um bom recomeço. — Ela foleou uma pasta que estava sobre a mesa e me estendeu uma foto. — Essa é a Patrícia Medeiros, filha única do Henrique. Seria apenas mais uma patricinha da alta sociedade, se não fosse responsável para distribuição de drogas nas favelas da zona leste de São Paulo e zona sul e norte do Rio de Janeiro, além de metade do Sudeste. Ela é o braço *esquerdo* do pai e conhece todo o esquema. É dela que quero que se aproxime.

Puxei a foto e a fitei por alguns minutos. Era uma mulher bonita, na altura dos vinte e cinco anos, usando óculos de sol como tiara nos cabelos castanhos e abraçada a um dálmata. Parecia uma mulher normal, com a vida boa demais para ter acesso a qualquer informação sobre o tráfico de drogas.

PERIGOSAS ACHERON

— ...que eu me aproxime como? — Cerrei os dentes temendo a resposta. Depois de todas as afirmações que a delegada havia feito sobre minha aparência, e o fato de eu ser um homem solteiro, ficou um pouco óbvio.

— Trabalhará como um policial infiltrado, caso aceite a missão. Quero que se aproxime dela, a conquiste. Durma com ela, namore com ela ou faça o necessário para ganhar sua confiança e ter acesso às informações que ela tem. Não é o primeiro infiltrado que temos nessa organização, mas seu trabalho será crucial para prendermos o Henrique.

— Não acho que a princesa do tráfico vai namorar um policial. — Ri, mas a expressão da Suzana deixou claro que não havia muita graça nisso.

— A partir de hoje, não será mais Lucas Vieira, agente da Polícia Federal, e sim Diogo PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Silveira. — Ela abriu a pasta outra vez e me jogou documentos. — Tem passagens na cadeia por roubo e assalto a mão armada. Será primo do Thiago, o líder de motoqueiros dos serpentes de aço, conhecidos por contrabando.

— Acha que esse cara vai concordar em mentir sobre o nosso parentesco?

— Ele foi preso há duas semanas e fizemos um acordo para que colabore, em troca de alguns anos de redução na sua pena.

— Entendi. — Fiquei olhando para os documentos na minha mão, que significariam uma nova vida por um período de tempo indeterminado.

— Então, está disposto a se infiltrar no inimigo?

— Estou aqui para prender os bandidos.

PERIGOSAS ACHERON

A minha resposta confiante fez com que a delegada abrisse um sorriso.

— Fico contente em ouvir isso, Lucas, ou melhor, Diogo.

Abri um sorriso amarelo enquanto olhava para a foto de Patrícia sobre a mesa branca à minha frente.

Nunca foi tão difícil pensar que eu teria que flertar e comer uma mulher bonita.



Capítulo

Três

Dias atuais...

A pior coisa de trabalhar como um policial infiltrado era largar meu apartamento confortável em um

bairro de classe média, para morar aos pés de uma favela na zona leste. Acordar com o som de brigas familiares, sem poder me intrometer e revelar meu disfarce acabava com o meu dia. Eu não era o cara mau e ter que me passar como um, de certa forma, incomodava.

Como eu era teoricamente um ladrão, ao menos tinha uma televisão e um vídeo game sem levantar suspeitas e isso ajudava a passar o tempo.

Sem camisa, toda a vez que olhava para baixo via a tatuagem de tigre no peito. Ainda ardia como o inferno e fazia mais de uma semana que eu tinha a feito. O menino aplicado que havia dado o melhor de si para se tornar um agente federal, agora parecia um bandido. Era cômico, para não dizer assustador.

Peguei um celular, que guardava sob um taco solto do chão e liguei para o único número na

PERIGOSAS ACHERON

memória.

— Alô. — Ela atendeu no segundo toque.

— Lucas, que bom ouvi-lo, como você está?

— Eu estou bem, delegada. As coisas estão caminhando como o esperado. Ontem fui ao bar, onde me disse que eu a encontraria. Patrícia apareceu com alguns amigos pouco depois que eu cheguei.

— Conseguiu se aproximar dela?

— Sim.

— A que ponto?

Engoli em seco, não sabia como dizer para minha chefe que tinha usado o meu *charme* para levar a filha do bandido mais perigoso do país para o banheiro. Mas imaginei que era exatamente isso que ela queria ouvir.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que começamos bem. Eu transei com ela. — Fiquei em silêncio logo após admitir. Durante toda a minha carreira de policial, nunca imaginei que o meu pau seria usado como arma, isso para não fazer uma comparação pior.

— Como você está? — O tom de voz da minha chefe mudou e foi como se, num piscar de olhos, ela não fosse mais a delegada, e sim uma amiga.

— Não é a primeira vez que saio para balada a fim de encontrar uma mulher para passar a noite, nem a primeira transa com uma desconhecida. Foi bom, bom como eu acho que não deveria ter sido.

— Não vejo problema algum em sentir prazer nisso, já que, para ganhar a confiança dela, é provável que isso aconteça mais vezes. Só não pode se esquecer do motivo pelo qual está aí, Lucas.

PERIGOSAS ACHERON

— Pode deixar.

A linha ficou muda por alguns minutos.

— Lucas, se em algum momento sentir que não dá mais, que não consegue fazer isso, me avise e volte, não quero perder mais nenhum homem.

— Relaxa, Suzana, eu vou ficar bem.

— Estou contando com isso. Se precisar de alguma coisa, me ligue.

— Pode deixar.

— Até mais, fique bem.

— Obrigado.

Ela desligou a chamada e eu guardei o celular de volta em seu esconderijo, para que nenhum bandido de verdade soubesse de sua existência. As minhas conversas com a delegada seriam restritas as informações enquanto eu estivesse infiltrado,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estava proibido de entrar em contato com a minha família; para eles, eu era apenas o excluído alimentando o meu luto e me afundando no trabalho; para o trabalho, eu estava de licença médica. Apenas Suzana e meia dúzia de outros policiais sabiam que eu estava infiltrado e isso era para a minha segurança, pois, infelizmente, haviam policiais na folha de pagamento dos traficantes.

Peguei o celular no qual havia pedido a Priscila para anotar seu número e decidi ligar para ela. No fundo, eu estava um tanto ansioso, por mais que precisasse me conter, sabia que mulheres gostavam de atenção e eu estava ali para agradá-la, ao menos até ganhar sua confiança.

Apertei o botão de chamar e respirei fundo. Chamou até quase cair e quando imaginei que ela não atenderia, a voz cheia de sono ecoou do outro lado da linha.

PERIGOSAS ACHERON

— Alô...

Eram quase três horas da tarde e o sol que entrava pela janela queimava a pele, fiquei surpreso ao constatar que ela ainda estava dormindo.

— Patrícia, oi, estou acordando você?

— Está. — Ela quase rosnou do outro lado da linha. — Quem é?

— Sou o... Diogo. — Por pouco não disse o meu verdadeiro nome, mas a minha pausa deve ter parecido apenas um instante de nervosismo diante do surto de raiva dela.

— Diogo?

— É, o cara que você conheceu ontem no bar de motoqueiros.

— Ah, o gostoso! — O tom de voz dela mudou instantaneamente assim que me reconheceu.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oi! Achei que não me ligaria.

— Eu não teria pedido o seu número se não fosse ligar.

— É ele? — Ouvi outra voz feminina perguntar ao fundo e a linha ficou momentaneamente muda.

— Fico feliz por ter ligado.

— Eu, mais ainda. Estava me perguntando se você não está a fim de sair comigo hoje à noite, talvez possamos repetir a dose de ontem.

— Eu adoraria, mas hoje eu não posso.

— Por que não? — Fiz bico, como se ela fosse capaz de ver. — Nem começamos a sair ainda e já está me dando um bolo?

— Gato, não vem com essa de começarmos a sair. Eu não sou esse tipo de garota, mas vou

PERIGOSAS ACHERON

guardar o seu número aqui e, quando estiver a fim de uma boa transa, eu te ligo.

Merda!

— Patrícia...

Antes que eu tentasse reverter a situação ao meu favor, ela tinha desligado na minha cara.

— Porra! — Eu me segurei para não tacar o telefone na parede.

Ou eu tinha feito alguma merda ou ela simplesmente estava se fazendo de difícil comigo. Talvez uma combinação dos dois, o que era mais provável.



Capítulo

Quatro

Na semana que se seguiu a um domingo tedioso em que eu nem podia sair para jogar futebol com meus amigos da polícia, eu cogitei jogar a merda no ventilador e sair daquela estúpida empreitada que era me fingir de bandido para me aproximar de uma

mulher. Porém, acabei percebendo que pareceria um fraco e isso definitivamente não era algo que me agradava, ao menos parecia pior do que ficar à mercê da vontade de uma *princesinha*.

Era quinta-feira e nenhum sinal dela; no pior dos casos, eu voltaria ao bar na sexta-feira à noite, na esperança de encontrá-la e fingir que era uma mera coincidência, o que não foi, desde o primeiro momento.

O micro-ondas apitou, me avisando que o meu jantar estava pronto. Era uma daquelas lasanhas pré-prontas que eu arremataria com um belo copo de refrigerante. Dane-se a minha preparação física, nunca havia me sentido tão entendido na vida. Sentei no sofá e coloquei meus pés sobre a mesa de centro enquanto ligava a televisão em um canal qualquer. Já havia zerado todos os jogos que trouxera comigo e precisava

PERIGOSAS NACIONAIS

arrumar alguns novos, caso a minha estadia naquele lugar ainda perdurasse por muito tempo. Peguei uma almofada para não colocar o prato quente direto no colo e fui comer. Assim que coloquei a primeira garfada na boca, meu telefone começou a tocar.

Era ela. Isso era óbvio, porque mais ninguém tinha aquele número. Deixei que chamasse e atendi lá para o sexto toque. No fundo, queria dar o troco.

— Oi, Patrícia.

— Ei, meu Tigre. Vou dar uma festa aqui em casa, para comemorar o aniversário de uma amiga e estava me perguntando se você não poderia dar um pulo aqui.

— Que dia?

— Hoje, daqui a uma hora.

PERIGOSAS ACHERON

— Talvez eu tenha outros planos. — Olhei para manete do vídeo game e a lasanha partida.

— Ah, fala sério! Que plano pode ser mais interessante do que eu?

— Não é a única coisa do mundo disponível no momento e, depois do gelo que me deu desde sábado, não sei se *tô* a fim.

— Ficou bolado com isso? Quando meu pai me chama para fazer as coisas, eu meio que sou obrigada a ir. Não era porque eu não estava a fim, mas, por favor, aparece hoje. Se vier, eu vou me esforçar para te recompensar, o que acha?

— Qual é o seu endereço?

— Vou mandar uma mensagem para você. Estou te esperando. — Patrícia desligou o telefone e eu respirei fundo.

Mais uma chance para ficar perto dela. Não era isso que eu estava buscando desde o início?

Comi mais um pedaço da lasanha antes de me levantar e ir para o quarto trocar de roupa. Coloquei uma camiseta azul-marinho, uma calça jeans preta e a jaqueta das Serpentes. Passei algumas gotas de perfume e parei diante do espelho, penteando meus curtos cabelos negros para cima. Sempre fui um cara vaidoso, mas diante da situação, tudo me parecia um grande exagero. Talvez porque nunca tive a obrigação de fazer com que uma mulher gostasse de mim.

Peguei o capacete, deixado em um canto da mesa e sai com a moto que havia deixado na sala, com medo de que a roubassem. Um trinta e oito estava escondido sobre o acento da moto e era a única arma que eu tinha ao meu alcance, caso as coisas complicassem para o meu lado. Esperava

PERIGOSAS NACIONAIS

não precisar usá-la, porque se esse momento chegasse, as coisas haveriam saído do meu controle.

Dei partida e segui para o endereço dela. Morando em São Paulo, não era uma coisa ruim fingir ser um motoqueiro, já que, muitas vezes, o trânsito da Marginal Tietê, uma das principais vias de acesso da cidade, estava sempre um caos e era impossível se mover rápido. A casa dela ficava em um condomínio fechado, onde fui obrigado a me apresentar a portaria e tirar o capacete para que me deixassem passar. Era engraçado a forma como as coisas ficavam no fim das contas, traficantes com toda a segurança, enquanto as pessoas comuns precisavam lidar com as consequências disso nas ruas.

Desci da moto em frente ao portão da casa, que era de grade e revelava os dois carros

PERIGOSAS ACHERON

importados na garagem. Segui a entrada e toquei o interfone e, antes que alguém me atendesse por ele, Patrícia apareceu no alto de uma escada na entrada e acenou para mim.

— Oi, tá aberto, é só puxar.

Segui as instruções e passei pelo caminho entre a grama, que levava até o início da escada, onde Patrícia esperava no topo. Assim que cheguei até ela, Patrícia me cumprimentou com um caloroso beijo na boca. Eu a puxei pela cintura para junto de mim e fiz que durasse.

— Agora quero ver me compensar — sussurrei ao pé de seu ouvido antes de mordê-la na orelha.

— Ainda tenho a noite toda. — Ela colocou a mão sobre o meu peito e me empurrou.

Patrícia me puxou pela mão e me arrastou

PERIGOSAS NACIONAIS

para dentro da casa. O cheiro de maconha no lugar era tão forte, que me deu uma leve dor de cabeça e pelas carreiras que eram cheiradas por um grupo reunido ao redor da mesa da sala, aquela não era a única droga disponível.

Ela pegou um cigarro da boca de outra mulher e fumou um pouco.

— Quer um trago? — Patrícia tirou da boca e colocou perto da minha.

— Não, para algumas coisas, eu prefiro não estar chapado.

— Vai por mim, assim o barato do sexo dura muito mais.

— Você também cheira crack?

— Não! É melhor ficar longe da mercadoria, se é que me entende. Além disso — ela me puxou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pelo colarinho da jaqueta —, essa merda fode com o cérebro, mas não espalha. — Se afastou, rindo.

— Eu sei.

— Vem! Quero te apresentar para uns amigos. — Saiu me arrastando. — Gente, esse é o Diogo. Mas ele gosta de ser chamado de Tigre, e ele arranha. — Patrícia gargalhou, tentando imitar o som de tigre, mas tudo o que fez foi um miado rouco.

Não sei quantos cigarros de maconha ou *shots* de vodka ela já havia ingerido, mas era obvio que havia passado do suficiente para ficar muito chapada, pelos pés trocados e a gargalhada embolada. Entretanto, os convidados da festa estavam no mesmo nível ou pior, então nem haviam notado a alteração no estado mental de sua anfitriã.

PERIGOSAS ACHERON

— Oi, Diogo! — As amigas tombadas sobre o sofá acenaram para mim e eu sorri de volta. — Você é um tesão, hein, Tigre.

— Tira o olho, esse aqui já é meu. — Patrícia mostrou os dentes enquanto pegava uma dose de tequila da bandeja do garçom.

— Não tô vendo aliança nem etiqueta nele.

— Fica na sua aí, e larga mão de ser assanhada. — Patrícia fez bico antes de tomar a doze de uma única vez.

— Você é muito egoísta, Pat.

— Tenho todo o direito de ser, Ludmila. Não tenho a menor vocação para santa. — Ela passou a mão pelo meu braço de novo e me levou para longe. — Você já foi modelo alguma vez? — Me encarou com seus olhos castanhos, assim que paramos em uma varanda, que dava vista para a

piscina na parte de trás da casa.

— Não, nunca. — ... *sempre quis me tornar um policial, como o meu pai*, completei em pensamentos.

— Você é bonito demais. — Passou a mão pelo meu rosto enquanto ria. Estava muito chapada, tanto, que mal controlava as próprias emoções.

— Isso é um problema? — Cruzei os braços, estufando o peito.

— Não, nenhum, desde que fique bem longe das minhas amigas.

— Disse que não é uma mulher que se amarra, então porque eu preciso ser? — Dei de ombros e a fitei com conto de olho, só para provocar. Quem sabe ela estivesse mais na minha mão do que eu tinha imaginado durante a última semana.

— Talvez você me faça rever esses conceitos... só talvez. — Apoiou a mão no meu peito enquanto contornava os músculos do meu tórax sob a camisa que os ressaltava. — Você malha bastante, não é?

— O suficiente.

— Não para não.

— Tudo bem. — Abri um meio sorriso, fazendo ela suspirar.

Por mais vergonhosas que tivessem sido as aulas com minha superior depois que aceitei a missão, ela estava certa, haviam gestos que eu fazia, mínimos e quase imperceptíveis, que pareciam deixar Patrícia cada vez mais interessada em mim.

— Por que não vamos para o meu quarto? — Escorregou os dedos pelo contorno do meu rosto,

sentindo a minha barba aparada.

— Achei que quisesse aproveitar a festa.

— Eu já aproveitei o suficiente.

Disso eu não podia discordar. Talvez ela tivesse aproveitado dos entorpecentes além da conta, por mais que fosse adverso a minha ética, isso não a incomodava. Não era o momento de pensar no bom policial, estava fingindo ser um cara mau e precisava começar a agir assim.

Peguei-a pelos ombros e apertei contra o meu peito, descí os lábios até sua orelha e a fiz estremecer.

— Me mostra o caminho para o seu quarto...

Ela moveu os lábios em um palavrão e agarrou a gola da minha camiseta, me puxando de volta para a sala e depois, por uma escada sentido

PERIGOSAS NACIONAIS

um andar superior. Os poucos convidados que ainda tinham consciência do que acontecia à sua volta deram alguns gritinhos, que só aumentaram o sorriso nos lábios de Patrícia.

Assim que Patrícia me puxou para dentro do quarto, eu fechei a porta com o pé. Nem tive tempo de olhar em volta, porque ela me empurrou contra a parede e ficou na ponta dos pés, para tocar meus lábios com os seus. Não pude negar o calor que me subiu como fumaça. Suzana estava certa, não havia mal algum eu gostar disso. Trabalho poderia ser prazeroso...

Soltei um gemido e parei de pensar em qualquer coisa quando ela mordeu o meu queixo, mandei pro inferno todos os motivos pelos quais eu estava ali. *Era sexo, só sexo...* Ouvi o som do zíper da minha calça pouco antes de Patrícia envolver meu pau com as mãos quentes e tremulas.

PERIGOSAS ACHERON

— Você parece ter saído do meu maior sonho erótico. — Subiu com as unhas afiadas por dentro da minha camisa.

— Posso tornar todos eles realidade. — A puxei pelo pulso e a girei, trocando de lugar, pressionando-a contra a parede.

O vestido que Patrícia era tão curto que, assim que ela virou de costas e empinou um pouco a bunda, eu vi sua calcinha ou a minúscula fita preta entre suas nádegas. Enchi a mão e dei um tapa, sem força para machucar, porém, o suficiente para fazê-la estremecer. Subi o vestido o suficiente para deixar a bunda toda de fora e a contornei com a ponta dos dedos, antes de dar outro tapa.

— Ai! — Patrícia soltou um gritinho, mas rebolou contra a minha mão. — Bate de novo.

— Você gosta é, safada? — Lambi a sua

nuca, sentindo um tesão danado enquanto ela rebolava para mim. *Putá que pariu!* Podia ser um policial, podia estar ali para arrancar informações, mas aquele corpo me tirava dos eixos. E a forma como ela correspondia a cada um dos meus toques, deixando claro o quanto eu a excitava me deixava ainda mais louco. Temi que aquela maldita missão estivesse me fazendo pular de cabeça em um caminho sem volta, porém, não conseguia pensar direito enquanto o desejo gritava de forma desenfreada dentro de mim. Meu lance com a Patrícia estava se mostrando um cabo de guerra e deixava claro que eu não estava assim tão no controle da situação.

Merda! Eu tinha que pensar com a cabeça certa, mas quando ela esfregou a bunda nua no meu pau de novo, eu não consegui.

Fiquei de joelhos e dei uma mordida na

bunda dela, fazendo-a gemer e se contorcer. Peguei sua calcinha e a escorreguei pelas coxas roliças até tirá-la, sem mexer nos sapatos de salto que Patrícia usava. Refiz com a língua o contorno antes ocupado pela calcinha e Patrícia se retorceu inteira contra a parede, cravando os dedos na pintura.

— Vai, Tigre, me aranha!

Passei as unhas da sua cintura até as costas da coxa, refazendo o contorno das nádegas e Patrícia gritou, alucinada. Subi as mãos, levando com elas o vestido e apertando as partes do seu corpo que iam ficando a mostra no processo. Ela levantou os braços para que eu retirasse a peça e o joguei no chão. Passei as unhas pela linha da sua coluna e rugi contra a sua orelha.

Dei outro tapa, agarrando sua bunda e Patrícia deu um pulinho. Abaixei minhas calças e a pressionei contra a parede com meu corpo,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

deixando o meu pau duro e pulsante entre a sua bunda. A pele dela era suave e macia, gostosa ao tato, o que apenas me incentivava a continuar explorando-a com as mãos. Talvez houvesse um tigre dentro de mim, pois a minha parte mais selvagem se libertava quando eu encostava a minha pele nua na dela. Coloquei meu pênis entre as pernas dela, mas sem penetrá-la, foi o suficiente para sentir a vagina raspada e inchada, excitada o bastante para me molhar.

Ela rebolou contra mim, quase implorando com gestos para que eu a penetrasse logo, porém, não pretendia dar esse passo, não ainda.

— É tão safada assim?

— Sou, principalmente quando me *encox*a.

— Você gosta é? — Pressionei ela ainda mais contra a parede.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim... — Gemeu. — Para de brincar comigo, desgraçado!

— Ainda nem comecei. — Esfreguei o pau nela um pouco antes de tirar.

Patrícia gritou palavrões que eu ainda nem conhecia quando me afastei.

Tirei a camisa e joguei no chão enquanto caminhava de costas na direção da cama. Meus olhos presos nos de Patrícia e os dela nos meus. Parei só quando bati a perna na estrutura de madeira da cama e sentei nela quando Patrícia me empurrou pelos ombros. Ela abriu o sutiã e seus seios saltaram na altura dos meus olhos. Os mamilos eriçados chamavam pela minha boca. A abracei, envolvendo suas costas com meus braços firmes e a apertei junto a mim. Ela revirou os olhos e gemeu quando abocanhei seu seio e comecei a chupar com força, como se fosse capaz de engoli-la

PERIGOSAS ACHERON

inteira dessa forma. Provava pouco a pouco do seu sabor, me deliciando com o gosto.

Quando ela raspou suas unhas pelas minhas costas, fazendo arder, mordisquei seu seio, fazendo-a dar um gritinho. Patrícia agarrou meus cabelos e me puxou para trás.

— Parece um cachorro até nos atos. — Lambeu os lábios com as pupilas dilatadas. Sua expressão não conseguia esconder o desejo que sentia por mim.

— Tigres também mordem. — Me esforcei para sair do seu enlace e mordi seu lábio inferior, fazendo-a se esfregar no meu pau duro.

Ela estendeu a mão e pegou uma camisinha na gaveta do criado-mudo. Por ter algo ali, tão ao seu alcance, foi imediato pensar quantas vezes ela havia trepado com caras naquela cama, porém, logo

afastei esse pensamento. Não era a hora nem o momento para me preocupar com isso.

Antes que eu pudesse dizer que não, Patrícia enfiou a mão entre nossos corpos, pegou meu membro e enfiou em si. Ela estava tão molhada e quente que eu deslizei com facilidade. Revirei os olhos, sendo tomado pela avalanche de prazer.

Gememos juntos quando ela soltou meu cabelo e escorregou a mão pelo meu rosto, apoiando a cabeça na minha, começando a me beijar. Agarrei sua cintura e ajudei a dar ritmo aos movimentos, que foram se tornando cada vez mais frenéticos. Minha respiração se ritmou com a dela e meu coração acelerou.

Patrícia ofegava contra a minha boca, misturando ainda mais seu fôlego com o meu. Com uma mão, ela voltou a agarrar meu cabelo, e com a outra, cravou as unhas pintadas de vermelho no

PERIGOSAS ACHERON

meu pescoço, provocando em mim uma leve dor, mas isso não diminuiu em nada o prazer que eu sentia.

Dei um tapa na sua bunda e ela jogou a cabeça para trás no momento em que um gritinho escapou por seus lábios aveludados. Arfou e mordeu os próprios lábios antes de voltar a capturar minha língua com a sua.

Passei meus braços sob suas coxas e a ergui, ainda cravado em seu interior, apenas para jogá-la na cama, ficando por cima. Escorreguei as mãos dos seus joelhos até suas nádegas e apertei no momento em que cravava fundo no seu interior. Não podia dizer que toda aquela minha selvageria era proposital, Patrícia despertava em mim uma parte adormecida que eu desconhecia. Naquela altura, enquanto me movia em frenesi, quase sem controle do meu próprio corpo, bebendo a goladas

do desejo e do prazer, eu me esqueci de quem eu era e o propósito de estar ali.

Sentia os músculos dela me apertarem com cada vez mais força, à medida que o nosso prazer crescia. E a cada vez que eu desliava para fora e dava um tranco para dentro, arrancava dela um gemido quase histérico. Seus dedos, que deslizavam pelo meu rosto e contornavam a minha face, não me deixavam parar de encará-la. Eu também não queria, havia algo em seus olhos que me enlouquecia. *Cacete, eu estava ficando louco.*

Escorreguei para fora apenas nos segundos que precisei para colocá-la de bruços. Agarrei seu cabelo no instante em que deslizava para dentro outra vez. Queria ouvi-la gritar meu nome, gemer até não aguentar mais. Entretanto, mudei a posição justamente por medo da influência que os olhos dela podiam ter sobre mim. Se eles eram a janela da

alma, não queria que Patrícia visse a minha.

Com uma mão agarrada ao seu cabelo, escorreguei a outra pela lateral do seu corpo até segurar sua cintura. Daquele jeito, eu podia entrar tão fundo quanto possível e arrancar ainda mais gemidos. Eu estava perto de gozar e não conseguia conter os movimentos do meu próprio corpo, queria mais e mais dela de uma forma tão incessante que poderia acabar me matando.

Segurei quando meu corpo dava sinais de esgotamento, já era até difícil me mover com músculos cada vez mais enrijecidos. Chegou um momento que eu não consegui mais, aquele corpo, aquela bunda, eram demais para mim. Respirei contra o seu pescoço enquanto deixava que meu pênis se esvaísse.

— Eu não acredito que ousou... — Patrícia estava prestes a tecer algum comentário sobre eu
PERIGOSAS ACHERON

ter gozado antes dela, quando a virei e calei sua boca com um beijo, ao escorregar minha mão por sua barriga e descer os dedos até seu clitóris.

— Só fica caladinha... — ordenei mordendo a sua boca que se revirava em meio a um gemido.

Movimentava um dedo sobre seu clitóris, e com o outro, a penetrei. Ela foi à loucura e me mordeu de volta. Meus problemas em relacionamentos passados nunca foram o sexo. Eu conhecia o suficiente o corpo de uma mulher pra fazê-la gozar.

Patrícia se agarrou a mim quando os seus gemidos ficaram altos demais e seu corpo esmoreceu. Beije-i-a na boca, capturando os resquícios de prazer e alimentando meu próprio ego.

Ela escorregou a unha pela linha das minhas

PERIGOSAS NACIONAIS

costas enquanto aprofundava o beijo, que durou até que nenhum de nós tivesse mais ar.

Tombei para o lado na cama e ela se deitou sobre o meu peito.

— Acho que posso me viciar nisso. — Seus seios ainda subiam e desciam com a respiração ofegante.

— Vício não é uma coisa boa.

— Quem foi o otário que disse isso?

— Algum por aí. — Mordi a língua ao acariciar seus ombros. Precisava conter minhas crenças perto dela. O personagem que eu interpretava não condizia com minha vida real.

— Não quero passar uma semana de novo sem isso.

— Isso o quê? — Franzi o cenho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sexo! Porra, Diogo, às vezes você parece mais lerdo do que os caras que trabalham pro meu pai.

— Sou tão bom assim? — Abri um sorriso malicioso.

— Esquece! Não vou alimentar o seu ego.

— Não foi você que me prometeu uma foda que compensaria o vácuo que me deu?

— Não acha que compensou? — Ela desviou o olhar ao traçar um círculo no meu peito com a ponta do dedo. Estava envergonhada e isso me fez rir.

— Ainda estou pensando. — Mordi os lábios e curvei as sobrancelhas.

— Vai tomar no seu cu, seu otário! — Ela me empurrou, saindo de cima de mim. — Sai da minha

PERIGOSAS ACHERON

cama!

— Acho que ainda não compensou, mas nada que algumas horas possam resolver. — Puxei ela pelo braço enquanto esperneava e tentava me socar. Meu treinamento fazia da nossa pequena luta algo muito injusto para ela.

A segurei pelo pulso, atando-a na cama e deixei sua cintura entre as minhas pernas.

— Me diz que não quer, que eu vou embora.

— Como se você ligasse para a minha opinião. — A firmeza na forma como me encarou deixou claro que o efeito da droga e do álcool que ela havia consumido tinha passado.

— É claro que eu ligo. — Soltei seus pulsos e saí de cima dela. — Eu jamais violentaria mulher alguma.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sentei na cama, olhando para a janela aberta e vi o vizinho sentado na casa em frente, provavelmente ele tinha assistido nosso pequeno *show*. Peguei minha camisa do chão e joguei para que ela pudesse se cobrir.

— Você é um cara estranho. — Ela se vestiu assim que percebeu o vizinho.

— Por que diz isso? — Apoiei as mãos nos joelhos, ainda sem encará-la.

— Não ia ser o primeiro que me fode sem o *meu consentimento*.

Engoli em seco. Já vi e ouvi muita coisa nos três anos trabalhando para a Narcóticos, mas aquela não era uma afirmação que eu estava preparado para lidar. Queria abraçá-la, protegê-la de qualquer otário que ousasse tentar feri-la de novo. Mas tive que cerrar os dentes e me segurar, porque não era a

PERIGOSAS ACHERON

reação que ela esperaria de mim. Porém, fui incapaz de reagir como um escroto e rir daquilo, apenas fiquei em silêncio, olhando para o nada.

— Di, você está bem? — Ela escorregou as mãos pelos meus ombros, me fazendo encará-la.

Para evitar que ela visse meus olhos lacrimejarem e numa desculpa para poder abraçá-la, a agarrei pelos cabelos e a puxei para um beijo. Sentei-a no meu colo, com carinho.

Assim que eu me afastei, eu a larguei na cama e me coloquei de pé.

— Eu preciso ir, lembrei que o Thiago me pediu para resolver uns esquemas que não posso deixar pra amanhã.

— Diego, espera! — Ela me segurou pelo braço. — Fica, desculpa se eu falei alguma merda. Sabe que eu quero você, gostoso. — Apertou

minha bunda, mas eu a ignorei e continuei a me vestir.

— Eu preciso ir, falamos depois.

— Diogo!

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Cinco

S aí

deixando Patrícia aos gritos, fui um covarde, mas não sabia como reagir. Os sentimentos dentro de mim me levariam a fazer alguma coisa que poderia atrapalhar tudo, mas no fim das contas, não sabia se ia conseguir mais.

Bati a porta, fazendo o barracão balançar inteiro. Eu estava me sentindo um merda, para não dizer coisa pior. Eu tinha o seu consentimento, porém, nada do que ela achava que sabia sobre mim era verdade. Por mais que meu corpo gritasse de desejo toda vez que a via seminua, tudo não

passava de um grande teatro para enganá-la e extrair informações sobre o pai.

Eu era tão escroto e baixo quanto os que tinham ferido Patrícia, eu estava a enganando.

Me sentei no chão e procurei pelo taco solto, onde guardava o celular pré-pago com o número restrito da delegada, para mantê-la informada. Meus dedos estavam escorregadios e trêmulos, o que só dificultava a minha busca. Quando finalmente consegui, liguei e ela atendeu no segundo toque.

— Chega! Eu não vou ficar nessa merda. Eu sou um policial porque eu sigo a porra das regras.
— As lágrimas que eu tanto tentei reprimir caíram de uma única vez.

— Lucas, calma, me diz o que aconteceu? —
A voz dela era suave e ponderada, como se tentasse

PERIGOSAS NACIONAIS

estudar a minha.

— Me disse que, se eu não aguentasse isso, eu poderia desistir.

— Sim, mantenho minha palavra. Você é um bom agente, não quero perdê-lo nessa guerra. Agora, respire fundo, mantenha a calma e me diga o que está acontecendo.

— Ela já foi estuprada, Suzana. — Confessar aquilo em voz alta me rasgou de dentro para fora.

— Na sua frente?!

— Não! Se isso tivesse acontecido eu teria sido preso por homicídio. O que eu *tô* fazendo com a Patrícia...

— Não! Não diga isso. Você não está obrigando ela a nada.

— Mas eu estou mentindo para ela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— As pessoas mentem o tempo todo. Posso te afirmar isso com toda a certeza do mundo. Mentimos para nós mesmos muitas vezes. A nossa vida é construída em cima das mentiras do que decidimos acreditar.

— Não...

— Escuta, Lucas! Lembra no meio do ano passado, quando demos uma batida num prostíbulo atrás de drogas e encontramos um monte de meninas lá? Nenhuma delas estava ali por escolha. Nenhuma! Se isso parte o seu coração, imagina o meu, que sou mulher e mãe. Acordamos todo o dia pra lutar contra essa merda! É por isso que você está aí, acabar com tudo isso. Mas, enquanto os chefões ainda tiverem operando, mulheres mais novas do que a Patrícia, crianças, vão ser tiradas das bonecas e trocadas por drogas. Você está fazendo a coisa certa.

PERIGOSAS ACHERON

A chamada ficou muda por alguns segundos, eu estava absorvendo o que ela dizia.

— Se você quer sair porque acha que não é justo enganar a Patrícia, pode sair. Mas lembre-se de que ela vai continuar alimentando as favelas com maconha e crack e esse círculo vicioso dos infernos não vai terminar nunca.

Respirei fundo. Foi como se a bronca dela tivesse me acertado como um soco no estômago, e quando voltei a respirar de novo, comecei a ver as coisas por outro ângulo. Ela estava certa, precisávamos prender o Henrique para mudar o destino de muitas meninas.

— Desculpa, eu perdi o foco.

— Você é humano e se importa, Lucas. Isso faz de você uma pessoa melhor. Vai perder o foco muitas vezes e quando isso acontecer, se lembre

dos motivos que o fizeram entrar para a polícia.

— Obrigado!

— Ainda quer largar tudo e voltar para o departamento?

— Não. — Consegui respirar de forma mais aliviada. — Eu quero fazer a diferença, e vou fazer a diferença.

— Obrigada, agente. Estou aqui para o que precisar de mim.

— Eu quem agradeço, senhora. Agora, vou desligar, nos falamos depois.

— Certo. Até mais.

A linha ficou muda e eu guardei o telefone de volta em seu esconderijo. Eu queria fazer a coisa certa, tornar o mundo um lugar melhor e prender os caras maus. Eram esses os motivos que me fizeram

PERIGOSAS NACIONAIS

querer me tornar um policial desde criança. Estava grato a Suzana por me lembrar deles.

Fui até a cozinha, tomei um copo d'água e respirei fundo, meditando, como fazia antes das aulas de *Muay Thai*.

Voltei para a sala e me agarrei a barra que havia instalado no teto, era o momento de parar de pensar e me exercitar um pouco. Comecei a me mover, para cima, para baixo e de um lado para o outro enquanto o suor escorria pelo meu corpo ia lavando a minha culpa.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo

Seis

Saí do
chuveiro com uma toalha amarrada na cintura e com as gotas escorrendo do cabelo molhado pelo peito e costas. O banho havia terminado de aliviar as tensões do meu corpo que o exercício físico não havia eliminado. Assim que tirei a toalha para secar

meu cabelo, o meu celular tocou.

Não podia ser mais ninguém, além da Patrícia e como eu havia decidido ficar, eu precisava atender. Mas tinha pensado em algo durante o banho que aliviara um pouco minha consciência. Estando perto dela, poderia protegê-la desses caras e evitar que algo assim voltasse a acontecer.

— Alô!

— Fiquei me perguntando se atenderia.

— Desculpa, não deveria ter saído daquele jeito.

— Está me pedindo desculpa?

Arqueei as sobrancelhas. Isso para mim era o esperado diante da forma como eu havia saído da casa dela.

— Estou...?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você realmente não é um cara normal. —
Ela gargalhou. — Eu te desculpo se me passar seu endereço. Pensei em pedir para alguns contatos arrumarem para mim, mas achei que seria mais fácil perguntar para você mesmo e evitaria que eu fosse escorraçada, caso não estivesse a fim de me ver.

— Eu estou a fim de te ver.

Juro que consegui imaginar o sorriso que surgiu nos lábios dela e me surpreendi com o quanto fiquei feliz com isso.

— Então me passa o seu endereço.

— Não acho que seja o tipo de lugar que você vai curtir.

— Você está nele? Se sim, eu vou gostar. Vai, para de ser chato e me passa logo o endereço!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Tá* bom. — Abaixei o telefone e mandei para ela uma mensagem. — Pronto.

— *Tô* indo praí, vê se não sai correndo de novo.

— Vai ficar me zoando com isso?

— Até me recompensar, sim, mas vou aí, te dar a oportunidade para mudar as coisas.

— Então vem logo.

— Hummm, gosto assim.

Ela desligou a chamada e eu deixei meu corpo cair sobre o sofá.

Olhei para baixo e vi que estava pelado. *Merda, precisava vestir alguma coisa! Ou não...* Não consegui conter o sorriso malicioso que tomou meus lábios. Estava ali alguma coisa que não era mentira no meio de toda aquela armação, eu sentia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um tesão enorme por Patrícia e só de pensar no seu corpo, meu pau acordava. Talvez uma bermuda me ajudasse a manter as coisas sob controle.

Eu me levantei e fui pegar uma no pequeno guarda-roupa. Foi só o tempo para me vestir que alguém bateu na porta.

Senti algo se revirar no meu estômago. Seria ansiedade? Esperava que não.

Quando abri a porta, eu a encontrei sorrindo, com um pequeno engradado de cerveja numa mão e uma garrafa de vodka na outra.

— Pensei em trazer a festa para cá.

— Mas, e os seus convidados?

— Eles eram uns chatos, prefiro muito mais você. — Patrícia me empurrou para dentro com a mão aberta sobre o meu peito. — Tomou banho...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu estava todo suado.

Vi um pequeno trovão atravessar seus olhos castanhos, demonstrando que ela havia ficado furiosa, porém, guardou para si.

— Espero que os homens do Thiago e o resto da gangue não tenham arrumado para você algum passatempo mais interessante do que eu.

— Não, não se preocupe. Eu estava só me exercitando. — A puxei pelo queixo e dei um rápido selinho.

— Isso é bom. — O sorriso voltou a tomar conta dos seus lábios. — Esses músculos não se mantêm sozinhos.

— Sobre mais cedo...

Ela cobriu meus lábios com as pontas dos dedos e fez com que eu me calasse.

PERIGOSAS ACHERON

— Já é mais de meia noite, podemos deixar o que aconteceu no ontem, se não quiser mais falar sobre isso.

— Prefiro assim.

— Então já esqueci. — Colocou as cervejas e a vodka sobre a mesa antes de envolver meu pescoço com os braços finos. — Onde paramos mesmo?... Ah, me lembrei. — Me puxou para si e começou a me beijar.

Peguei ela pela cintura e a sentei na mesa. Patrícia empurrou as bebidas para o lado com uma das mãos e por pouco não as derrubou no chão.

Puxei suas coxas e apertei meu pau entre as suas pernas, fazendo-a estremecer.

— Se meu consentimento importa pra você, pode saber que tem ele todo. Todinho... — Ela fechou os olhos e jogou a cabeça para trás,

estufando os seios na minha direção.

Patrícia estava sem sutiã e eu pude ver os mamilos marcarem a camiseta rosa, puxei a saia jeans para cima e constatei que ela também não usava a calcinha. Assim, ela queria acabar comigo, não resistiria nem se tentasse muito. Dane-se, não precisava resistir.

Agarrei os seios dela, ainda sob a camiseta, mas sem a presença do bojo do sutiã, podia senti-los. *Tão macios, tão firmes...* Lá estava eu, excitado e duro de novo, morrendo de tesão. Com a outra mão, segurei seu pescoço e o tombei para o lado, para mordê-lo. Patrícia raspou meu rosto com a unha, arrancando alguns fios da minha barba. Chupei o seu pescoço com força o suficiente para deixar uma marca. O cheiro do seu perfume me embriagava e minha pele queimava pedindo pela dela.

Meu pau já pulsava dentro da bermuda e eu o pressionei mais contra o meio das pernas de Patrícia. Gemendo juntos. Pela forma como Patrícia me beijava e correspondia a cada um dos meus toques, deixava muito claro o quanto ela me queria. Naquela altura, eu mandei pra casa do caralho qualquer pensamento que me levou a querer parar de transar com ela. Ela queria e eu também, isso tinha que bastar, por hora.

Patrícia escorregou a mão pelo meu abdômen e puxou o velcro da minha bermuda. A peça caiu com o peso do celular no bolso e eu também não estava usando uma cueca. Meu pênis pulsou. Estava latejando de vontade e eu não queria mais nada naquele momento que não fosse estar dentro dela.

— Você é muito gostosa. — Pressionei minha boca contra a sua orelha instantes antes de

penetrá-la.

Patrícia puxou meu cabelo e revirou os olhos quando entrei num tranco, sem a menor cerimônia. Puxei ela mais para a beirada da mesa, segurando firme em sua cintura enquanto começava a me mover. Ela não estava tão molhada por termos demorado menos nas preliminares, mas o pouco mais de atrito fez com que eu sentisse ainda mais prazer. Escorreguei a mão pela sua cintura e agarrei sua bunda ao mesmo tempo que Patrícia se movia contra mim, aumentando a velocidade dos movimentos. Segurei, com a mão livre, seu cabelo macio e capturei seus lábios com os meus. Naquele momento, eu era incapaz de desejar estar em outro lugar. O corpo de Patrícia se moldava ao meu de uma forma, que era impossível identificar onde um terminava e o outro começava.

— Merda! — Gritei ao tirar dela pouco antes

PERIGOSAS NACIONAIS

de gozar, me esvaindo no chão assim que me lembrei que estava sem camisinha.

— O que foi? — Ela me encarou sem entender.

— Esqueci da camisinha.

— Fodas! — Ela me puxou para um beijo, ignorando o que eu havia acabado de dizer.

Cedi ao beijo e fui descendo com os lábios pelo seu pescoço, seus seios, sua barriga, até me ajoelhar entre suas pernas. Soprei ar quente antes de pressionar o clitóris com a língua. Patrícia abriu mais as pernas e agarrou meu cabelo com as duas mãos, me fazendo afundar o rosto em seu sexo. Senti seu gosto na minha língua, sua textura e umidade. Que delícia era poder prová-la daquela forma. Enfiei dois dedos nela e comecei a movê-los no ritmo da minha língua. Não levou mais do que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

alguns minutos para que Patrícia desmoronasse sobre a mesa em meio ao prazer.

Fiquei em pé de novo e a beijei. Peguei uma das garrafas de cerveja, abri girando a tampa e tomei um gole. Aquela era a única missão que me permitia beber durante o trabalho.

— Ainda estou com as pernas bambas. — Ela respirou fundo.

— Da próxima vez, não te faço gozar. — Dei de ombros tomando mais um pouco da cerveja.

— Nem ouse ou eu te capto.

Gargalhei diante da ameaça dela, cogitando se seria capaz disso ou não, e cheguei à conclusão que era melhor não correr o risco. Me sentei no sofá e liguei a televisão. Patrícia pulou da mesa e veio para o meu colo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não deveria ter parado. — Cerrou os dentes e fingiu uma expressão brava.

— Não deveria ter esquecido a camisinha, isso sim. — Enrolei uma mecha do cabelo dela entre os meus dedos.

— Não adianta ficar preocupado em pegar alguma coisa se me chupa toda vez que tem oportunidade. — Ela levantou o queixo.

Estava certa, mas eu não conseguia afastar a minha boca do seu corpo.

— Relaxa, não tenho nada. Faço exames com frequência.

— Está transando com outros caras? — Engoli em seco logo depois de fazer a pergunta. Confesso que temia a resposta mais do que estava a fim de admitir.

PERIGOSAS ACHERON

— Bom... — ela mordeu os lábios e meu coração gelou — depois que fizemos no bar, não tive tempo de ficar com outro cara.

— Tempo? — Arqueei as sobrancelhas e arregalei os olhos, surpreso com a resposta.

O que está fazendo, Lucas?! Nessa relação não cabe ciúmes, ela não é a sua mina. Briguei comigo mesmo em pensamentos.

Patrícia sorriu. Talvez tivesse percebido a minha reação bastante exagerada ao seu comentário debochado.

— *Tá* com ciúmes.

— Não — respondi rápido demais.

— *Tá* sim. Eu mal te conheço.

— Ainda assim, está aqui, pelada, comigo. — Desviei o olhar para o noticiário qualquer que

PERIGOSAS NACIONAIS

estava passando sobre as obras de uma ponte que havia cedido sobre a Marginal Pinheiros.

— Já fiquei pelada com muitos caras. — Ela puxou o meu queixo e me fez encará-la. — Você não?

— Com caras, não. — Não contive a piada e comecei a rir. Tudo bem que ficava no vestiário da polícia, mas isso ela não iria saber.

— Seu idiota! — Deu um tapa no meu peito, sobre a tatuagem do tigre. Senti uma leve dor, porque ainda estava cicatrizando. — Como perdeu a virgindade?

— Para que quer saber disso? — Balancei a cabeça em negativa.

— Quero saber mais sobre você. — Acariciou meu rosto enquanto me encarava, como se tentasse ler alguma coisa nos meus olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foi com uma menina da minha sala, quando eu estava no ensino médio, numa festa na casa dela. Não sabia por onde começar e nem ela. Certamente passou longe de uma das melhores experiências da vida. — Ao menos aquela informação sobre mim era verdade.

— Temos que começar de algum jeito. — Ela riu com um claro amargor nos olhos. Não pareceu feliz ao lembra-se de sua experiência.

Passei o próximo minuto me perguntando se deveria ou não a questionar sobre isso e antes que eu abrisse a boca, Patrícia começou a falar.

— Eu tinha quatorze quando meu pai me trocou por uma remessa de cocaína com o cartel do golfo. O cara era velho e nojento, mas acabou rápido.

Eu fiquei perplexo por alguns minutos e torci

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para que ela começasse a gargalhar e dissesse que estava brincando, porém, isso não aconteceu. Eu já odiava o Henrique, aquele rato, por muitos motivos. Mas a própria filha?! PORRA! Que filho da puta sem escrúpulos conseguiria fazer isso? Apertei a garrafa de cerveja na minha mão com toda a fúria, se o vidro fosse um pouco mais fino, teria espatifado entre os meus dedos.

Soltei a garrafa vazia no chão e ela rolou até parar no pé da mesinha. Peguei Patrícia e a envolvi em meus braços, colocando-a bem próximo ao meu coração, que batia apertado.

— Não vou deixar um porco desse colocar a mão em você de novo. — Beije-a no alto da cabeça quando senti suas lágrimas molharem o meu peito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo

Sete

Acordei com as costas doendo por ter dormido de mal jeito e todo torto no sofá ruim, porém, não me mexi ao notar que Patrícia dormia calmamente sobre o meu peito. Ela respirava de forma tão tranquila que parecia um anjo. Não sabia o quanto

PERIGOSAS NACIONAIS

aquele mundo cruel tinha corrompido ela, mas assim, dormindo, parecia uma criatura inocente.

— Bom dia! — Abriu os olhos devagar e sorriu.

— Bom dia.

— Você não é um sonho.

— E porque eu seria? — Escorreguei os dedos pelo cabelo que caia como um véu por suas costas nuas.

— Um cara gato e gentil não faz parte da droga de mundo em que eu vivo, então, você só pode ser um sonho.

Eu era um homem integro e não conseguia mudar isso, mesmo fingindo ser outra pessoa.

Dei um leve beliscão na sua bunda.

— Aí, por que fez isso!?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Além da desculpa para passar a mão em você? Provar que não é um sonho.

— Bobo!

Ela estava prestes a me beijar quando o seu celular começou a tocar.

— Vai a merda! — Cerrou os dentes, ficando furiosa.

— Não vai atender?

— Queria não precisar. — Ela saiu de cima de mim e foi buscar o aparelho.

— Oi, pai! — O sorriso nos seus lábios se apagou instantaneamente. — O carregamento chega hoje?! Mas não era amanhã?... Acho que esses malditos bolivianos tinham que ter avisado... Ah, avisaram para você. Então vai receber essa merda no meu lugar, estou ocupada... Com quem

PERIGOSAS ACHERON

não é da sua conta! *Tá*, eu vou, mas vou comprar outro carro. Sim, eu vou. Tchau.

Fiquei apenas a observando enquanto conversava com Henrique. Aquele *Camaleão* maldito não ficaria livre por muito mais tempo.

— Preciso ir. — Ela pegou a blusa que havia jogado no chão e começou a se vestir.

— Vai onde? — Peguei a minha bermuda.

— Resolver umas paradas.

— Posso ir com você, se quiser.

— Não acho que vá curtir o ambiente.

— Como disse ontem, se estiver por perto, tenho certeza que vou gostar. — Acariciei seu rosto, fazendo-a fechar os olhos para sentir meu toque.

— Está com o Thiago nos lances de
PERIGOSAS ACHERON

contrabando?

Fiz que sim.

— O meu esquema é droga. — Ela vestiu a saia.

— Eu sei. O Camaleão é bem famoso.

— Meu pai é um maldito safo. Que seja! Tem um carregamento que está chegando da Bolívia hoje à tarde e eu preciso ir lá pegar.

— Posso ir com você? — Cheguei mais perto e passei meu braço em sua cintura, fazendo com o que o meu calor contasse alguns pontos ao meu favor em sua decisão.

— Tá, mas precisa ficar na sua.

— Nem vão notar minha presença. — Beijei-a no meu pescoço.

— Eu vou e isso me faz bem.

PERIGOSAS NACIONAIS

Puxei ela pela nuca e a beijei por alguns segundos.

— Vista algo menos pelado, para o meu desgosto.

Eu ri.

— Sabe usar uma arma?

Fiz que sim.

— Só não tenho uma. — Não podia contar para ela da arma registrada no meu distintivo que eu escondia na moto, isso só geraria perguntas das quais eu não conseguiria me esquivar sem dizer a verdade.

— Isso é o de menos. Arrumo uma *pra* você. Na minha casa eu guardo algumas. — Ela calçou as sandálias. — Vamos comigo até lá, porque eu preciso trocar de roupa.

PERIGOSAS ACHERON

— Ainda bem que não precisei pedir.

— Para quem disse que não tem ciúmes, você está muito chato. — Revirou os olhos e eu gargalhei.

— Se não quiser que eu a faça parar em algum beco no meio do caminho para que eu te coma, é melhor vestir algo que te deixe menos a mostra. — Levando em conta todo o meu desejo desenfreado, havia muita verdade naquela minha afirmação.

Patrícia sorriu para mim, mas não disse nada, apenas saiu porta afora e eu a segui.



Desci do carro logo atrás dela. Ajeitei o 38

que Patrícia tinha me dado dentro da bermuda e o cobri com a camiseta. Estávamos em um beco atrás de uma ponte, próximo ao terminal do Sacomã. Já eram quase oito horas da noite e o local tinha as lâmpadas quebradas e praticamente nenhum pedestre caminhando pela rua. Era o local perfeito para qualquer transação ilegal.

Um caminhão enorme dobrou a esquina e parou a alguns metros de nós. Patrícia e eu não estávamos sozinhos. Havia cerca de quinze capangas e alguns deles armados com fuzis, para garantir a segurança da *princesa*.

Ela caminhou até a traseira do carro e abriu o porta-malas, revelando duas malas pretas cheias de dinheiro.

O homem que dirigia o caminhão saltou da carroceria e bateu a porta com força. Ele era alto, gordo e tinha um espesso bigode cobrindo sua boca

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seca. Suas feições não eram gentis, nem amigáveis. Talvez fosse esse o seu trabalho. Três outros homens desceram logo após ele.

— Oi, gracinha. Seu pai disse que você viria, confesso que fiquei até mais animado em fazer a entrega.

— Juarez... Está com o meu pó?

— Alguma vez eu já te decepionei, gracinha? — Ele estendeu a mão na direção de Patrícia, tentando tocá-la. Eu me contive para não ir para cima dele, mas respirei fundo quando vi que ela era capaz de se esquivar muito bem sozinha.

— Trouxe os quinhentos quilos de cocaína pura?

— Sim. Estão dentro de tubos de pasta de dente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pasta de dente?! Porra! A sua mãe vai abrir um por um.

— Só se você ajudar. — Deu uma piscadela para Patrícia. — Não fode! Precisávamos de um jeito de passar pelos federais e os sacos de batata já estavam ficando visados. Estavam parando todos os carregamentos, tivemos quase uma tonelada apreendida no último mês.

— A fronteira é problema do cartel. Achei que já tivessem se acertado com os federais.

— Na maior parte das vezes, sim. Mas às vezes aparecem uns metidos a herói, morrem cedo, esses idiotas.

— Chega de papo e coloca o pó no furgão.

— Queremos o dinheiro primeiro. Combinamos três milhões de dólares, seu pai tem mania de tentar passar a perna em nós e não acho

PERIGOSAS ACHERON

que você seja assim, não é, gracinha?

— Três milhões porra nenhuma, Juarez! Dois milhões e meio, em dólares americanos. Era esse o combinado.

— Sem o dinheiro, sem a droga. — Ele deu de ombros e eu vi Patrícia mudar de cor, ficando vermelha com a raiva.

— Acham que vão crescer para cima de mim e eu vou deixar por isso mesmo? — Patrícia puxou o revólver e apontou na direção do cara. Vi medo no olhar dele por uma fração de segundos, mas logo ele recuperou a postura. — Poe a porra da droga no furgão e levem os dois milhões e meio do acordo ou eu estouro seus miolos aqui mesmo, e vai ficar sem merda nenhuma.

Eu fiquei tenso, assim como todos os homens que estavam ali. Os caras do cartel certamente não

faziam ideia do que ela era capaz de fazer. Os homens que acompanhavam Juarez ergueram suas armas na direção de Patrícia e eu na direção deles, e os outros homens que nos acompanhavam fizeram o mesmo.

— Abaixem as armas. — Juarez fez um sinal para os seus homens e nós também abaixamos. A única que manteve a arma apontada foi Patrícia. — Um docinho como esse não seria capaz de atirar. — Ele passou a língua pelos lábios.

Patrícia mirou no sujeito ao lado dele e atirou, acertando-o no meio dos olhos. Dei um passo para trás, surpreso. Por sorte, minha expressão de total espanto não era a única. Vi o cara tombar no chão, caindo aos pés de Patrícia e uma poça de sangue se formar ao redor da sua cabeça.

— Então, vamos fazer negócio ou vai ficar aí,
PERIGOSAS ACHERON

testando a minha paciência?

Juarez engoliu em seco enquanto seus olhos ainda estavam arregalados.

— Coloquem a droga no furgão. — Depois de um longo suspiro, ordenou aos seus homens.

— Gosto de quando as coisas são solucionadas de forma pacífica. — Patrícia travou a arma e colocou de volta na calça.

Ajudei a pegar as caixas e dividimos em dois furgões. Ainda estava perplexo com o que Patrícia tinha feito, mas diante do mundo que vivia, era provável que agisse daquela forma em algum momento. Assassinatos no mundo do tráfico aconteciam com a frequência que se tomava uma cerveja.

— Aqui está o seu dinheiro. — Patrícia pegou as duas malas e entregou ao sujeito. — Quer

que eu espere você contar?

— Não. Confio na sua palavra.

— Melhor assim. — Ela abriu um meio sorriso e entrou no seu carro.

Olhei para os caras e caminhei quase que de costas para me sentar no banco do carona, por pouco não tropecei no meio-fio da rua. Fiquei me perguntando quantos segundos levaria para sacar a arma, caso precisasse ser rápido.

Assim que eu entrei, Patrícia deu partida no carro, acelerou para fora da rua e foi seguida pelos dois furgões ocupados pelos capangas de seu pai.

— Não esperava que você fosse atirar. — Apoiei as mãos sobre meus joelhos e curvei o corpo para frente.

— Eles também não e foi por isso que eu

atirei. Quando se é mulher, se não impõe respeito, eles montam em você. Para sobreviver nesse mundo, eu tenho que fazer me temerem muito mais do que temem o meu pai. — Ela me olhou pelo reflexo do retrovisor central. Seus olhos eram firmes e sua expressão congelou meus ossos. Talvez ela precisasse bem menos da minha proteção do que eu imaginava.

— Para onde estamos indo agora?

— Para casa, onde a droga é processada e distribuída. Metade do que pegamos hoje tem que estar na zona leste do Rio amanhã cedo.

Fiquei em silencio enquanto ela dirigia. Era melhor assim ou meu espirito de policial acabaria me pregando alguma peça e Patrícia ficaria desconfiada. Levou uma meia hora até chegarmos ao destino. Era uma lavanderia no Morumbi, o que justificou as logomarcas na lateral dos furgões.

PERIGOSAS ACHERON

Nada mais irônico do que uma lavanderia para esconder o esquema e, literalmente, lavar o dinheiro do tráfico.

Desci do carro junto com Patrícia e me perguntei se ajudava ou não os outros homens a tirarem as drogas dos furgões. Decidi que não me moveria para ajudar, as drogas receberiam de mim o esforço mínimo para manter meu disfarce e já que eu era um bandido, não precisava ser gentil ou solícito.

Segui Patrícia para a entrada da lavanderia, a mulher na recepção olhou para ela e deu um breve sorriso.

Entramos por uma porta de acesso restrito a funcionários e descemos por uma escada até o porão. Fiquei surpreso ao ver a dezena de pessoas que estavam ali no lugar abafado e sem janelas. O cheiro de cocaína era tão forte que dava dor de

PERIGOSAS ACHERON

cabeça. Em duas mesas grandes, como aquelas de refeitório, havia várias pessoas manipulando as drogas e as escondendo: em canecas térmicas, o pó de coca; e em sacos de chupchup, pedras de crack.

Patrícia seguiu para a lateral até uma pequena sala, feita com muros de grades, onde eu pude vê-lo de longe. A fúria que subiu em mim foi instantânea, como algo fervendo no fogo, precisei cerrar os punhos e morder os lábios para me conter, porque tudo o que eu desejava era acertar o maldito Henrique bem no meio da cara.

— Oi, pai!

Ele largou um bloco de dinheiro sobre a mesa branca de escritório e encarou Patrícia.

— Meu amor.

Ela abriu um sorriso amarelo, mas se esquivou do abraço que ele tentou dar nela.

— Sabia que aquele maldito ia tentar tirar vantagem de mim, foi por isso que me mandou.

— Não. Tinha certeza que você lidaria bem com ele. Juarez precisava de uma lição e nada melhor do que a minha herdeira.

— Lição? Sei! Ia deixar a bomba estourar na minha mão e me ferrar.

— Tenha calma, Patrícia. Não se altere, querida.

Ela cerrou os dentes, mas parou de rosnar.

— Quem é esse? — Ele caminhou na minha direção e parou na minha frente, me encarando. — Tirou de algum desses catálogos de modelo?

— Não! Esse é o Tigre, e não é um modelo. Estamos saindo e ele me deu uma força.

— Força? — Henrique franziu o cenho e se

PERIGOSAS NACIONAIS

aproximou, como se estivesse me farejando.

— Sim. Já que me deixou segurar aquela pica sozinha, foi bom ter alguma ajuda.

Ele torceu os lábios e deu de ombros.

Memorize a minha cara, otário! Porque eu serei seu maior pesadelo. Aquele que vai te jogar numa prisão de segurança máxima.

— De onde tirou esse cara? Parece aqueles bundões de filme americano.

— Sim, ele é lindo. Obrigada por reparar.

— Eu sou dos Serpentes de Aço — falei, cansado de vê-los conversar como se eu não estivesse ali.

— Ah, os molengas dos contrabandistas.

Meu sangue ferveu outra vez e me contive, cerrando os punhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não deveria tê-lo trazido aqui.

— Eu me responsabilizo por ele.

— Colocando o seu na reta por um cara, filha? Achei que tivesse te criado para ser mais esperta do que isso. — Ele caminhou de volta para a cadeira atrás da mesa e se sentou.

— Você me criou para muitas coisas. — Ela estalou os dedos e olhou de lado.

— Fez um bom trabalho hoje. Estou orgulhoso.

— Se não tivesse feito, eu estaria morta. — Patrícia deu de costas e saiu andando.

A seguiu enquanto via os capangas do Henrique olharem para ela, boquiabertos. Acho que ela era a única ali capaz de questionar a autoridade dele.

PERIGOSAS ACHERON

No caminho de volta, eu tentei memorizar cada traço do lugar para informar o pessoal da Narcóticos. Teria que esperar um pouco para que não ficasse óbvio que a dica fora minha.

— Vamos embora daqui. — Ela olhou para mim antes de subir a escada.



Capítulo

Oito

coloquei a minha mão sobre a dela assim que paramos em um sinal.

— Não disse nada desde que saímos de lá.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou muito puta e não quero descontar em você. — Ela apertou o volante e continuou fitando a rua.

— Isso foi muito escroto da parte do seu pai.

— Escroto é muita bondade sua. Mas eu não deveria ter me surpreendido, não é a primeira vez que ele me joga no fogo e tenho que me livrar sozinha.

— Patrícia? — Olhei pelo retrovisor quando já não prestava mais atenção no que ela estava falado.

— O que foi? Não vai me dizer que estou errada e deveria ser mais compreensiva com ele, juro que chuto você do carro aqui mesmo.

— Tem um carro seguindo a gente faz uns dez minutos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tem certeza? — Ela olhou para os dois retrovisores enquanto buscava alguma confirmação visual do que eu tinha falando.

— Sim, mesma placa. Estão mantendo uma distância de dois carros para disfarçar, mas estão atrás de nós.

— Saco! — Ela socou o volante antes de virá-lo para pegar uma saída a esquerda, deixando uma via de acesso rápido e caindo na marginal.

Quando o carro atrás de nós fez o mesmo movimento, tive certeza de que estávamos sendo seguidos. Estava à noite e já era difícil enxergar direito, mas com os vidros escurecidos pelo *insulfilme*, era impossível enxergar dentro do carro. O utilitário preto acelerou, como se estivessem dispostos a passar por cima do carro esportivo que Patrícia dirigia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela virou o carro com tudo em uma esquina, tombei para o lado com o movimento brusco e bati o braço na porta.

— Tem um rifle debaixo do meu banco. Pega ele e atira.

Haviam pessoas inocentes fora de suas casas naquele momento e a chance de acertar alguém me pareceu muito grande. Se o carro que nos perseguia fosse blindado, as balas poderiam ricochetear.

Ainda estava pensando no risco de tudo aquilo quando eles baixaram o vidro do carona e atiraram em nossa direção, estilhaçando o vidro traseiro do carro.

— Pega o rifle, Diogo! Vai ficar esperando nos matarem?!

Joguei meu corpo para trás e peguei a arma no local indicado. Tombei no banco enquanto

PERIGOSAS ACHERON

escorava a arma no meu braço direito e mirava meu tiro. Acertei o para-brisas bem no centro e, por sorte, o vidro se estilhaçou. Alguém era burro o bastante para nos perseguir com um veículo não blindado. Pude ver o motorista e um homem sentado no banco do carona, porém, não deveriam ser os únicos dentro do carro.

Patrícia ainda dirigia em ziguezague pelas ruas do bairro, tentando despistar nossos perseguidores.

Atiraram outra vez em nossa direção, acertando o retrovisor do meu lado. O estilhaço voou na minha direção e eu tombei a cabeça em reflexo, sem me dar conta de que o vidro ainda estava ali para me proteger das partículas externas.

Mirei de novo e atirei, acertando o motorista no meio da cabeça. O cara que estava no carona tombou para segurar o volante, porém, não

PERIGOSAS ACHERON

conseguiu evitar que o carro invadisse o meio-fio e batesse em um poste.

— Diminui! — gritei para Patrícia.

Meu coração palpitava, a adrenalina e meu instinto de sobrevivência haviam ido a mil. Minhas pernas formigavam com o sangue que se acumulava nelas para o momento em que eu necessitasse correr.

Patrícia pisou no freio e eu abri a porta, rolando para fora do carro com a arma pronta para atirar. Acertei a mão do cara antes que ele conseguisse pegar a arma. Me levantei do asfalto e caminhei na direção dele com a arma apontada para a sua cabeça. Ele se contorcia, segurando a mão atingida pelo tiro e tentando estancar o sangue, que não parava de escorrer.

Patrícia parou o carro no meio da rua que, por

PERIGOSAS NACIONAIS

sorte, estava vazia e caminhou atrás de mim, também com um revólver em punho.

— Quem é você e porque estavam atrás de nós? — Parei a menos de um metro do cara para que pudesse encará-lo.

Ele cuspiu em mim, se negando a me responder.

— Fala logo, porra! — Patrícia atirou na rua ao lado dele e o som da bala se chocando contra o asfalto fez com que o cara desse um pulinho de susto.

Ele ficou a encarando, como se já tivesse aceitado a morte. Furiosa, Patrícia pisou na mão baleada e o cara urrou de dor.

— Você pode morrer rápido ou devagar, a escolha é toda sua. Eu, particularmente, *tô* a fim de me divertir um pouco. Meu dia foi uma merda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vai se foder, prostituta!

Patrícia rosnou ao acertar a cara dele com um chute.

— Prostituta é a sua mãe! — Patrícia se ajoelhou e encostou o cano gelado do seu revólver na cabeça do homem.

— Vamos tomar a cidade de volta. Fala *pro* seu pai que os dias dele estão contados.

Patrícia rosnou e deu um tiro que atravessou a cabeça do cara e sujou sua camiseta de sangue.

— Ei! Porque matou ele? Tínhamos que saber quem eram.

— Eu sei quem eram. — Ela passou a mão pelo rosto, tirando a gota de sangue que havia espirrado nele.

— Quem?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eram da Família Vermelha. Disputavam o controle de São Paulo com a gente, até meu pai caçar e matar os líderes deles. Devem estar atrás de mim por retaliação. — Ela olhou para mim e sorriu. — Fico feliz que esteja aqui, comigo. Poderiam ter me pegado, se eu estivesse sozinha.

— Não deveria andar por aí sozinha. — Cruzei os braços e fechei a cara.

— Não banca o superprotetor, não faz o seu perfil. — Ela me mostrou a língua. — Vamos embora daqui, antes que os militares apareçam. Alguém já deve ter ouvido os tiros e ligado pra polícia.

Assenti e caminhei na direção do carro. Saber que eles eram de uma facção criminosa aliviou um pouco a minha consciência quanto a ter matado um deles, porém, não me faria dormir tranquilo naquela noite.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você matou muitos caras hoje. — Puxei a porta e entrei no carro.

— É como o sexo, fica mais fácil com a prática. — Ela puxou o cinto sem olhar para mim, como se tivesse falando sobre uma trivialidade qualquer e não a vida de pessoas. — Você atirou muito bem, para quem eu achava nunca ter pegado num rifle antes.

— Digamos que tiro ao alvo é um dos esportes favoritos das Serpentes. Sou bom de mira. — Foi a melhor forma que pensei de me esquivar da pergunta sem revelar a ela meu treinamento militar.

— Que agradável caixinha de surpresas, Diogo. — Ela me fitou com canto de olho e abriu um sorriso. Nem parecia que a sua vida fora ameaçada há poucos minutos. — Você é bem mais do que um rostinho bonito.

PERIGOSAS ACHERON

— Para onde vamos agora? — Tentei olhar pelo retrovisor e me recordei que ele havia sido arrebentado por um tiro.

— Largar esse carro em um desmanche e ir para sua casa. Se ainda estiverem atrás de mim, não saberão que estou lá. Quando chegarmos, ligo para o Coringa. Ele e os demais homens do meu pai vão averiguar o que aconteceu.

Coringa... já tinha ouvido falar desse cara durante as investigações. No organograma que ficava na parede do departamento, ele era tratado como a mão direita do Camaleão, pai da Patrícia.

Patrícia virou o carro e o embicou na entrada de um ferro velho. O homem sentado em uma pequena sala além dos portões só nos notou quando ela buzinou. Ele abaixou o jornal e olhou para nós. Assim que percebeu quem era, quase correu em nossa direção.

— Dona Patrícia!

— Destrói o carro. — Pegou sua bolsa no banco de trás e jogou a chave para ele.

— Mas, um carro tão bonito...

— Destrói ou vai ter que explicar os buracos de bala quando a polícia vier atrás dele.

O homem que aparentava ter mais de sessenta engoliu em seco quando Patrícia falou que os policiais provavelmente viriam atrás do carro.

— Pode deixar, vou sumir com ele.

— Obrigada. — Ela deu um sorriso gentil para o homem, que suspirou.

Ela passou a mão pelo meu ombro e me puxou para fora.

— Dia emocionante, não? — Debochou enquanto caminhávamos na direção de um ponto de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

taxi, que ficava na rua de baixo.

— Não posso reclamar de falta de adrenalina.

Ela se curvou e roçou seus lábios nos meus antes de fazer sinal para um cara escorado no taxi. Por sorte estava escuro o suficiente para que ele não visse os respingos de sangue na roupa dela.

Entramos, falei o endereço e ele deu partida no carro.

Fiquei observando a rua pela janela, as pessoas em seus carros ou entrando em suas casas, como se a vida fosse muito mais simples vista de outro prisma. Estava divagando, pensando em tudo e em nada ao mesmo tempo, até que senti os dedos de Patrícia começarem a escorregar pela minha perna, quando ela apoiou a cabeça na minha. Achei que ficaria naquilo, pequenas caricias atrevidas, até que seus dedos subiram o suficiente para abrirem o

PERIGOSAS ACHERON

zíper da minha bermuda.

— O que está fazendo?...

— Silêncio. — Ela cobriu meus lábios com os seus no momento em que puxou meu pau para fora da calça.

O que ela estava fazendo? Estávamos dentro do taxi, cacete!

Tentei recriminá-la, mas ela mordeu meus lábios e não consegui protestar enquanto suas unhas afiadas traçavam um círculo ao redor do meu pênis, me fazendo estremecer. Ela queria me deixar louco e estava no caminho certo para isso. Mordi seus lábios de volta e estremeci, quando Patrícia fechou a mão ao redor do meu pau e começou a movê-la para cima e para baixo. Revirei os dedos do pé e os olhos no instante em que ela se curvou e envolveu a glândula com os lábios, molhados e quentes, e me

deslizou para o interior da sua boca. Certamente, das coisas mais loucas que eu já tinha pensado na minha vida, nenhuma delas englobava receber um boquete no banco de trás de um taxi.

Se o motorista viu o que Patrícia estava fazendo, ele simplesmente ignorou e continuou dirigindo. O ponto dele não era muito longe de um famoso prostíbulo e inúmeras coisas podiam ter passado pela sua cabeça...

Parei de pensar no momento em que Patrícia enfiou a mão livre dentro da minha bermuda e escorregou as unhas afiadas pelas minhas coxas. Sua língua deslizava das bolas a cabeça. Eu me retorci no banco, mordi os lábios e fechei os olhos me deixando levar pelo prazer provocado pela língua e os dedos ágeis. Ela me chupou, me lambeu e me enlouqueceu naquele banco. A cada gemido que arrancava de mim, era como se conquistasse

PERIGOSAS NACIONAIS

um prêmio, tentando o quanto eu era capaz de resistir diante de sua habilidosa língua.

— Patrícia eu vou... — Agarrei os cabelos dela em advertência para que ela parasse.

Mas ela não parou... Continuou me chupando, como se fosse exatamente isso que queria.

Puxei seu cabelo e ergui os quadris, enrijecendo todos os músculos enquanto explodia dentro da boca dela. Patrícia tomou cada gota de mim.

Quando percebeu que eu tinha acabado, se ergueu com um sorriso debochado nos lábios e ajeitou os cabelos, que eu havia despenteado.

— Moço, você tem alguma balinha aí? — pediu ao taxista na maior cara de pau.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela não tinha vergonha? Sentia minhas bochechas arderem e ela ria como se não tivesse feito nada demais.

— No bolso atrás do banco, senhorita.

— Obrigada. — Ela pegou uma bala de eucalipto, jogou na boca, enrolou o cabelo e jogou sobre o ombro.

Apenas balancei a cabeça em negativa e ajeitei minha bermuda. Depois disso, ela se comportou, ao menos até chegarmos a *minha casa*.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo

Nove

— Alô, Suzana?

— Lucas, como você está?

— Bem, na medida do possível.

— Porque está sussurrando?

— Porque a Patrícia está dormindo no quarto.

— Dormindo juntos? Imagino que a relação de vocês tenha avançado bastante.

— Sim, o suficiente para ela me levar a uma entrega de drogas do cartel boliviano, e para sermos perseguidos por uns caras da FV.

— Achei que a guerra das facções tinha terminado quando o Camaleão matou os líderes da FV.

— Parecem que eles estão atrás de vingança e vieram pegar a Patrícia. A civil deve ter encontrado dois caras mortos em um utilitário preto na zona oeste.

— Sim, fui informada sobre isso. Pelo tipo de execução, imaginaram que tivesse a ver com o tráfico.

— Fui eu... — Respirei fundo ao confessar. Tinha permissão para fazer o que fosse preciso para

manter meu disfarce, ainda assim, foi difícil pensar a respeito. — Bom, um deles. O outro, a Patrícia matou.

— Isso é um avanço, já temos algumas informações.

— Sim. Descobri onde processam a droga. Uma lavanderia na zona oeste, uns dez minutos de onde encontraram os caras da FV. *AquaSublime* o nome dela. Devem usar para lavagem de dinheiro também. O Camaleão estava lá e ao menos umas trinta pessoas trabalhando. Deixem para fazer a batida nas próximas semanas, pelo menos. O Camaleão me viu e digamos que não morreu de amores por mim. Se a batida acontecer, saberão que fui eu quem vazei a informação e vai comprometer tudo.

— Concordo. Está fazendo um ótimo trabalho, Lucas.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigado, senhora.

— Diogo?

— Preciso ir, ela acordou. — Desliguei o telefone, o escondi atrás do vaso e dei descarga. Alimentando meu disfarce de estar no banheiro.

Abri a porta e a encontrei escorada no corredor. Usando uma das minhas camisas, que ia até pouco depois da junção de suas pernas, cobrindo apenas o necessário.

— Bom dia! — Sorri enquanto a percorria com o olhar. *Putá merda!* Ela era muito linda.

— Bom dia. — Caminhou até mim e me beijou. — Estou com fome. Tem algo aqui ou só as cervejas que eu trouxe ontem?

— Acho que tem pão de forma no armário e presunto e queijo na geladeira. Posso fazer um

PERIGOSAS ACHERON

sanduíche.

— E você é tão prendado assim?

Comecei a rir.

— Qual o segredo? Colocar uma fatia sobre a outra e um pedaço de queijo e presunto no meio. Não é a melhor receita do mundo, mas mata a fome.

— Pode ser. — Ela deu uns tapinhas no meu peito. — Faz lá.

Ri enquanto caminhava para a pequena cozinha. Peguei um pão no armário quando Patrícia se escorou na porta e ficou me observando. Depois do que passamos ontem, ficou claro que ela não era tão inocente assim, ainda que Suzana já houvesse me dito isso. Só uma alma quebrada era capaz de tirar duas vidas no mesmo dia sem hesitar. Ainda assim, algo nela me atraía como um ímã. Talvez

PERIGOSAS NACIONAIS

não passasse de desejo físico, sua beleza era inquestionável e eu esperava que fosse apenas isso, para o meu próprio bem.

— Vai ficar aí, olhando para mim ou vai fazer o tal sanduiche?

Gargalhei.

— Estou indo, calma. — Abri a geladeira e peguei o presunto e queijo.

— Não dá para ser muito paciente com a barriga roncando.

— Talvez não devesse...

— Nem termine a frase, se não quiser que eu te mande a merda. — Cruzou os braços e fechou a cara.

Dei de ombros e coloquei os sanduiches dentro de uma chapa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Conseguiu falar com o Coringa?

— Sim. Ele vai descobrir quem mandou aqueles caras atrás de mim.

— Espero que os ataques parem.

— Está preocupado comigo, meu Tigre? —
Ela escorregou os dedos pelo contorno do meu rosto, sentindo os fios da minha barba rasparem em sua pele.

— Talvez. — Dei de ombros e me esquivei do seu toque.

Sim... Eu estava muito preocupado e isso era uma grande merda. Não podia de forma alguma começar a misturar as coisas, porém, no momento em que ela fez aquela pergunta, percebi que a situação estava escorrendo por entre os meus dedos sem que eu me desse conta.

PERIGOSAS ACHERON

Percebi o cheiro de pão queimando e me virei às pressas para a sanduicheira, tirando-a da tomada e abrindo. O momento de pequeno pânico foi a desculpa que eu precisava para fugir do assunto.

Coloquei num prato e entreguei para ela.

— Acho que vai cuidar da sua fome, por enquanto.

— Obrigada. — Ela me deu um selinho e pegou o prato das minhas mãos.

Fiquei a observando comer enquanto mordiscava o que havia feito para mim. Em momentos como aquele, as coisas pareciam mais simples. Podia até me deixar imaginar que não era um policial e ela não era filha de um dos maiores chefes do tráfico.

— Caiu um pedaço de queijo aqui. — Ela passou a língua pelo meu queixo, capturando o

pequeno fiapo.

Sorri e ela me beijou na boca.

Peguei o prato das mãos dela, coloquei em cima da pia e enlacei sua cintura com meu braço, apertando-a contra o meu corpo, fazendo-a estremecer com o calor do meu peito. Ela rodeou meu pescoço com os braços e começou a acariciar meu cabelo, que estava bagunçado.

— Acho que estou começando a gostar de você... — ela sussurrou contra a minha orelha e eu congelei.

Era isso que eu tinha que fazer, não era?
Fazer com que ela se apaixonasse por mim. Então, não entendi porque fiquei tão apavorado diante daquela frase. Não me leve a mal! Eu não era o tipo de cara covarde, mas eu trocava aquela situação por dez batidas atrás dos piores bandidos. Ela

poderia ter me atingido com uma bala, mas ela me atingiu com palavras e isso me desestabilizou.

Antes que Patrícia percebesse meu momento de desequilíbrio emocional, a peguei pelas coxas e sentei na pia. O prato caiu no chão e se estilhaçou em milhares de pedaços, porém, não dei nenhuma importância.

O sexo era uma forma de responder a ela sem dar uma resposta objetiva. Escorreguei as mãos pelas suas coxas enquanto me ajoelhava entre as suas pernas. Acabei com o joelho em cima de um dos pequenos cacos, porém, ignorei a leve dor. Patrícia jogou a cabeça para trás e inclinou os quadris, chegando mais para a beirada da pia. Sabia o que eu ia fazer e ansiava por isso.

Inclinei a cabeça e soprei ar quente, ela se remexeu e agarrou meu cabelo com a mão esquerda. Beije o interior de suas coxas, perto do

PERIGOSAS ACHERON

joelho e deslizei com a língua até a sua virilha. Ela puxou meu cabelo com mais força, indicando que eu estava indo no caminho certo. Eu me aproximei do seu clitóris e o contornei com a língua, fazendo com que um gemido escapasse por entre seus lábios entreabertos. Sentia seu gosto na minha boca quando comecei a lambê-la, dando leves chupadas. Os gemidos de Patrícia se intensificavam na medida em que eu me empolgava. Introduzi dois dedos, sentindo-a toda molhada e ela deu um pulinho em cima da pia. Ela começou a se mover contra a minha mão enquanto eu agitava os dedos em seu interior.

Parei, deixando-a confusa e fiquei de pé. Abaixei minha bermuda, que sujou com o filete de sangue no meu joelho e deixei que visse meu pênis, que pulsava de desejo por ela. Não ia deixar que fosse a única a desfrutar daquilo. Abri suas pernas,

PERIGOSAS NACIONAIS

segurando com as mãos cada uma das coxas e enfiei tão fundo quanto possível.

Patrícia gritou com o meu movimento inesperado, mas logo se moveu contra mim, aceitando a minha presença. Deslizou a mão direita pela minha nuca, me provocando um calafrio e enterrou os dedos no meu cabelo, puxando meu rosto para o seu. Ela provou do próprio gosto na minha língua enquanto eu subia com uma das mãos pela lateral do seu corpo, a fim de envolver um dos mamilos que marcavam a minha camiseta usada por Patrícia. Ela tremeu em meus braços e moveu ainda mais seu corpo no meu. O calor do corpo dela raspando no meu fazia com que eu perdesse completamente o juízo e a razão, tornava-me um cego perante a minha própria vontade. Foi um tanto ridículo pensar que aquele era o trabalho mais prazeroso que eu já tive, mas era verdade.

PERIGOSAS ACHERON

A pia da cozinha rangia com os movimentos quase frenéticos que eu fazia ao devorar Patrícia em cima dela. Mordi seus lábios em meio aos beijos, interrompido constantemente pelos gemidos. A forma como eu apertava seu seio e sua coxa fazia com que ela se movesse ainda mais contra o meu pau. Tão molhada, me apertava em constantes contrações dos músculos. Movíamos um no sentido do outro em algo tão intenso quanto nossas habilidades físicas permitiam. A forma como ela chamava por mim, em meio aos gemidos, era música para os meus ouvidos.

Minhas mãos a apertaram de forma dolorida e eu dei mais quatro estocadas, sendo rendido pelo orgasmo. Apoiei a minha cabeça na dela e continuei me movendo, até que os gemidos de Patrícia indicassem que ela havia se juntado a mim.

Ela me deu alguns beijos até afastar o rosto,

procurando o ar que eu havia tirado dela.

— Tem porra escorrendo pelas minhas pernas, Diogo! Achei que não gostasse de lambança.

— Puta que pariu!

— É, estava gostoso para caralho. Eu sei.

— Não é isso. Sua irresponsável!

— Você que me fode na pia da cozinha e eu que sou irresponsável? — Ela cerrou os dentes.

— Gozar em você é igual a filhos. Algo que nessa merda de mundo não é a melhor coisa a fazermos. — Peguei um guardanapo e comecei a limpar ela.

— Você se preocupa demais. — Patrícia massageou minha testa com a ponta dos dedos. — Acha que eu sou idiota? Eu tomo uma injeção a

cada três meses.

— Sério? — Respirei aliviado.

Ela fez que sim e desceu da pia, irritada.

— Vou embora.

— Espera, Patrícia! — Segurei seu pulso, mas ela se desvencilhou.

— Quando me perguntou se eu estava transando com outro cara eu imaginei que pudéssemos ter algo mais sério. Mas parece que você só quer me foder, como todo otário que cruza o meu caminho.

— Não é isso.

— Não? Então o que foi esse ataque todo? Só se divertindo, estragando o clima gostoso que nós estávamos?

— Não é porque não quero que você fique
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

grávida que não gosto de você.

— Gosta de mim? — Com a fúria de uma leoa, ela me segurou pelos ombros e me empurrou contra a parede. Por sorte, os cacos de vidro pelo caminho ficaram sob a sola do meu chinelo.

— Sim. — Encarei os olhos castanhos e confessei mais uma verdade sobre mim. A pior merda que poderia estar acontecendo naquele maldito trabalho como infiltrado. — Tem mais coisa rolando entre a gente do que só sexo.

— Mais coisa? Que porra de mais coisa, Diogo?

— O que quer que eu diga?

— No mínimo, que tá a fim de mim.

— A fim de você, eu estou desde que a vi naquele bar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não tinha que ter deixado isso acontecer. — Ela balançou a cabeça em negativa.

— Deixado o que?

— Me apaixonar. *Tô* apaixonada por você, merda.

Segurei o rosto dele entre as minhas mãos e confessei. Disse a mim mesmo que as palavras que eu falaria em seguida eram apenas para fazê-la ouvir o que queria... *Mas a quem eu estava tentando enganar?*

— Também estou apaixonado.

Suas mãos, que seguravam meus ombros com tanta firmeza cederam e escorregaram até o meio do meu tórax.

— Se estiver brincando comigo, seu desgraçado, juro que mato você! — rosnou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A agarrei pelo cabelo e a calei com um beijo.
Se ela queria gritar, ia ser *meu nome* enquanto eu a
comia.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo

Dez

Naquela manhã, Patrícia saiu para comprar roupas e sapatos em um shopping e eu agradei por poder sentar num banco da praça de alimentação e respirar um pouco. Beberiquei um *milk-shake* de chocolate enquanto massageava os joelhos. Nunca

imaginei que um dia minhas pernas iriam doer de tanto fazer sexo. Era como se eu tivesse acabado de sair de uma sessão de treinamento pesado, todos os meus músculos estavam doendo.

— Lucas! Cara o que está fazendo aqui?

Virei para trás e vi Júlio, um conhecido da época da faculdade. Ele estava acenando e andando na minha direção.

Abaixei a cabeça, na esperança que ele fosse embora, mas isso não aconteceu.

— E aí, cara, como você está? — Ele parou na minha frente e colocou uma sacola de loja de eletrônicos na mesa onde eu estava apoiado.

— Bem.

— Está mudado, quase nem te reconheci.

— É, o tempo passa. Com quantos anos você

está mesmo? Trinta?

— Vinte e oito.

— Ah, é mesmo, esqueci que é alguns anos mais novo que eu.

— Pois é. — Olhei de um lado para o outro, observando os corredores que levavam à praça de alimentação, para ter certeza de que Patrícia não estava vindo por nenhum deles.

Aquele cara que me ligava a minha vida real poderia colocar tudo a perder.

Vi Patrícia e meu sangue gelou. Ela sorriu e acenou para mim.

— Cara eu preciso ir. Legal te ver! — Dei uns tapinhas no ombro dele, peguei meu milkshake e dei um passo para me afastar.

— Ei, espera! Quem é a gata? Sua namorada?

PERIGOSAS NACIONAIS

— É, mas eu realmente preciso ir nessa. Falamos depois. — Me afastei dele o mais rápido possível e trombei com Patrícia e as duas amigas no meio do caminho.

— Ei, o que foi? — Patrícia arregalou os olhos e ergueu as sacolas. — Parece que você viu um fantasma.

— Não foi nada. — Dei de ombros, pegando as sacolas da mão dela.

— Quem era aquele cara com quem você estava conversando?

— Ah, um sujeito aí que puxou assunto enquanto eu estava sentado na mesa, olhando para o nada.

— Ele pareceu chateado quando você saiu. — Ela torceu os lábios, nada satisfeita com a minha resposta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Relaxa, meu amor, não era nada. — Passei a mão livre pela sua cintura.

Ela abriu um largo sorriso quando me referi a ela daquela forma. Já tive namoros de verdade antes e sabia o quanto aquelas palavras tinham um peso ao soarem no ouvido das mulheres.

— Tudo bem. Vamos embora?

Assenti e caminhamos em direção a saída.

— Comprei para você um terno.

— Terno, para quê?

— Hoje é o casamento do filho do Coringa. Quero que vá comigo, como meu namorado.

— Acha que já devo assumir essa posição?

— E por que não? A vida é curta demais para perdemos tempo com bobagens.

PERIGOSAS ACHERON

— Por que não apresenta sua família para gente também, Diogo? — Luana apoiou na porta traseira do carro novo de Patrícia e me encarou.

Cala a boca! Precisei me conter para não revirar os olhos.

— Por quê?

— *Tô* aqui na esperança de você ter uns irmãos gatos como você.

— Não tenho irmãos.

Isso era mais uma mentira, Ricardo e Felipe eram mais velhos que eu e Michele, nossa irmãzinha caçula. Esperava que ela estivesse cuidando bem dos meus gatos na minha ausência a trabalho. *Ah, como senti falta do meu apartamento...*

— Ah, que pena. — Os olhos de Luana

caíram, tristes. — E seus pais?

— Meu pai morreu num tiroteio com a polícia e minha mãe era usuária de crack, eu tinha quatro anos quando o conselho tutelar me tirou dela e colocou num abrigo.

— Que merda, cara!

A minha boa habilidade de improvisação estava salvando a minha pele naquele dia.

— Não tem nada de especial na minha vida.
— Dei de ombros.

— Vamos embora? — Patrícia abriu o portamalas e jogou as sacolas lá dentro. — Vamos acabar nos atrasando para o casamento.



Capítulo

Onze

Patrícia escorregou as mãos pelos meus ombros enquanto eu ajeitava a gravata no grande espelho do seu quarto.

— Parece que somos dois fodidos quando o

assunto é família.

— Por que está dizendo isso? — Segurei as mãos dela e me virei para encará-la.

— Minha mãe também morreu de overdose no ano passado. Não que ela tivesse servido para muita coisa antes. Deve ter passado a gravidez tão chapada que, às vezes, quando eu era criança, ela nem se lembrava que eu existia.

— Eu sinto muito.

— Relaxa, já estou acostumada com essa vida de merda.

— Você está linda. — Olhei para ela enquanto fazia com que desse uma volta, girando no ar.

Ela usava um vestido vermelho, comprido apenas o suficiente para cobrir sua bunda e, mesmo

PERIGOSAS NACIONAIS

assim, eu achava que iria aparecer a qualquer momento. Seus cabelos castanhos estavam trançados e jogados sobre o ombro esquerdo. — Só acho que está curto demais.

Ela puxou sua mão da minha e fechou a cara.

— Não é porque eu disse que você é meu namorado que te dei o direito de falar merda. Então, fica na sua.

Mordi a língua. Não consegui evitar ficar irritado com o seu comentário.

Havia avisado para Suzana sobre o casamento hoje e imaginava que aproveitariam a oportunidade para fazer uma batida na lavanderia que funcionava no Morumbi. A ocasião era perfeita para pegarem os bandidos desprevenidos, e já havia passado tempo suficiente para que o vazamento da informação não fosse diretamente ligado a mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Você também está um gato. — Ela sorriu ao me dar um tapinha no peito.

Patrícia se curvou sobre a cômoda para pegar um colar que deixara sobre o móvel e o vestido subiu um pouco, revelando para mim que ela estava sem calcinha.

Cheguei por trás e agarrei sua bunda com as duas mãos.

— Não acha que está faltando pano aqui não?

— Pano? — Ela rebolou contra as minhas mãos enquanto se fazia de desentendida.

— Sua calcinha, Patrícia.

— Não coloquei. Ela marca o vestido.

— Quer me fazer perder o juízo no meio da festa? — Mordia a orelha dela.

— Não vejo mal algum nisso. — Deu uma
PERIGOSAS ACHERON

risadinha travessa.

— Seu pai e os homens dele vão estar lá.

— Quem liga? — Ela deu de ombros.

Eu deveria recriminá-la, porém, era incapaz de negar o quanto toda essa atitude impulsiva e despudorada dela me excitava. Dei um tapa na sua bunda e apertei, deixando as marcas dos meus dedos e fazendo-a gemer.

— Vai me lanchar antes da festa?

— Não! — Soltei ela e dei dois passos para trás. — Anda logo ou vamos acabar nos atrasando.

Não poderia deixar que Patrícia fosse avisada da batida que a Narcóticos daria em breve.

Ela fez um bico enorme e fechou a cara, mas seu protesto morreu nisso. Ajudei-a a colocar o colar no pescoço e saímos do quarto.

PERIGOSAS NACIONAIS

Luana e outras duas mulheres estavam na sala, compartilhando um cigarro de maconha e elas entraram conosco no carro, empestecendo o veículo com aquele cheiro forte. Ainda bem que o teto solar estava aberto e não implicaram com o fato de eu ter aberto a janela do meu lado.

— Aceita um trago, Diogo?

— Não, valeu!

— Cara, você é tão quadrado! Não fuma, não bebe, não fode...

— Bebo sim. — Olhei para ela com canto de olho, observando-a dar uma longa tragada no cigarro de maconha e soprar a fumaça, passando-a para a mulher do lado.

— Ah, ele fode sim. E muito! — Patrícia gargalhou, segurando firme o volante.

PERIGOSAS ACHERON

— Tarada! — Luana gritou em meio a uma gargalhada. Já estava começando a ficar com os sentidos alterados devido a droga. — Depois poderia me mostrar um pouco do seu taco, Diogo.

Patrícia freou o carro de uma vez e todo nós fomos jogados para frente. Por sorte, estávamos numa rua de bairro e não havia ninguém atrás de nós.

— Isso mesmo? *Tá* dando em cima do meu macho, na minha cara?

— Foi só uma brincadeira, Paty! — Luana continuou rindo, como se não tivesse percebido o grau da ameaça contida na voz da amiga.

Passei a mão pela coxa de Patrícia e a apertei com carinho.

— Calma, amor.

Ela estava com ciúmes. Porém, não era o tipo de ciúmes que eu queria pagar para ver o que aconteceria, caso ela perdesse o controle. Ela já havia cruzado a linha de tirar uma vida e, com o tempo, era cada vez mais fácil fazer de novo, mesmo que se arrependesse muito depois.

Ela respirou fundo, mas continuou olhando torto para Luana pelo retrovisor central. Acho que, mesmo chapada, a mulher percebeu que havia pisado na bola e cometido um grande erro, então ela se encolheu e ficou em total silêncio.

Agradei quando finalmente estacionamos do lado de fora da igreja e Patrícia voltou a olhar para mim, sorrindo.

O lugar estava bem cheio. Havia duas menininhas na porta usando um vestido branco de dama de honra e eu não conseguia pensar em outra coisa a não ser que eram inocentes demais para

PERIGOSAS ACHERON

estarem perto daquelas pessoas.

O Coringa não estava nem há cinco metros delas e ajeitava a gravata, que parecia proporcionar algum desconforto. Confesso que muitas vezes me batia a vontade de ser um justiceiro, acertar uma bala na cabeça daqueles desgraçados e acabar de uma vez com tudo isso, porém, eu respirava fundo e me lembrava da única diferença que existia entre mim e eles: eu agia de acordo com as regras. Enquanto não cruzasse a linha e não matasse um daqueles malditos a sangue frio, ainda seria melhor do que eles.

— Patrícia. — Coringa a cumprimentou com um sorriso e ela apenas acenou com a cabeça, antes de me puxar para dentro da igreja.

Percebi que ela tratava apenas do necessário com os capangas de seu pai, sem se estender em animosidades. Não eram amigos e ela deixava isso

PERIGOSAS ACHERON

tão claro quanto possível.

Fomos até um banco na frente, onde seu pai estava sentado ao lado de duas mulheres. Patrícia revirou os olhos, demonstrando seu completo desdém e me puxou para que sentássemos do outro lado da igreja.

— Nem em um casamento ele pode deixar essas putas do lado de fora? — Ela sentou bufando e apertou meu joelho direito com as unhas.

Pensei em dizer algo, porém, vi que a melhor solução seria permanecer calado. Qualquer coisa que eu dissesse só pioraria ainda mais expressão furiosa que tomava o rosto dela.

— Parece que não gosta muito dele.

— É um maldito filho da puta! — Patrícia cerrou os dentes enquanto continuava a olhar para o pai com raiva. — Eu não estaria chateada se um

PERIGOSAS NACIONAIS

policial tivesse metido uma bala bem no meio da testa dele.

— Mas ele é seu pai.

— Não sou mais do que uma peça no jogo de xadrez dele. Meu pai me sacrificaria no momento em que fosse necessário, já me colocou na linha de fogo no lugar dele muitas vezes, sem hesitar.

— Então, porque não vai embora e deixa ele para trás?

— Você é muito tolo ou faz isso de brincadeira? — Ela torceu os lábios.

— Por quê?

— Como se você não soubesse que esse é um mundo onde não se pode simplesmente ir embora. Se eu tentasse sair, meu pai me caçaria, não teria lugar para esconder.

PERIGOSAS ACHERON

— É claro! — Abri um sorriso amarelo e balancei a cabeça como se fosse óbvio. Talvez realmente fosse, o mundo do tráfico era um lugar onde só se saía morto ou preso.

Quando a marcha nupcial começou a tocar e a noiva entrou na igreja, fiquei aliviado pelo assunto morrer.

Patrícia ficou de pé e eu também, para assistirmos a noiva entrar seguindo uma dama de honra que jogava pétalas sobre o tapete vermelho.

Deixei que a minha mente vagasse pelos próximos minutos, não ouvi ou prestei atenção na fala do padre, mas era provável que ele não fugira do ritual padrão.

Meus olhos acabaram indo parar em Henrique, no momento em que uma das mulheres que o acompanhava debruçou sobre seu ombro e

PERIGOSAS NACIONAIS

sussurrou algo em seu ouvido. Ele riu e deu um tapa na bunda da mulher. Ela não deveria ter mais de vinte anos e, obviamente, era mais nova do que Patrícia. Talvez isso tivesse contribuído para a raiva dela.

Fiquei pensando no quanto a relação familiar de Patrícia com o pai era diferente da minha. Meus pais, antes morrerem no acidente, eram a coisa mais importante para mim. Meu pai sempre fora meu maior defensor e apoiador, sempre fazendo de tudo para que eu chegasse onde precisasse estar. Eles eram capazes de enfrentar o mundo pela minha segurança e dos meus irmãos. Eles jamais fariam de nós peões ou nos descartariam.

Uma senhora atrás de mim estava chorando e eu imaginei ser por causa do casamento. Algumas pessoas ficavam muito emocionadas com um simples vestido bonito e meia dúzia de palavras.

PERIGOSAS ACHERON

Quando as bênçãos finais foram anunciadas, eu suspirei em alívio. Poucas coisas me deixaram mais entediado.

— Daqui há pouco, serão vocês — ouvi Luana e nos viramos para encará-la.

— Não viaja. — Patrícia mostrou língua e a mulher gargalhou.

Eu apenas abri um sorriso amarelo, de certo modo aliviado por Patrícia não imaginar nossa relação evoluindo a tal ponto. Eu estava ali para tirar informações dela, nem o nosso namoro era real. Casamento era uma coisa que jamais aconteceria.

— Urrul, festa! — gritou um sujeito de algum dos bancos para trás e arrancou meia dúzia de gargalhadas.

— Vem! — Patrícia me estendeu a mão e eu

PERIGOSAS ACHERON

entrelacei meus dedos aos dela enquanto caminhávamos para fora da igreja, após a saída dos noivos.

Fiquei olhando para o céu daquela noite, era tão iluminado por lâmpadas artificiais e luzes que se tornara uma tarefa impossível ver estrelas sobre São Paulo.

Seguimos de carro por alguns minutos, até chegar em um salão da zona sul, onde aconteceria a recepção.

Assim que paramos no estacionamento, eu vi homens parados na porta. Eles não eram os mesmos que faziam a vigilância na igreja. Um deles mexeu no blazer, revelando a arma presa na cintura, então imaginei que os demais também deveriam estar armados. Considerando que naquele lugar estavam reunidos os principais membros da facção criminosa, era melhor mesmo que todo o cuidado

PERIGOSAS ACHERON

necessário fosse tomado.

Saltei do carro e bati a porta, seguindo Patrícia para o interior do salão. Os homens da segurança apenas olharam para mim, como se tentassem me identificar, porém, não fizeram nenhuma objeção a minha entrada.

Andamos por um corredor iluminado por lâmpadas vermelhas, até sairmos no salão de cara para o casal de noivos, que recebiam as felicitações dos convidados.

— Parabéns pelo casamento, Bianca! —
Patrícia abraçou a noiva.

— Obrigada, flor. — A noiva retribuiu o abraço, mas assim que envolveu Patrícia, ela me viu e arregalou os olhos.

— Oi, quem você é?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, esse é o Diogo, meu namorado.

— Nossa! Prazer, Diogo. — Ela abriu um largo sorriso e o seu marido olhou torto para mim.

— Felicidades a vocês no casamento.

— Obrigada. — Ela mordeu os lábios em meio a um sorrisinho.

Patrícia me puxou pelo braço e saiu me arrastando para uma das mesas, onde seu lugar fora marcado. Revirou os olhos ao ver que o pai estava ao seu lado.

Ocupei umas das cadeiras marcadas como acompanhante e fiquei ao lado dela. Patrícia colocou a mão sobre a minha coxa e senti seus dedos me apertarem no instante em que seu pai entrou no salão, ainda acompanhado pelas duas prostitutas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que nojo! — Ela revirou os olhos.

— Ignora. — Coloquei minha mão sobre a sua, acariciando-a.

— Estou tentando, mas os peitos dela destacam mais do que qualquer outra coisa.

— Olha para outro lugar. — Apontei com a cabeça para as velas, que tremulavam sobre a mesa.

Ela balançou a cabeça em negativa, como se me dissesse em gestos que não conseguia.

— Relaxa... — Soltei sua mão e coloquei a minha sobre a sua coxa, subindo devagar.

Patrícia mordeu os lábios e estremeceu na cadeira.

Coringa subiu num pequeno palco e começou um discurso, fazendo com que todos os convidados se virassem para ele.

PERIGOSAS ACHERON

Aproveitei o momento de distração para subir com a mão pelo interior das pernas de Patrícia. Senti meu coração acelerar e as pernas tremerem com a adrenalina de estar fazendo algo assim em público. Porém, não estava me preocupando com a possibilidade de sermos pegos. Atentado ao pudor seria o crime mais leve que alguém naquele lugar já havia cometido.

Escorreguei a mão até que meus dedos encontrassem a vagina raspada. Deslizei pelos lábios até a abertura e senti sua umidade molhar a ponta dos meus dedos. Patrícia cravou as unhas na minha perna e soltou um grunhido, se segurando ao máximo para não fazer barulho. Subi um pouco, encontrando o clitóris enrijecido. Comecei leves movimentos circulares e vi Patrícia se conter para não gemer, torcendo os dedos e me beliscando.

— Gostosa. — Tombei a cabeça e encostei

meus lábios em sua orelha.

— Isso... — Rebolou na cadeira ao fechar os olhos.

Enquanto Coringa falava sobre união e família, Patrícia estava perdida nas sensações que meus dedos provocavam nela. O Camaleão, sentado ao lado dela, nem percebeu que eu estava com a mão entre as pernas de sua filha, masturbando-a com meus dedos.

Patrícia me puxou para um beijo e gemeu dentro da minha boca, se entregando ao ápice.

— Puta que pariu, Diogo... — sussurrou ofegante.

Tirei a mão dela e limpei na toalha da mesa.

— Está tudo bem? — Uma das prostitutas com Henrique se curvou em nossa direção, como se

esboçasse alguma preocupação.

— Está sim. — Patrícia estendeu a mão e pegou uma taça de champanhe da bandeja de um dos garçons que passou por ela.

Tomou a taça num único gole e respirou fundo. Sua atitude deixou claro que não estava tudo bem, mas a mulher não fez outra pergunta.

— Minha vez. — Henrique se levantou, ajeitando o blazer e foi até o pequeno palco, ficando ao lado de seu braço direito. — Gostaria de parabenizar Hector e Bianca pelo casamento. Quando escolhemos alguém...

Parei de ouvir as palavras furadas dele quando Patrícia tombou a cabeça no meu ombro e mordiscou meu pescoço. Senti um delicioso calafrio, que varreu toda a minha coluna.

— O que acha de irmos ao banheiro? — Ela

PERIGOSAS NACIONAIS

escorregou a mão pelo meu peito, na direção do meu pênis.

— Parece uma ótima ideia.

— Também acho. — Abriu um largo sorriso.

Assim que eu estava prestes a me levantar e ir com ela, senti outro calafrio, porém, dessa vez, não havia o menor prazer.

Não demorou um segundo para que eu ouvisse o som de tiros vindo do lado de fora do salão. Um dos caras tombou sobre a porta e caiu no interior do salão, imóvel e com um buraco na testa.

Todos os convidados começaram a gritar desesperados e isso só fez aumentar o caos. Tateei minha cintura, em busca da arma que Patrícia havia me dado e a segurei em punho, me preparando para quem tivesse que enfrentar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Patrícia pegou sua bolsa de mão, colocada sobre a mesa e tirou do interior dela uma arma igual a minha.

As prostitutas sentadas junto conosco não sabiam fazer nada, a não ser gritar e tremer.

— Calem a boca! — Patrícia rosnou com elas.

Um homem armado com uma submetralhadora entrou no salão, seguido por outros dois sujeitos com armas em punho.

— Esses caras de novo?!— Patrícia cerrou os dentes ao ver a tatuagem da facção inimiga. — Achei que fossem me dar uma trégua.

— Olá, Camaleão — disse o que estava na frente, deveria ser o líder.

— O que estão fazendo aqui?

PERIGOSAS ACHERON

— Acabar com você, maldito! Vai se arrepender de ter matado a minha família.

O clima de tensão se estabeleceu no momento em que a arma ficou apontada para Henrique. Senti que tudo poderia acabar naquele momento se um tiro fosse disparado. O grande chefe do tráfico de São Paulo cairia e todo o esquema entraria em colapso, até que um novo fosse estabelecido. *Era só um tiro...*

Ouvi o disparo e estremeci, meus olhos arregalaram e meu corpo congelou. Porém, Henrique continuou de pé e homem, que há pouco o alvejara, caiu de joelhos e tombou para frente, morto.

Pelo reflexo no copo sobre a mesa, eu vi um homem no alto de uma sacada com um rifle de alta precisão, como os usados pelos atiradores de elite do exército. Ele acertou mais dois antes que

PERIGOSAS ACHERON

notassem sua presença.

O interior do salão virou um verdadeiro estava caos, pessoas gritavam e as crianças a choravam. Puxei Patrícia, a protegi com meus braços e a agachei, fazendo-a ficar debaixo da mesa.

Henrique também foi envolvido e protegido. Um grupo de capangas fechou um círculo ao redor dele e o levou para fora da mira dos revólveres.

Tiros continuaram a ser disparados. Com a arma em punho, tentava mirar, mas era difícil fazer isso sem o risco de atingir um inocente. Optei por não atirar e continuar protegido debaixo da mesa, até que o perigo passasse.

Patrícia puxou minha mão e apertou-a com a sua. Ela também resolveu não atirar.

Quando a ameaça foi neutralizada, saímos

PERIGOSAS ACHERON

debaixo da mesa e eu pude contemplar a bárbara chacina que acontecera.

— Bianca! — Patrícia virou a cabeça, viu a noiva nos braços do marido e correu até ela.

Dos poucos metros de distância que eu estava da mulher, pude perceber o sangue acumulando na saia do vestido branco. A forma como ela estava tombada nos braços do marido... foi fácil perceber que ela estava morta.

Patrícia se ajoelhou ao lado da amiga, passou as mãos no rosto dela e se permitiu chorar.

De pé, eu olhei em volta. A noiva não fora a única a morrer no fogo cruzado. Engoli em seco e não consegui espantar a aflição ao ver que uma das damas também fora atingida. Sua mãe chorava abraçada a ela.

Quando você é um policial, vê muitas coisas,

PERIGOSAS ACHERON

até que chega ao ponto de pensar que nada pode superar uma determinada situação. Porém, você acorda e vai trabalhar mais um dia e se depara com algo ainda mais desolador. O pior do tráfico não era os bilhões de reais movimentados de forma ilegal, não era os quilos de drogas entrando pelas fronteiras diariamente, era as vidas inocentes perdidas na linha de fogo.

Senti os dedos sujos de sangue de Patrícia tocarem a minha mão e me virei para encará-la.

— Vamos embora daqui.

Assenti com um movimento de cabeça, feliz por não ser o único a querer ficar longe daquela parcela do inferno.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Doze

Patrícia entrou no chuveiro de cabeça baixa, a água escorrendo por seus cabelos castanhos e convergindo em seu queixo. Ela, que me pedira para dirigir e mantivera os olhos fechados durante todo o percurso de volta para a sua casa finalmente os abriu. Talvez fosse porque a água do chuveiro disfarçaria suas lágrimas, pois seus olhos vermelhos as delatavam.

— Patrícia... — Apoiei a mão na porta do box e a encarei.

— Não diz nada. — Ela puxou minha gravata

PERIGOSAS NACIONAIS

e me fez entrar debaixo do chuveiro com o terno.

A água quente que molhou meu blazer e foi escorrendo até tocar minha pele, provocou em mim um calafrio. Olhei para as minhas mãos e vi o sangue que as sujava escorrer para dentro do ralo, como se fosse fácil apagar tudo.

— Poderia ter sido eu! — Patrícia agarrou meu colarinho e me fez encará-la.

— Mas não foi. — Devolvi o olhar de forma firme e desafiadora, o que a fez arregalar os olhos em surpresa.

— Dessa vez não, mas numa próxima...

— Chega! — Segurei ela pelos antebraços e a trouxe para mim. — Jamais cogite isso de novo.

— Você vive na Terra do Nunca, só pode!

— Por que diz isso?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Às vezes você fala cada merda.

— Eu me preocupo com você. — Fitei profundamente os seus olhos. — Não posso?

— Deve, já que é o único nessa droga de lugar que parece fazer isso.

— Então cala a boca! — Cobri os lábios dela com os meus e tirei meu blazer molhado, jogando-o para fora do box.

— Mandão! — Patrícia mordeu a minha boca antes de raspar as unhas na minha barriga e começar a abrir o cinto da minha calça social.

Enquanto ela se livrava da minha calça e cueca molhadas, eu tirava a gravata e a camisa. Assim que estava nu como ela, a empurrei contra a parede de vidro do box, fazendo toda a estrutura tremer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pelo menos, disso você entende bem. — Ela estremeceu, correndo as unhas sobre o meu peito molhado.

— Agora a minha Terra do Nunca parece interessante, *né?*

— Confesso que não ligo se me roubar e levar para lá.

— Pretendo manter você bem aqui pelos próximos minutos, ou horas... — A girei pelos ombros e coloquei de costas para mim, apertando-a contra o vidro do box, espremendo seus seios na superfície fria e molhada.

Patrícia gemeu no momento em que joguei seus cabelos para o lado e mordi a lateral do seu pescoço. Ela empinou mais a bunda e esfregou contra o meu pau, que começou a pulsar ainda mais com o irrefreável desejo.

PERIGOSAS ACHERON

Escorreguei minha mão dos seus seios pela lateral do seu corpo, até segurar em sua cintura. Afastei suas pernas com meu joelho. Patrícia segurou no box com as mãos abertas, no momento em que eu a invadi. Segurei seu cabelo molhado com uma das mãos enquanto, com a outra, guiava o movimento de seus quadris. Os músculos dela se contraíam ao redor de mim a cada tranco. Ela espremia e expulsava meu sensível e latejante membro de uma forma que me entorpecia de prazer. Pelo tempo em que nos mexíamos na busca cega pelo orgasmo, me esqueci do mundo além daquele box no banheiro e da água que escorria por nossos corpos.

Sai dela pouco antes de explodir e deixei que minha semente escorresse pelo ralo. Virei Patrícia de frente e a beijei enquanto deslizava a mão pela sua barriga, acompanhando a água e a estimulava

com meus dedos, calando-a com gemidos do próprio orgasmo.

— Seu desgraçado, eu amo você! — Ela jogou os braços ao redor do meu pescoço e eu agradeci pelo beijo me livrar da obrigação de responder algo.



Havia uma regra simples naquela missão, algo básico para que as coisas funcionassem da forma que deveriam e não fugissem ao meu controle. Eu não, sob hipótese alguma, deveria me apaixonar pela Patrícia. Esse tipo de coisa jamais daria certo pelo simples fato de que eu era um policial, que só havia me aproximado para tirar dela o máximo de informações para que pudesse prender

o seu pai.

Com ela deitada sobre o meu peito, respirando calmamente em meio a um sono tranquilo, com os cabelos ainda molhados esparramados pela cama, eu me dei conta de que estava perdendo o controle. Poderia tentar me enganar o quanto quisesse, porém, estar com ela ali, era mais do que apenas manter o disfarce. Em meio ao ataque da Família Vermelha, eu não fiquei preocupado com a segurança dela porque isso comprometeria a missão, fiquei preocupado, pois a simples ideia de perdê-la me assustava... *Merda!* Eu havia atravessado a linha do bom senso e estava mais a fim dela do que qualquer limite plausível permitiria. A Suzana ia botar uma bala na minha cabeça, e com razão.

Ela se moveu no meu peito e abriu os olhos.

— Não está dormindo? — Esticou-se e roçou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seus lábios nos meus.

— Não. Não consigo.

— Preocupado? — Ela massageou a ruga na minha testa com a ponta dos dedos.

— A FV, eles podem...

— Não se preocupa com isso. Depois do que fizeram hoje, tenho certeza que meu pai e o Coringa vão dar um jeito neles. As vezes essas facções rivais dão mais trabalho do que a polícia.

— Por que diz isso? Os federais querem acabar com o negócio.

— A maioria dos federais recebe um salário de merda e concorda em fazer vista grossa, se forem bem recompensados.

— Tem muitos na folha de pagamento do seu pai?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O suficiente.

— Entendi...

O celular dela começou a tocar e ela se esticou para pegá-lo no criado mudo ao lado da cama.

— Alô!... Que merda! *Tá* falando sério?

— O que aconteceu? — Sentei na cama e coloquei as mãos sobre a coxa dela, atraindo a sua atenção.

— Os federais invadiram a lavanderia, apreenderam tudo o que estava lá. Quase meia tonelada de droga.

— Como isso aconteceu?

— Eu não sei ainda, só pode ter sido um rato.

— Rato? — Arqueei as sobrancelhas, confuso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Um x-nove, dedo duro, o que você quiser chamar.

— Isso é péssimo. — Massageei as coxas dela, tentando não entregar a ela que eu era o rato.

— Péssimo!? Isso é mais do que péssimo. É horrível! Perdemos milhões e uns quinze homens foram presos.

Tentei manter minha expressão neutra enquanto comemorava por dentro. Minha missão ali não estava sendo de tudo um grande fracasso, afinal.

— Esses malditos policiais...

— São uns filhos da puta, mesmo! —
Balanceia cabeça em negativa.

— Desgraçados!

— Não tem nada a ser feito agora?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estão procurando outro lugar para realocar as drogas. Ainda bem que a batida foi antes do carregamento de amanhã chegar. Senão, teríamos perdido ainda mais.

— Vem outro carregamento da Bolívia?

— Sim. Por que está tão interessado?

— Só quero saber em como posso te ajudar.

— Metendo uma bala na testa desse rato quando pegarmos ele.

Engoli em seco. Imaginei a raiva que ela ficaria caso descobrisse que o tal rato era eu. Porém, me esforcei ao máximo para não deixar transparecer nada que a levasse à essa conclusão.

Patrícia se levantou e começou a se vestir. Foi até o closet e escolheu roupas mais sérias.

— Aonde vai, a essa hora? — Olhei para o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

relógio sobre o criado-mudo, que marcava uma hora da manhã.

— Meu pai quer todos reunidos na casa dele para uma reunião. Você vem comigo?

— Sim! — Pulei da cama e fui ver se as roupas que eu usava antes de vestir o terno ainda estavam no quarto dela.

Me vesti o mais rápido que pude e segui Patrícia até a garagem, tropeçando no meio do caminho com as luzes apagadas. Ela já agia como se conhecesse todo o caminho de cor, sem trombar em nada.

Ela destravou o carro e eu entrei pela porta do carona.

— Está tudo bem, amor?

— Meu pai deve estar surtando e não quero

PERIGOSAS ACHERON

estar na frente dele quando começar a explodir. —
Deu ré no carro sem olhar para mim.

— Então, por que não ficamos aqui?

— *Tá* louco?! Aí é que ele surta mesmo.

— Saquei.

Resolvi ficar em silêncio e ela se concentrou na direção. Saímos do condomínio fechado onde Patrícia morava e entramos em uma via de trânsito rápido. Demorou pouco mais de uma hora para chegarmos na mansão onde Henrique morava. Era uma grande chácara, na região de Vinhedo. Passamos pelo portão de entrada, que era guardado por cinco capangas bem armados e Patrícia estacionou na garagem ao lado da casa, onde estavam cerca de quinze outros carros.

Descemos e eu a segui por um pequeno caminho de pedras até a entrada da casa. Uma

empregada que passava com uma bandeja cumprimentou Patrícia com um sorriso, e essa apenas balançou a cabeça de volta.

Seguimos por um corredor lateral até uma sala de jantar com uma grande mesa, onde estavam reunidos o Camaleão, Coringa e todos os outros grandes líderes da facção criminosa, cerca de mais oito homens. Todos que eu e a Narcóticos tentávamos prender a anos, porém, nunca tínhamos provas sólidas para manter um inquérito.

— Está atrasada, Patrícia!

— A saída de São Paulo estava com congestionamento. — Ela puxou uma cadeira e se sentou ao lado esquerdo do pai.

Eu me mantive perto, escorando na parede atrás dela.

— O que esse cara está fazendo aqui? —

PERIGOSAS NACIONAIS

Camaleão rosnou ao olhar para mim.

— Ele está comigo. Já imaginei que tivesse se acostumado.

— Não é um momento para estarmos com alguém, Patrícia. Temos um rato entre nós.

— Aposto que é esse bundão aí. — Coringa pegou o seu trinta e oito e apontou na minha direção.

Respirei fundo, tentando não vacilar, mesmo sob a mira do revólver. Ele poderia suspeitar de mim por motivos óbvios, mas não havia prova nenhuma.

— Abaixa essa porra! — Patrícia pegou a arma dela e apontou na direção do Coringa.

— Acalmem-se, vocês dois. — Henrique estendeu as mãos entre eles, forçando-os a abaixar

PERIGOSAS ACHERON

as armas e eu respirei aliviado. — Já perdemos muito hoje, não quero mais mortes. Coringa, se a Patrícia confia nele, vamos acreditar nela, ao menos por enquanto.

— Certo. — Coringa continuou olhando para mim com um ar furioso. Tive certeza pela forma como ele me encarava, que a fala de Henrique havia sido o bastante para fazê-lo se calar, porém, não o suficiente para que parasse de desconfiar de mim. Confesso que, no lugar dele, estaria com a mesma pulga atrás da orelha.

O tráfico exigia mais fidelidade do que um casamento, pois, se as pessoas parassem de confiar, todo o esquema ruía. Essa confiança geralmente vinha sob grande ameaça.

— A Narcóticos está no nosso pé, podem ter descoberto sobre a lavanderia, mas as chances de ser um rato ainda são maiores. Coringa, quero que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

você e seus homens se concentrem em descobrir como essa informação chegou aos federais.

— Sim, mas e o ataque da Família Vermelha hoje... meu filho ainda está arrasado com a morte da esposa. — Balançou a cabeça em negativa, apoiando as duas mãos sobre a mesa.

— Lamento pelo que aconteceu, mas é melhor que fique fora disso. Porco e Gigante, podem cuidar do que aconteceu? Quero acabar de vez com essas baratas.

— Vou jogar *baigon* neles, Camaleão. — O Porco bateu no peito, ao tomar para si a missão dada pelo chefe.

Esse tal Porco era um homem baixo e gordo, tão branquelo que chegava a ser rosa, o que fazia jus ao apelido que ganhara nas ruas. Ele tinha duas passagens por porte ilegal de armas, mas nunca

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conseguimos prendê-lo por algo relevante, que o deixasse atrás das grades por mais do que algumas noites.

— Patrícia, quero que se encarregue da entrega de amanhã.

— Por que eu de novo!? — Ela bateu com as duas mãos na mesa de madeira escura, furiosa.

Henrique cerrou os dentes, demonstrando seu desgosto diante da atitude arredia da filha.

— Porque os homens do cartel boliviano adoram seu belo rosto. Não fique irritada, são momentos de sacrifícios, e sabe que confio em você para essas tarefas.

Patrícia apenas balançou a cabeça, ficando em silêncio. Ela não estava contente com a ordem do pai, mas ficou claro que discutir com ele não era a melhor alternativa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já acabaram? — Ela se levantou. — O meu *belo rosto* precisa estar descansado amanhã.

— Sim, tenha uma boa noite, filhota.

Ela se virou de costas e não o respondeu. Andou para fora da sala e eu a segui. Paramos só quando estávamos dentro do carro.

— Está tudo bem, Patrícia?

— Esse filho da puta adora me jogar para as cobras e fica pouco se fodendo para isso. Que raiva eu tenho! — Ela bateu com os punhos cerrados no volante do carro e acabou buzinando.

Alguns capangas se aproximaram do carro. Ela balançou a cabeça em negativa, dizendo que não era nada e eles se afastaram outra vez.

— Acho que ele confia em você.

— Porra nenhuma! — Deu partida no carro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele só quer livrar o próprio rabo e quando faz isso, joga toda a merda nas minhas mãos. Deve ter se encrencado de alguma forma com os bolivianos ou está com medo de algo dar ruim, por isso está me mandando ir. Se algo acontecer comigo, serei um mero dano colateral.

— São os mesmos caras da semana passada?

Ela fez que sim.

— Acho que podemos lidar com eles.

— Fico contente de você estar aqui comigo.

— Patrícia soltou uma das mãos do volante e segurou a minha.

— Sempre estarei com você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Treze

N

aquela manhã, eu liguei para a Suzana e avisei a ela sobre a entrega de drogas que aconteceria no início da noite. Se tudo corresse como eu esperava, seria outra grande apreensão que desestabilizaria Henrique e toda a facção dele.

Abri a geladeira e tomei um gole de leite direto da caixinha, pouco antes do meu celular começar a tocar. *Era ela...*

— Patrícia.

— Onde você está?

— Em casa.

— Por quê?

— Eu precisei pegar algumas roupas.

— Saiu sem nem me dizer nada.

— Você estava dormindo tão bem, eu não quis acordá-la.

— Não gostei de ter acordado sem ter você na cama, comigo.

— Não se preocupe. Já estou voltando.

— Bom mesmo...

Desliguei o telefone e peguei a camisa que havia deixado sobre uma cadeira na sala. Passei a mão pelo meu cabelo, penteando-o com os dedos. O couro estava dolorido de tanto que Patrícia havia puxado os fios, porém, eu não me importava nem um pouco com a momentânea dor.

Passei a mão pela pequena mala que deixara no corredor e saí porta afora. Subi na minha moto,

coloquei o capacete e saí na direção da casa de Patrícia. Eu não era um motoqueiro antes, havia tirado carteira exclusivamente para a missão, contudo, poderia confessar que estava gostando da nova forma de me locomover pela cidade. Estavam certos, era bem mais rápido ir de um lado para o outro da capital, considerando o trânsito caótico de São Paulo.

Assim que cheguei na casa de Patrícia, vi sua expressão tensa me encarar do alto da escada enquanto eu estacionava minha moto ao lado do seu carro. Era esperado que ela agisse assim, depois dos últimos acontecimentos, além da entrega que receberíamos hoje à noite.

— Relaxa! — Massageei seus ombros e a beijei na nuca, descoberta pelos cabelos presos em um rabo de cavalo.

— Gosto disso em você. — Patrícia virou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para me encarar, colocando as mãos sobre o meu peito.

— Do quê?

— Agir como se as coisas sempre fossem melhorar, mesmo quando a merda foi jogada no ventilador e voou para todos os lados.

— Alguém ainda pode aparecer e limpar tudo. — Ri assim que ela me deu um soco no peito.

— Idiota!

— Estou tentando animar você e ainda me xinga? — A soltei e cruzei os braços, fingindo estar irritado.

— Se eu te deixasse me iludir, estava fodida.
— Mostrou língua para mim.

— Não é desse jeito que quero te foder. —
Pisquei para ela em meio a um sorriso malicioso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Safado!

— Como se você não gostasse!

— Eu amo. — Patrícia me deu um breve beijo.

Antes que eu pudesse envolvê-la em meus braços, Patrícia se afastou e caminhou para fora do quarto.

— Estou faminta. Vou ver se já serviram o almoço.

Ela não era a única, percebi que a minha barriga estava se revirando. Tinha saído de fininho pela manhã e não havia tomado café e, naquela altura da tarde, meu corpo estava cobrando o preço.

— Ei, você vem ou não? — Patrícia escorou no batente da porta e curvou o corpo para dentro, me encarando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vou. — A segui pelo corredor até a sala, onde ficava a mesa de jantar.

Patrícia se sentou na cabeceira e eu ao seu lado. A empregada já havia servido a mesa e o cheiro estava delicioso.

Comemos em silêncio. Por mais que eu tivesse tentado lutar contra a tensão, ela logo se estabeleceu novamente. O pior é que Patrícia não sabia de tudo. Principalmente que a sua entrega seria interrompida pela polícia.

Voltamos para o quarto e assistimos a um filme qualquer sem que uma peça de roupa fosse tirada. Isso me incomodou mais do que eu gostaria. Não porque minha única intenção era come-la, e sim devido ao fato do claro distanciamento que ela manteve de mim. Comecei a suspeitar que era mais do que a simples tensão dos últimos acontecimentos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Patrícia. — Segurei seu rosto e a forcei a me encarar. — O que está acontecendo?

— Nada!

— Não vem com essa! Quando uma mulher diz que não tem nada é sempre porque tem alguma coisa.

— Me diz que não é você o rato?

— Por que está me perguntando isso? — Cerrei os dentes e engoli em seco. Tudo o que não poderia acontecer era ela começar a desconfiar de mim.

— Diz que não é você!

— Porra, Patrícia! — Levantei e caminhei até a porta. — Achei que confiava em mim.

— A forma como o Coringa te acusou...

— O que eu ganharia com isso?

PERIGOSAS ACHERON

Bom... O Diego, nada, mas o Lucas policial era outra história. Isso não importava, tudo o que eu precisava fazer era manter meu disfarce a todo custo.

— Não sei. — Ela baixou o rosto e uma lágrima escorreu dos seus olhos, provavelmente se sentindo culpada por me acusar daquela forma.

Eu me aproximei e me ajoelhei ao lado do sofá, segurando a sua mão entre as minhas.

— Patrícia...

— Diogo — ela ergueu o rosto com os olhos marejados e me encarou profundamente, tentando ler além da minha alma —, você me ama?

Prendi a respiração para não engolir em seco diante da pergunta, que me atingiu com mais força do que qualquer bala seria capaz. Eu não poderia demorar demais para responder, ainda assim, fiquei

alguns segundos em silêncio. Não havia outra resposta a ser dada, sendo ela mentira ou não. O grande problema consistia em que havia mais verdade naquela pequena palavra do que me faria bem.

— Amo.

Ela tombou o corpo na minha direção e me beijou. Senti o gosto de suas lágrimas em minha boca, no instante em que Patrícia buscava minha língua com a sua. Eu estava ferrado. Aquela missão não poderia ter saído mais do controle. Para que ela funcionasse, exigia uma coisa muito simples da minha parte, *não me apaixonar...*

Peguei ela no colo e continuei a beijando, até que Patrícia se afastou, em busca de ar.

— Me desculpa, não deveria ter acusado você.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Só não faça isso de novo. — Beije ela na testa.

— Tudo bem, não irei. Precisamos ir, já está quase na hora.

— Sim. — Respirei fundo, orando para que tudo não saísse ainda mais do meu controle.

Patrícia era uma mulher gentil, amável e carinhosa, porém, eu não duvidava que colocasse uma bala na minha cabeça caso descobrisse a verdade sobre mim. Por pior que parecesse, não tirava a sua razão, já que eu não imaginava agir de forma diferente, caso estivesse em seu lugar.

Coloquei o revólver na lateral da calça e dois pentes de balas dentro dos meus bolsos. Esperava não precisar usá-los, porém, o conflito com a polícia seria iminente e eu precisaria das minhas habilidades como atirador mais do que nunca para

PERIGOSAS ACHERON

não ferir nenhum dos meus colegas de distintivo.

— Pronto? — Patrícia parou ao meu lado.

Fiz que sim em um movimento de cabeça.

— Perfeito. — Sorriu. — Vamos pegar o carro e sair, os capangas do meu pai devem encontrar com a gente no meio do caminho.

Peguei ela pela cintura e a espremi contra a parede do quarto, ao lado da porta. Beijei-a com ferocidade, fazendo-a estremecer em meus braços. Não havia a mínima necessidade daquele beijo para manter o meu disfarce, porém, eu precisava dele, precisava senti-la, porque um medo terrível de perdê-la se abateu sobre mim.

— Diogo, precisamos ir. — Lutou com a minha língua em sua boca.

— Só cinco minutos. — Agarrei seu cabelo,

tombando sua cabeça para o lado e aspirei o perfume do seu pescoço.

— Diogo!

A calei com mais um beijo.

Enfiei meu joelho entre as suas pernas e a fiz gemer. Passei a língua sobre o decote exposto pela camiseta branca e Patrícia revirou os olhos. Após matar meu desejo de tocá-la, me afastei e Patrícia gritou vários palavrões.

— Puta que pariu, Diogo! Como me incendeia e sai assim? — Passou a mão pela testa, se livrando dos fios de cabelo que haviam grudado no suor.

— Achei que precisássemos ser rápidos.

Ela rosnou e imaginei que, se pudesse, teria cuspidado fogo em mim pelo que eu acabara de dizer.

— Você tem cinco minutos. Me surpreenda.

Balancei a cabeça em meio a um sorriso e me ajoelhei diante dela. Abri o zíper da sua calça jeans e a puxei junto com a calcinha até a altura de seus joelhos. Coloquei a minha cabeça entre as suas pernas e toquei o clitóris com a ponta da língua. Ela se retorceu inteira, cruzando os dedos das mãos e dos pés. Senti seu sabor almiscarado enquanto dava pequenas pancadas em sua parte mais sensível. Subi a mão pela coxa dela e escorreguei um dedo para o seu interior. Os gemidos de Patrícia se tornaram ainda mais altos e eu regoziquei com o prazer que era capaz de proporcionar a ela. Dei leves chupadas enquanto agitava o dedo em seu interior. Acrescentei mais um e Patrícia se espichou contra a parede, mordendo os lábios para conter um gemido alucinado. A forma como ela correspondia às minhas carícias fazia com que eu ficasse ainda

mais empolgado. Soprei ar quente, antes de voltar a revezar lambidas com chupadas e logo, os gemidos de Patrícia me delataram que ela havia chegado ao clímax.

Ela sorriu ao passar as mãos pelo cabelo suado. Vi que ainda se equilibrava na parede no momento em que colocou a calça de volta.

— Agora, podemos ir.

— Sim. — Ela balançou a cabeça e jogou o cabelo para trás.



Capítulo

Quatorze

Assim que descemos do carro no local combinado, Juarez nos encarou com fúria. De braços cruzados e apoiado no caminhão, ele bufava como um touro.

— Está atrasada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desculpa. Aconteceu um pequeno imprevisto. — Patrícia passou a língua pelos lábios ao se lembrar do nosso momento de distração.

— Não estou aqui por sua conta, princesa.

— Já estou aqui, não estou? — Ela cruzou os braços e o encarou, como se não tivesse medo algum dele.

— Sim. — Juarez desviou o olhar, vendo que não havia mais motivos para gritar com ela. Patrícia não iria ceder. — Está com o meu dinheiro?

— Sim.

Fui até o porta-malas, peguei as duas bolsas pretas com o dinheiro e segurei diante dos bolivianos.

— Coloquem a nossa droga nos furgões.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro. — Juarez fez um sinal para os seus homens e caminhou até mim, pegando o dinheiro.

Os homens tiraram as caixas do caminhão e começaram a colocar nos furgões.

— Vou precisar de mais uma tonelada para semana que vem.

— Mas já? As entregas nunca foram tão próximas antes.

— Tivemos um problema e perdemos parte do nosso estoque.

— A polícia? — Juarez arregalou os olhos.

— Sim, mas já resolvemos o problema...

Antes que Patrícia terminasse de falar, um homem gritou *polícia* do alto de um prédio e todos começamos a olhar, desesperados. Eu fingi o meu maior espanto, mesmo sabendo que eles viriam.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Polícia? — Patrícia olhou em volta, perplexa.

— Vem! — Puxei ela pelo pulso e arrastei para dentro do carro.

— O que você está fazendo?!

— Livrando você da polícia. — Joguei ela no banco do carona e assumi o volante.

— E a droga?

— Esquece! Ou prefere ficar para trás com ela e ser presa também?

Vi os carros se aproximando pelo retrovisor. Suzana estava sentada em um deles e meu olhar cruzou com o dela, antes que eu engatasse a ré do carro e olhasse para trás, acelerando. Sai pelo fim da rua, troquei para a primeira e pisei ainda mais, fazendo o carro cantar pneu antes de sair em

PERIGOSAS ACHERON

disparada pelo bairro.

Um dos carros da polícia nos seguiu com a sirene ligada. Fiquei me perguntando se eles tentariam nos pegar ou nos deixariam ir. No fim, não quis tentar a sorte. Se nos pegassem, eu não sei o que aconteceria com Patrícia. Caímos na Anchieta e eu agradei pelo carro de Patrícia ser um esportivo que fazia de zero a cem em poucos segundos. Ziguezagueei por entre os carros, tentando deixar os policiais para trás. De certa forma, aquilo foi divertido e fez meu sangue correr nas veias com a adrenalina que o banhava.

Saí pela marginal atrás de um supermercado e segui pelo bairro, entrando ora a direita e ora a esquerda. No fim, tinha pouca noção de onde estava, porém, havia despistado os policiais.

— Merda! Merda! Merda! — Patrícia começou a gritar, esmurrando o porta-luvas.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Calma! Nós estamos bem.

— Estamos porra nenhuma! Acabamos de perder três milhões de dólares e uma tonelada de cocaína.

Fiquei calado. O que quer que eu dissesse só parecia estar deixando Patrícia ainda mais furiosa.

Ela pegou o celular por entre seus dedos trêmulos e eu pude jurar que eu seu coração batia acelerado.

— Pai! Não, eu não estou com a droga... A polícia apareceu, perdemos tudo. Estão todos presos. Se não fosse Diogo para me tirar de lá, eu também estaria. É claro que eu não estou brincando, caralho! Acha que eu ia zoar com uma coisa dessa. Não sei o que aconteceu, mas polícia descobriu o local da entrega. Eles eram muitos, pelo menos uns cinco carros.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Patrícia cerrou os dentes e atirou o celular no banco de trás.

— Vai tomar no cu!

— Seu pai está muito furioso?

— É claro que está. Mas aquele arrombado acha que a culpa é minha. Da próxima vez, ele que venha então e não me deixe para lidar com isso.

— Para onde vamos? — Continuei dirigindo pelo bairro. Iria cortar por dentro da cidade o quanto possível para manter o disfarce de que estávamos fugindo.

— Para casa do meu pai. Coloca aí no GPS, porque eu estou sem saco para dirigir até lá.

— Mas Patrícia, está tudo bem?

— É claro que não está bem porra nenhuma! Para de fazer pergunta idiota, Diogo! Só dirige.

PERIGOSAS ACHERON

Eu me calei ao ligar o GPS e Patrícia se virou para o lado, fitando a rua que se movia pela janela. ela estava cuspiendo fogo de raiva e seria tolice minha imaginar que não ficaria, tudo estava dando errado justamente com ela no controle.



— Como assim a polícia apareceu? — O Camaleão bateu as mãos com toda a fúria sobre a mesa de madeira escura, fazendo toda a sala tremer, inclusive os homens ali reunidos.

— Apareceu, ué! Qual a dificuldade para entender isso? — Patrícia estufou o peito para encarar o pai de frente, sem demonstrar temor que o levasse a acreditar que ela tinha alguma culpa nisso. — Eles apareceram em uns cinco carros e

PERIGOSAS NACIONAIS

apreenderam tudo, eu acho.

— E porque ainda está aqui?

— Obrigada por se preocupar. — Ela riu, irônica. — Diogo me tirou do caminho antes que os policiais conseguissem chegar até nós.

— Tirou é? — Coringa deu alguns passos e parou na minha frente.

— Sim, tirei. — Devolvi o olhar ameaçador que ele dirigiu a mim.

Ele era um cara baixinho e corpulento, com a boca rasgada na lateral e isso havia dado o apelido a ele. Pelo pouco que sabia sobre ele, o ferimento era uma lembrança de seu passado em uma favela da Zona Leste de São Paulo.

— Patrícia pode confiar em você, mas eu não.

PERIGOSAS ACHERON

— Não preciso da sua confiança. — Lancei a ele um olhar de desdém, fazendo-o cerrar os dentes.

— Um dia te pego na minha ratoeira, verme.

— Coringa, chega! — Patrícia rosnou para ele e o homem afastou alguns passos, se colocando ao lado de Henrique.

O Camaleão massageou as têmporas e eu vi a raiva que passava pelos seus olhos ir diminuindo aos poucos enquanto ele retomava o bom senso.

— Quanta coca ainda temos nos outros laboratórios?

— Não o suficiente. — Coringa cruzou os braços.

— Não o suficiente... O quanto, porra?!

— Uns cem quilos, no máximo.

Henrique fechou os olhos e balançou a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cabeça em negativa enquanto apertava os punhos, cravando as unhas nas palmas das mãos.

— Isso não dá para merda nenhuma.

— Eu disse que não era o suficiente, chefe.

— Vamos ter que pedir os bolivianos outra entrega ainda essa semana.

— Acha que eles vão aceitar? Ainda não receberam pela carga que foi apreendida pela polícia. — Coringa parecia tentar manter a racionalidade diante da fúria do chefe.

— Fodas! Isso não é problema meu.

— Não acho que vão pensar assim.

— Cala a boca! Como vamos arrumar três milhões para pagar por outro carregamento é o que preocupa, porque não é a segunda vez que a polícia rouba de mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Precisamos descobrir quem é esse rato, antes que seja tarde demais. — Coringa virou os olhos e me encarou de esgueiro. Me mantive altivo, como se nem houvesse percebido.

Esse cara tinha me marcado e eu teria que ficar esperto com ele, antes que chegasse perto de algo que pudesse revelar minha verdadeira identidade. Pelo visto, Patrícia não seria a única a enfiar uma bala no meio da minha testa.

— Patrícia, você nos fodeu hoje.

— Eu, o caralho! — Ela ergueu o dedo e apontou na cara do pai. — Nem era para eu estar lá. Eu lido com a distribuição e não com o recebimento da droga dos bolivianos! Se deu merda, com certeza a culpa não é minha.

— Acalmem os nervos. — Coringa estendeu uma mão na direção de cada, se tornando um muro

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vivo entre eles. — Não adianta se matarem agora.

— O pessoal do Rio estava esperando essa droga amanhã. — Patrícia balançou a cabeça em negativa.

— Vai ter que pedir a eles mais tempo. — Henrique finalmente respirou fundo.

— Acha que vão agir numa boa com isso? — perguntou Patrícia, deixando o medo sobressair a sua valentia.

— Não, mas é a escolha que temos. Precisarás lembra-los do código e que nenhum deles vai querer trair o Camaleão.

— Imagino que não. — Patrícia engoliu em seco diante da ameaça quase descarada. — Vou nessa! — Ela me puxou para fora, arrastando pelo antebraço.

PERIGOSAS ACHERON

— Patrícia, não terminamos!

Ela deixou Henrique falando sozinho e eu pude ouvir Camaleão sussurrar: *filhos...*



Capítulo

Quinze

— Parabéns, agente! A apreensão de ontem foi um grande sucesso para a Narcóticos.

— Obrigado. — Consegui sorrir ao falar com Suzana pelo telefone.

— A forma como fugiu de nós, pareceu um verdadeiro piloto de fuga.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ainda tenho que manter meu disfarce. —
Dei de ombros, porém, a verdade é que eu estava preocupado com o que poderia acontecer com Patrícia, caso ela fosse presa.

— Está fazendo um ótimo trabalho, Lucas. Estou contente em ter escolhido você. Em poucos meses, conseguiu fazer mais do que fizemos no ano passado inteiro.

— É só o meu trabalho.

— Não, está fazendo mais do que isso e sabe bem.

Respirei fundo... Suzana estava ali, me elogiando e eu não desejava fazer outra coisa que não fosse desligar a chamada. Eu não estava fazendo um bom trabalho, porra nenhuma. Tinha me apaixonado pela maldita princesa do tráfico e isso acabaria me ferrando das piores formas

PERIGOSAS ACHERON

possíveis. O pior é que eu não conseguia desejar outra coisa, que não fosse estar perto dela.

— Lucas?

— Oi!

— A chamada ficou muda.

— Desculpa, senhora, é que o sinal aqui nesse *muquifo* é muito ruim.

— Não se preocupe, agente. Logo estará de volta para a sua casa e a sua família.

— Obrigado, senhora. E os meus irmãos, como estão?

— Sua irmã ligou preocupada, disse que seu gato está com algum verme, mas que o levou ao veterinário e ele ficará bem. Falei com ela que você estava em uma missão e entraria em contato logo.

— Espero que ela esteja bem. — Suspirei.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está sim.

— Preciso voltar para a Patrícia, disse que vinha em casa buscar algumas meias e que voltaria logo.

— Lucas, como você está com tudo isso? Imagino que as coisas comecem a ficar um pouco confusas, com o passar do tempo.

— Eu estou bem. — Estava mentindo, Suzana sabia disso, porém, não insistiu. Achei que, minimamente, ela pensaria o quanto aquela missão fosse difícil para qualquer pessoa.

Ouvi o som de alguém abrindo a porta e fiquei tenso.

— Senhora, eu preciso ir. — Desliguei a chamada antes que ela pudesse responder e guardei o celular de novo atrás do vaso.

PERIGOSAS ACHERON

— Rato, rato, rato... — Estremeci ao ouvir a voz do Coringa.

O que aquele maníaco estava fazendo aqui? Sai do banheiro olhando para os lados, a procura de qualquer coisa que pudesse usar como arma.

Cheguei até a sala e o vi sentado no meu sofá, tomando uma cerveja que deveria ter encontrado na geladeira, e os capangas com ele apontavam os revólveres em minha direção. Senti o suor frio começar a escorrer pela minha testa e a molhar minha mão.

— Como entrou aqui?

— Essas trancas são uma porcaria, sabia?

— Obrigado por me avisar. Agora, se puderem ir embora, eu preciso me encontrar com a Patrícia, ela deve estar esperando por mim. Disse que voltaria logo e se é que me entendem, nunca é

bom deixar uma mulher irritada.

— Você não vai a lugar nenhum, federal.

— Do que está falando? — Eu me fiz de desentendido, porém, no fundo ficou claro que ele sabia a verdade sobre mim, só me perguntava como.

— Pode até ter enganado a princesinha, mas eu nunca te engoli. *Tava* na cara que cheirava a carne podre. Esse seu rostinho bonito só serviu para enganar ela.

— Ficou louco?! Eu sou dos Serpentes, mexo com contrabando, quero mais é distância dos federais, eles sempre fodem com meu negócio.

— Pare de falar mentiras, porque eu só acredito nos meus. Pedi a uns amigos que estão presos com o Thiago para fazerem uma visita amigável para ele, e depois de uma longa conversa,

PERIGOSAS NACIONAIS

ele nos confessou de que não tem um primo Diogo, porra nenhuma. Que essa história foi inventada pelos federais e ele concordou em participar disso em troca de diminuir alguns anos da sua sentença.

— Ele deveria estar drogado. — Dei de ombros.

Continuei negando, porém, sabia que Thiago deveria ter sido surrado até contar a verdade e que não importava o que eu dissesse, não iria conseguir fazer Coringa mudar de ideia.

— Cala a boca! Nunca me enganou e não vai ser agora. Tinha certeza de que você era o rato e tudo o que eu precisava era de provas.

— Então, porque não atirou em mim ainda?
— Com o coração palpitando, olhei para os dois homens que me mantinham sob a mira de seus revólveres.

PERIGOSAS ACHERON

Eu não desejava morrer, longe disso, porém, foi uma pergunta inevitável. Se ele sabia que eu era um policial, não fazia sentido eu ainda estar vivo.

— Acha que, depois de tudo o que nos causou, vai sair dessa assim, fácil? — O olhar dele, como o de uma hiena faminta fez um calafrio gelar meus ossos.

Olhei em volta, pensando o quanto precisaria correr até a janela e pular, antes que fosse atingido por uma bala, porém, em todas as tentativas que passaram pela minha cabeça eu acabava baleado. Sempre soube que aquela era uma missão ariscada, que estaria colocando a minha vida em risco mais do que em qualquer outro dia na corporação, mas saber que o pior aconteceria não tornava tudo mais fácil.

— Seu desgraçado, filho da puta! — Coringa me acertou com um soco na boca do estomago e eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cambaleei para trás, sentindo a dor latente pulsar por todo o meu corpo.

Me preparei para revidar assim que o ar voltou aos meus pulmões, mas as armas apontadas em minha direção fizeram com que eu recuasse.

Rosnei, pouco antes dele vir com a garrafa de cerveja na minha direção e acertá-la na minha cabeça. O golpe foi impreciso, mas bastou pra que eu perdesse completamente os sentidos e caísse no chão.



Acordei quando um balde de água foi jogado com violência contra o meu rosto. Cuspi enquanto engasgava, abrindo meus olhos com dificuldade, pois um deles estava ferido. Pisquei várias vezes,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tentando focar o local onde eu estava. O que eu via era uma lâmpada com pouca luz, que piscava em frenesi no teto e paredes manchadas e velhas. Não havia uma única janela que arejasse aquele cheiro horrível de esgoto. Talvez eu estivesse realmente em um.

Tentei me levantar, porém, meus braços estavam atados com uma fita isolante aos braços de uma fria cadeira de metal. Minhas pernas também estavam presas, restringindo completamente os meus movimentos.

Assim que consegui enxergar, vi Coringa de pé e ao seu lado estava o Camaleão.

— Então, você era mesmo o rato? Patrícia sempre teve um gosto péssimo para homens. Vou proibi-la de arrumar um namorado da próxima vez e tentar ficar longe de problemas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fiquei calado. Nada que eu dissesse melhoraria a minha situação.

Ele caminhou até mim e segurou meu rosto pelo queixo, fazendo com que eu o encarasse.

— Maldito rostinho bonito. — Balançou minha cabeça de um lado para o outro. — Vou me certificar que rostos assim não me tragam problemas de novo.

Ele me acertou com um soco, usando toda a sua fúria. Senti meu maxilar ser deslocado com a força do impacto e o gosto de sangue se acumular na minha boca. Cuspi no chão, sujando o piso sob meus pés com meu sangue.

Ergui a cabeça de novo e mantive meu olhar distante, como se não estivesse dando a mínima para o que estava acontecendo comigo, mesmo que todo o meu corpo estivesse doendo pra caralho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Henrique me acertou outro soco no rosto e a dor na minha cabeça pulsava, como se estivesse prestes a explodir. Vi o sangue se acumular sobre um cílio do olho esquerdo e percebi que meu supercílio havia sido cortado.

— Não vai dizer nada?

— Não tenho nada a dizer. — O gosto do meu próprio sangue amargava ainda mais na boca.

Ele rosnou e me acertou com um soco na barriga.

— Você trabalha para a Narcóticos?

Não disse nada e outro soco veio. Ele estava me batendo com tanta força que podia sentir seus próprios ossos rangendo.

— Há quanto tempo planejava se aproximar da minha filha?

PERIGOSAS ACHERON

Outro soco.

— Quem você é de verdade?

— Camaleão, vai acabar matando ele...

Perdi os sentidos outra vez.



Toda a sala ao meu redor girava quando consegui abrir os olhos outra vez. Sentia tudo latejar, como se tivessem batendo com um tambor ao lado da minha cabeça.

— Filho da puta! — O grito de Patrícia fez com que eu abrisse os olhos e a encarasse, parada na minha frente.

Imaginei que fosse capaz de suportar muito mais dor para não ter que olhar para aqueles olhos

PERIGOSAS ACHERON

furiosos por muito mais tempo. Nem um dragão cuspiria fogo com toda aquela ferocidade. Durante muito tempo, fiquei me perguntando como Patrícia reagiria se um dia descobrisse que eu estava mentindo para ela, e aquele era o meu momento de descobrir e isso me assustou. De todos os socos e chutes possíveis, as palavras que ela estava prestes a dizer seriam as que mais iriam me machucar.

Erguia a cabeça e a encarei. O sangue seco sobre os meus olhos e as pálpebras inchadas me dificultavam enxergá-la, porém, ainda assim, vi as lágrimas pesarem em seus olhos.

— Você mentiu para mim todo esse tempo! Você é um policial, desgraçado! Maldito! Cretino! Filho de uma puta!

Balancei a cabeça em afirmativa, não haveria mais motivos para mentir para ela, principalmente porque estávamos apenas nós dois na pequena sala.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quando meu pai me contou, eu não acreditei. Achei que estivesse de sacanagem comigo. Eu não poderia ser tão estúpida, mas aqui está você. Porra, Diogo!

Engoli as lágrimas com gosto de sangue. Queria poder abraçá-la, mas com as mãos atadas eu não podia.

— Diogo... Ao menos o seu nome é verdade?

— Não. — A pequena palavra fez a raiva nos olhos dela crescer ainda mais.

— Nada do que me disse era verdade. Nada!

— Está errada. — Prendi seu olhar ao meu.
— Eu não menti quando disse que te amo. Porque eu amo. Não deveria, mas amo.

— Só está falando isso para salvar a sua pele.

— Sou inteligente o bastante para saber que a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha pele não tem salvação. Sou um policial da Narcóticos, e nada que eu fale fará com que eu saia daqui vivo.

— Queria eu mesma te matar. Você merece isso.

— Então faz. — Mantive meu olhar firme. Não imploraria por misericórdia, nem mesmo para ela.

Ela me deu um tapa no rosto e minha cabeça tombou para o lado enquanto eu cuspia mais sangue.

— Eu deveria, mas não vou. — Ela tirou um canivete da bolsa e começou a cortar as fitas que me prendiam a cadeira.

— Por que está fazendo isso? — Fiquei perplexo ao massagear meus pulsos doloridos.

PERIGOSAS ACHERON

— Não quero que meu filho nasça sem pai.

— Você está...

— Estou... Agora, vamos sair daqui antes que percebam. Acha que consegue andar?

Fiquei de pé e tudo estremeceu.

— Para sobreviver, sim.

— Ótimo!

Ela estava me ajudando, mas se recusava a me olhar nos olhos. Ainda estava furiosa, imaginei que não me perdoaria tão cedo. Porém, a nossa conversa seria algo para outro momento.

— Onde eles estão?

— Do lado de fora. Pedi para que me deixassem sozinha com você por alguns minutos. Não vai ser fácil passar, tem uns dez homens lá fora, além do Coringa e do meu pai. Se dermos

PERIGOSAS NACIONAIS

algum tiro, saberão que você está fugindo.

— Então vamos sair em silêncio.

— Certo, vou chamar os dois que estão do lado de fora e você se encarrega deles.

Assenti.

Patrícia ajustou a postura e saiu porta afora com os olhos marejados. Suas lágrimas não eram fingimento.

Eu me apoiei atrás da porta de metal, assim que ela deixou a saleta. Agradei pela friagem surtir como um gelo, amenizando um pouco a dor latejante por todas as partes do meu corpo.

— Podem me ajudar com ele lá dentro? Quero que segurem para que eu possa chutá-lo.

Me perguntei o quanto dessa vontade dela era real.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, senhora.

Os dois homens entraram na sala e eu saltei sobre um deles, agarrando-o com uma chave de braço. O outro veio em minha direção, mas Patrícia acertou sua jugular com o canivete. Soltei o homem desacordado no chão, que caiu como uma pedra sobre o outro que se esvaia em sangue.

Tateei o bolso dele e encontrei uma faca. Serviria para abrir caminho até a saída.

Olhei para a Patrícia e ela fez um sinal para ir na frente, porém, eu neguei com um movimento de cabeça. A vida dela já era muito preciosa para mim, e agora, estando grávida, era, sem dúvidas, mais importante do que a minha.

Havia mais um homem no corredor e assim que ele me viu, sacou a arma, mas antes que pudesse atirar contra mim, eu lancei a faca, que

PERIGOSAS NACIONAIS

acertou em cheio o seu peito, fazendo-o deslizar pela parede. Havia alguns treinamentos da minha época no exército que só fizeram sentido anos depois. O arremesso de faca era um deles.

Fui até o homem abatido e tirei a faca do seu peito, limpando o sangue em sua camisa antes de segurá-la firme outra vez.

— Vamos por ali — sussurrou Patrícia, apontando para um túnel escuro que saía pela lateral. — É uma entrada que traz ar aqui para baixo. Se usarmos a entrada tradicional, vamos esbarrar com o meu pai e muito mais homens dele.

A segurei pelos ombros e a fiz olhar para mim. Eu estava tenso e exausto. A adrenalina e o instinto de sobrevivência eram as únicas coisas que me mantinham de pé.

— Se for comigo, ele jamais perdoará você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei. Mas já fiz a minha escolha.

Puxei o rosto dela para o meu e dei um breve beijo, sujando seus lábios com o meu sangue.

— Precisamos ir. — Ela me empurrou.

Assenti e fiz um gesto para que ela seguisse na frente. Ela usou a pequena escada e desapareceu pelo túnel escuro. Fui logo atrás dela. O lugar era pequeno e abafado, feito para passar ratos e não pessoas, meus braços raspavam nas paredes e passavam com dificuldade. O cheiro daria enjoo, se o meu nariz não estivesse tão danificado pela surra que havia levado.

Alguns minutos depois, saí por uma escotilha no teto acima de onde estavam o Camaleão e o Coringa, conversando. Patrícia pulou no chão, cerca de dois metros e altura e eu a segui. O som dos nossos corpos rolando nas pedras chamou

PERIGOSAS ACHERON

atenção dos homens, que se viraram para nós. Mordi os lábios para conter a dor enquanto começava a correr.

— O maldito está fugindo! — Coringa gritou ao sacar a arma e atirar na minha direção.

A bala acertou o muro e eu engoli em seco.

— Vem logo! — Patrícia gritou, correndo até o carro que estava estacionado há poucos metros.

Não sabia se tinha forças para correr aqueles poucos metros, porém, assim que vi Patrícia abrir a porta eu me lembrei do que ela havia acabado de me revelar. Juntei todo o resto de energia que havia em mim e corri.

Balas acertaram o chão perto dos meus pés e assim que fechei a porta do carro, uma a acertou. Patrícia ligou o carro e acelerou para longe dali. O carro foi atingido no vidro, mas ele não estilhaçou

PERIGOSAS NACIONAIS

em milhares de pedaços. Fiquei contente por estarmos em blindado daquela vez.

— Pratico. — Desabei em cima do banco do carona.

— Depois do ataque que sofremos da Família Vermelha, achei que era prudente comprar um carro assim.

— Obrigado. Você salvou a minha vida.

— É. — Ela murmurou sem sequer olhar para mim, continuou vidrada na direção.

— Sabe que eles não irão perdoar você por isso, *né?*

— Jura? — Ela torceu os lábios, cerrando os dentes como se estivesse prestes a cuspir fogo em mim.

— Não deveria ter feito isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E deixar a porra do pai do meu filho morrer? — Virou-se para me encarar com os olhos carregados de lágrimas, que caíram sem piedade.

Engoli em seco.

— Achei que estivesse tomando a injeção.

— Eu esqueci da dose no mês passado. — Ela voltou a olhar para a rodovia.

Com o pé firme no acelerador, tentando deixar seu pai e os capangas o mais longe possível de nós, tive medo de que acabasse batendo o carro.

— Não ache que porque eu te salvei, não queira meter uma bala na sua cabeça. — Socou o volante, buzinando para o carro que estava à nossa frente.

— Tem toda a razão de querer. Menti para você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Caralho, cala a boca! Isso não está ajudando.

Engoli em seco.

— Nem sei para onde ir.

— Eu sei. Meus pais tem um apartamento para alugar na zona oeste. Ele está vazio desde que morreram e os advogados fazem o inventário dos bens deles. A chave fica na portaria e é mobilhado. Vira à direita.

— Mas, você está todo arrebitado. Não acha que vai chamar atenção?

— Eu sou um policial, já morei aqui alguns anos antes de comprar meu próprio apartamento. Não vai ser a primeira vez que me veem um pouco machucado.

— *Tá.* Não temos outra alternativa mesmo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dei as direções para ela enquanto tentava achar alguma posição confortável no banco. Toda vez que eu me mexia, sentia ainda mais dor.

— Acho que quebrei alguns ossos.

— Merecia mais do que isso.

Ela estava com raiva e com toda a razão para isso. Era melhor eu ficar bem calado.

Assim que chegamos diante do prédio, eu descii e me arrastei até a portaria, tentando mancar o mínimo possível e parei diante da guarita.

— Jorge, a chave do 501 ainda está aí?

Ele estava assistindo televisão e tomou um susto ao ouvir minha voz vinda do nada, e se assustou outra vez ao olhar para mim.

— Lucas? Deus do céu! Parece que um caminhão passou em cima de você, menino.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tive um dia difícil na corporação. Aqui é mais perto, então resolvi descansar um pouco e tomar banho.

— Sim, precisa de um banho. Antes que mate mais alguém de susto. — Ele se abaixou, pegou a chave e entregou para mim. — Melhoras, garoto.

— Obrigado! — Me esforcei para sorrir.

Voltei para o carro e usei o controle para abrir o portão da garagem, para que Patrícia pudesse entrar com o carro e não deixá-lo na rua, chamando atenção.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo

Dezesseis

Entrei debaixo do chuveiro e nunca senti a água quente arder tanto ao tocar meu corpo. Desliguei o aquecedor, deixando apenas a água fria escorrer pela minha pele, lavando o sangue que já havia grudado como tatuagem. Passei as mãos pelo

corpo, sentindo cada ferimento. Por sorte, a maioria não passava de cortes médios, mas a dor no tórax ainda me levava a creditar que uma das costelas estava quebrada.

Deliguei a água e puxei a toalha para me secar. Por sorte, minha mãe não havia se desfeito da caixa na lavanderia com coisas minhas, e como as locações do apartamento eram rotativas, geralmente para eventos, o local era mobilhado.

Sai me secando e dei de cara com Patrícia sentada na mesa da sala, brincando com a toalha, enrolando a extremidade no seu dedo. Assim que me ouviu aproximar, ergueu a cabeça e me encarou com seus olhos castanhos, inchados e vermelhos de tanto chorar.

— Bateram pra caramba em você.

— Já aguentei algumas surras antes. —

Mantive a voz firme e distante.

A verdade era que eu não sabia como agir. De todas as reações que esperava de Patrícia, aquela não era uma delas. Em todas eu terminava com uma bala na cabeça. Porém, acho que o fato dela ter engravidado mudava tudo.

— Quando pretendia me contar que está grávida?

— Descobri hoje. Pouco antes do meu pai me contar que o cara com quem eu trepava é o maldito de um policial.

— Eu não sou o cara mau aqui.

— Sério que quer discutir isso, agora! Bom ou mau, é só questão de ponto de vista. E se acha que me enganar foi uma coisa boa, é mesmo um merda desgraçado. Quando eu te perguntei se era o rato, conseguiu mentir na minha cara e fazer com

que eu acreditasse nisso. É mesmo um merda!

— Deveria ter botado uma bala na minha cabeça, então. — Bufeí.

— Deveria.

— Mas, não conseguiu, porque me ama também. — Parei diante dela, a encarando e Patrícia se levantou.

Ela moveu a cabeça na minha direção, porém, ao invés de me morder com toda a sua raiva, apenas me beijou. Suportei a dor dos meus músculos para envolvê-la em meus braços.

Porém, ela não me tocou com delicadeza e a dor a cada movimento não me deixaria esquecer o que havia feito com ela. A toalha que envolvia a minha cintura caiu enquanto Patrícia escorregava as mãos pelo meu peito, tocando a área atingida. A costela quebrada latejou e eu senti o gosto de

sangue dos meus pulmões em minha boca.

Eu me afastei por mais que quisesse continuar perto dela.

— Preciso ir ao médico. — Cambaleei para trás e apoiei meu corpo na parede.

— Diogo!

— Preciso que traga um médico aqui.

— Se formos a algum hospital, meu pai e o Coringa vão descobrir. Eles têm contatos por toda a cidade.

— Se o seu pessoal quer nos matar, talvez o meu possa ajudar de alguma forma.

— Como? Ligo 190 e falo que tem um policial ferido? Não se esqueça que tem corruptos na folha de pagamento do meu pai.

— Não. Vai ligar para minha chefe. Pega
PERIGOSAS ACHERON

papel e caneta ali, naquele armário. — Apontei para o móvel numa extremidade da sala e falei um número de telefone. — Vá lá embaixo e pede o Jorge para usar o telefone da recepção. Liga para ela e confirma a entrega de uma pizza, passa o endereço daqui e diz que o motorista sofreu um acidente e vamos demorar um pouco.

— Acha que ela vai entender? — Patrícia dobrou o papel entre os dedos.

— Digamos que ela é o tipo de mulher que se atenta aos detalhes.

Patrícia pareceu brevemente furiosa, porém, o rompante de raiva logo se apagou como uma chama ao vento.

— Vou lá. Deita na cama e tenta descansar um pouco.

Assenti com um movimento de cabeça

enquanto ela saía do apartamento.

Apoiei a cabeça na parede e respirei fundo. Dormir naquela situação não era a melhor coisa a se fazer. Precisava me manter acordado até que a ajuda chegasse ou acabaria morrendo. Lembrei do que Patrícia havia dito e internalizei isso, nosso filho não poderia nascer sem pai.

A ideia me manteve firme e acordado pelos minutos em que fiquei sozinho.

A ideia de ser pai não era uma coisa muito recorrente na minha cabeça. Eu geralmente fazia mais o tipo *filho rebelde*. A minha profissão em si já foi responsável pelos meus dois últimos termos. Quantas vezes eu ouvi “*é perigoso demais*” e “*um dia você pode nunca voltar para casa*”. Sim, mas em todas as vezes, eu preferi continuar como um agente da Polícia Federal à possibilidade da criação de qualquer família.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Entretanto, isso estava acontecendo sem que eu tivesse o menor controle sobre a situação. O pior de tudo é quem nem tive a chance de ficar feliz com isso. Eu amava a Patrícia e claro que queria um filho com ela, mesmo em meio a toda a situação. Esperava que ela soubesse disso.

Minhas pernas tremiam e meu corpo estava mais pesado do que o normal, quando me dei conta, estava escorregando até que sentei no chão frio de porcelanato. Permanecer acordado estava mais difícil do que eu imaginava.

— Diogo! — Patrícia abriu a porta e veio correndo em minha direção assim que me viu semiacordado no chão da sala.

— Vou ficar bem... — Não consegui enganar nem a mim mesmo com aquela frase.

— Ela já está vindo.

PERIGOSAS ACHERON

— Tenho certeza que sim.

Estava ficando cada vez mais difícil de respirar e eu precisava fazer um esforço terrível para conseguir falar alguma coisa. Patrícia se sentou ao meu lado e colocou suas mãos sobre a minha coxa. Queria que ela me abraçasse, porém, apertar o meu tórax não era a melhor solução no momento.

Ouvi o interfone tocar e Patrícia correu para atendê-lo.

Me esforcei ao máximo para me manter acordado enquanto Suzana subia da portaria até o apartamento.

Quando eu a vi acompanhada de uma mulher loira, eu perdi completamente os sentidos.



— Olha, o gato tá acordando.

Abri meus olhos devagar e aos poucos eles focaram uma mulher loira de olhos azuis. Ela era bonita, porém, deveria ter quase uns dez anos a mais do que eu, pelas pequenas rugas que tinha ao redor do rosto.

Patrícia estava ao lado dela e também me encarava, preocupada.

— Quem é você?

— Sou a pessoa que salvou sua vida, queridinho. Estava com um edema pulmonar. Não tenho certeza, sem um raio-X, mas tenho quase certeza que algum fragmento da sua costela perfurou seu pulmão e você estava afogando com sangue.

— Desculpa, Lucas. — Suzana se apoiou na porta do quarto, aparecendo no meu raio de visão. — Essa louca é a Gabriela, minha melhor amiga e a médica legista do IML de Belo Horizonte.

— Ela nem me deixou me apresentar sozinha. Suz, sempre autoritária demais. — Gabriela revirou os olhos e eu tentei rir, mas tudo em mim doía demais. — Eu já costurei muito buraco de bala nessa chata.

A mulher devia ter quase uns quarenta anos e ainda se comportava como uma adolescente, isso foi bastante engraçado.

— Obrigado, Gabriela.

— Por nada! Com a Suzana, as minhas férias são sempre empolgantes.

Olhei para o meu peito, o local que estava enfaixado provavelmente seria onde Gabriela fizera

uma incisão para tirar o sangue com o qual eu estava me afogando.

— Seu namorado vai ficar bem. — Gabriela encarou Patrícia. — Ele só precisa de bastante descanso e alguns analgésicos. Seria um pecado um homem desse morrer.

— Gabriela!

— Qual é, Suzana! Se você se casou de novo, eu não tenho culpa.

— Espera lá fora. — Ela balançou a cabeça em negativa enquanto a amiga torcia os lábios e se levantava da cama.

Suzana caminhou em minha direção e se sentou onde Gabriela estava há pouco.

— Fico contente que vai ficar bem. Gabriela é um pouco doida às vezes, mas já salvou a minha

PERIGOSAS NACIONAIS

vida em mais ocasiões do que eu sou capaz de contar.

— Parece uma pessoa legal. — Tentei sorrir, mas tudo o que consegui foi uma careta de dor.

— Descanse, agente. Você precisa e merece. Vou providenciar uma proteção policial para você.

— Não! É melhor que ninguém saiba que eu estou aqui, nem os meus irmãos.

— Certo. Descanse, conversaremos sobre tudo depois.

— Obrigado.

Ela saiu do quarto e me deixou sozinho com Patrícia.

— Olha eu...

Ela cobriu meus lábios com as pontas dos dedos e me impediu de continuar a falar.

PERIGOSAS ACHERON

— Disseram para você descansar. Esqueceu?

Balancei a cabeça em negativa.

— Então, dorme. Vou ficar aqui do seu lado e sei usar uma arma.

Movi os lábios em um beijo e fechei os olhos.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Dezessete

Quando eu acordei, dei de cara com um quarto vazio e isso me assustou. Será que Patrícia havia ido embora e me deixado sozinho? Aquela possibilidade me assombrou mais do que eu gostaria.

Levantei, ainda sentido dor em todo lugar, porém, tinha um pouco mais de força para ficar em pé e me arrastei até o corredor, foi quando eu senti o cheiro de café fresco.

Fui até a cozinha e vi Patrícia coando o pó.

— Oi!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você deveria estar na cama, Lucas!

— Lucas? — Franzi o cenho.

— Esse é o seu nome de verdade, não é?

Fiz que sim.

— Então acho que tenho que te chamar assim, agora que sei toda a verdade.

— Eu prefiro — confessei.

— Tanto faz. — Ela deu de ombros e voltou a prestar atenção no café.

Olhei para a mesa e vi um saco com pão fresco e uma caixa de leite.

— Foi a padaria?

— Eu estava com fome e imaginei que você também estaria quando acordasse.

— Seu celular...

PERIGOSAS ACHERON

— Joguei no tietê muito antes de chegarmos aqui. Sei que meu pai poderia usar para nos rastrear e comprei as coisas no dinheiro vivo. Não se preocupe, sou menos ingênua do que pareço, ao menos para a maioria das coisas.

Puxei uma cadeira e sentei o mais perto dela possível, sem invadir o seu espaço. A situação entre nós dois ainda estava muito estranha, eu não fazia a menor ideia de como contornar isso e fazer com que ficássemos bem outra vez. Se quer sabia se seria possível um dia. Quebrar a confiança dela era, sem dúvidas, a pior coisa que eu poderia ter feito.

— Sua chefe é gentil o suficiente para não ter me levado presa ontem.

Encarei Patrícia, queria dizer que Suzana não a prenderia, mas isso não era verdade. Patrícia havia cometido, só na minha frente, crimes o suficiente para passar boa parte da vida presa:

PERIGOSAS ACHERON

assassinato, tráfico de drogas, aliciamento...

— Suzana é uma mulher incrível.

— É aquela que passou na televisão há uns dois anos? Aquela que lê expressões faciais.

Fiz que sim em um movimento de cabeça.

— Ela sabe que eu estou grávida. Não sei como, mas sabe. Me perguntou se era seu. — Patrícia se virou para me encarar e apoiou as duas mãos na pia.

— É difícil explicar. Não entendo, na maioria das vezes. Ela simplesmente sabe das coisas.

— Acho que eu percebi. Só espero que ela deixe ao menos nosso filho nascer antes de me colocar na cadeia. Não queria passar a gravidez atrás das grades.

— Não vai precisar ter o nosso filho na

prisão, Patrícia. — Eu me levantei cambaleante e parei na frente dela.

— Não? — Riu debochada. — Acho que estou bastante farta das suas mentiras, Lucas.

— Você tem o suficiente para levar seu pai e todos os capangas dele para a cadeia. Acho que isso vale um acordo de imunidade com a promotoria.

— Acha mesmo que vão me deixar livre, depois de toda a merda que eu fiz?

— Depende do que vai ajudar a desfazer.

— Não acredito em você! — Ela balançou a cabeça em negativa, com as lágrimas pesando nos olhos.

— Eu posso conseguir um acordo. Vamos criar nosso bebê longe de tudo isso.

— Eu só aceito um acordo se você sair da

PERIGOSAS NACIONAIS

polícia. Não adianta eu sair desse mundo se você vai continuar enfiado nele.

Respirei fundo. Sim, a minha profissão era importante para mim, mas ela estava disposta a abrir mão de toda a vida que tinha, para ficarmos juntos.

— Posso pedir transferência? Crimes virtuais? Fraudes? Corrupção?

Ela balançou a cabeça em negativa.

— Tudo bem. — Assentiu por fim. — Ficando longe da Narcóticos...

— Ficarei. — Passei meus dedos com carinho pelo contorno do rosto dela. — Patrícia, eu amo você.

— Eu também te amo, filho da puta. Socaria você agora, se ainda não estivesse machucado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não são socos que eu quero de você. —
Abri um sorriso malicioso para ela.

— Ei! Você tem que comer primeiro.

— É justamente isso que pretendo fazer. —
Encarei ela de forma maliciosa.

— Comer comida, seu idiota! — Ela se esquivou, colocando café num copo e entregando para mim. — Podemos ficar alguns dias sem trepar. Ainda mais porque estou enjoada, maldita gravidez.

— Ei! Não fala assim. — Eu me abaixei para beijar sua barriga e vi toda a cozinha girar ao meu redor, não me lembrava daquele armário ser tão torto.

Patrícia me levantou pelos ombros.

— Não passei por aquilo tudo para você morrer agora! Senta na cadeira e come.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, senhora. — Bati continência e atendi a sua ordem.

Peguei um pedaço de pão, passei manteiga e comecei a comer, acompanhado com o copo de café.



Capítulo

Dezoito

Patrícia segurou firme minha mão quando entramos no prédio da Polícia Federal. Seus dedos, suando frio, escorregaram por entre os meus.

— Vai ficar tudo bem. — Garanti a ela, sem a certeza se tudo ficaria mesmo.

Alguns dias antes, eu havia entrado em contato com a Suzana e conversado sobre a posição de Patrícia. Sim, ela sabia que Patrícia estava grávida, também sabia que eu havia me apaixonado, tudo isso sem precisar que eu falasse coisa alguma a ela. Eu não sabia se isso me apavorava ou deixava aliviado. Entretanto, a situação veio a calhar, pois ela já sabia exatamente o que eu queria.

O acordo com Patrícia era tão benéfico para a Narcóticos quanto era para nós, pois Patrícia estaria trocando a liberdade dela pela prisão de talvez centenas de pessoas, e o fim da facção criminosa a qual ela pertencia.

— Bom dia. — Suzana sorriu para nós assim que nos viu entrar no corredor.

— Oi. — Patrícia baixou o rosto. Estava visivelmente receosa. Havia crescido temendo os PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

policiais e era difícil acreditar que, naquele ponto, eram os únicos que poderiam ajudar.

— Ficaré tudo bem. — Suzana colocou a mão sobre o ombro de Patrícia em um gesto afetuoso.

— Espero que sim.

Suzana ergueu a cabeça e olhou para alguma coisa atrás de nós.

— Lucas, entra com ela para dentro da sala, agora! — Ordenou, me empurrando.

— O que foi? — Arregalei os olhos, surpreso, sem entender a momentânea mudança de humor dela.

Assim que Suzana nos moveu, uma bala atingiu a parede na direção onde estávamos há poucos segundos. Eu me virei a tempo de ver um

PERIGOSAS ACHERON

dos policiais ser imobilizado por três outros e ter a arma tomada de suas mãos pelos colegas.

— É, não sabia que esse era corrupto. —
Suzana revirou os olhos, como se estivesse furiosa consigo mesma.

— Como sabia que ele ia atirar em nós? —
Com os olhos arregalados e as mãos sobre o peito, Patrícia encarava a delegada com a expressão carregada de perplexidade.

— Tem expressões que as pessoas fazem antes de tomar tal tipo de atitude. Mas é uma longa história.

— Acho que isso é uma péssima ideia. —
Patrícia caminhou até a porta. — Se eles tentaram me matar aqui dentro, podem fazer isso em qualquer lugar.

— Ouça, Patrícia! — O tom de Suzana
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

deixou de ser amável e ficou mais firme. — Eles tentarão te matar se depor contra eles ou não. Quando salvou a vida do Lucas, você declarou que estava do nosso lado, mesmo que de forma involuntária. Agora, basta a você decidir o que vale mais a sua liberdade ou a deles.

— Eles estão pouco se fodendo pra mim.

— Então?

— Eu vou depor.

— É a melhor escolha que pode tomar. — Suzana abriu um largo sorriso.

— Eu sinto muito pelo que aconteceu com o seu filho.

O sorriso no rosto de Suzana desapareceu.

— Faça tudo ao seu alcance para proteger o seu. Podemos começar?

PERIGOSAS ACHERON

Patrícia fez que sim.

Suzana apontou para uma cadeira atrás da mesa e na frente de uma câmera. Havia uma pasta azul no centro da mesa, que deveriam ser os documentos do acordo. Suzana se sentou na frente de Patrícia e apertou um pequeno botão vermelho que ficava embaixo. Minutos depois, um promotor entrou na sala e se sentou ao lado da delegada.

Eu fiquei de pé, escorado em uma parede lateral.

— Aqui estão os papeis do acordo que temos para você. — Suzana empurrou a pasta na direção de Patrícia. — Você terá imunidade em todos os crimes que nos confessar ter participado enquanto era um membro ativo da facção criminosa. Não será indiciada por nenhum deles, desde que nos ofereça informações cruciais para a prisão de Henrique Medeiros, conhecido como Camaleão, e

PERIGOSAS ACHERON

todos os seus associados.

Patrícia correu os olhos pelo documento antes de puxar a caneta e assinar. Respirei aliviado, como se o peso do mundo tivesse sido arrancado das minhas costas.

— Posso iniciar a gravação?

Patrícia fez que sim.

— Comece com o seu nome.

— Certo. — Patrícia engoliu em seco e ergueu a cabeça para encarar a câmera. — Meu nome é Patrícia Medeiros. Sou a única filha de Henrique Medeiros, o chefe do tráfico conhecido como Camaleão. Acompanho todas as atividades criminosas dele desde os meus dez anos e principalmente aos dezesseis, quando ele assassinou o Barata. Acompanhei de perto a maior parte de suas transações e efetuei várias em nome

dele, como a distribuição de drogas aos chefes locais e algumas transações com o cartel boliviano. Na minha casa vocês vão encontrar, numa peça de gesso solta, um caderno com o nome e endereço de entrega de todos os traficantes com quem eu mantinha contato, a periodicidade das entregas, os principais capangas. Além dos armazéns, onde as drogas ficam escondidas e os laboratórios onde são processadas. Tudo a forma como o dinheiro é lavado fica lá também, hotéis, empresas e transportadoras de fachada que usamos...

— Por que tudo isso estava anotado em um caderno?

— Não podia deixar em um computador que poderia ser *hackeado*...

Patrícia continuou falando e Suzana não conteve a expressão boquiaberta diante de tudo o que ouvia. As informações que Patrícia estava

PERIGOSAS ACHERON

passando seriam a maior vitória da Narcóticos em anos. Desestabilizaríamos o sistema inteiro.

Eu estava feliz e aliviado. Pelos motivos tortos e de maneiras inimagináveis, eu havia conseguido completar a missão. Trazer Patrícia para o nosso lado nos daria informações mais do que suficientes para acabar com Henrique.



Capítulo

Dezenove

P

atrícia desmoronou na cama assim que chegamos ao hotel, onde ficaríamos sob proteção policial até o dia do julgamento de Henrique. Depois de quase oito horas de depoimentos, até eu, que não havia falado nada estava moído.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ajoelhei aos seus pés na cama e tirei seus sapatos.

— Agora já era! — Ela cobriu o rosto com um travesseiro.

— Fez a escolha certa, amor.

— Eu não tinha escolha. — Jogou o travesseiro, arremessando-o para fora da cama. — Você ferrou com a minha vida no momento em que entrou nela.

— Está arrependida de ter transado comigo naquele banheiro? — Engatinhei para cima dela, deixando seu corpo entre as minhas pernas e eu a encarei.

— No banheiro, não. Já dei muitas vezes para desconhecidos e nunca mais vi o cara. Você é gostoso para caralho, mas podia ter ficado só naquela transa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não deveria ter me dado seu número?

— De jeito nenhum. — Balançou a cabeça em negativa.

— Duvido que se arrependa. — Roubei seus lábios com os meus.

Estava afoito e ansioso. Havia mais de uma semana que não transávamos, com meu corpo debilitado, tive que conter todo o desejo nos últimos dias.

— Ei! Não vá com tanta sede ao pote. — Ela me empurrou, pressionando as mãos contra o meu peito.

— Sério que vai fazer cu doce, agora?

Ela riu.

Virei-a de costas e dei uma palmada em sua bunda. Patrícia gemeu enquanto se ajeitava sobre

PERIGOSAS ACHERON

os travesseiros na cama. Ela apoiou os joelhos e empinou a bunda. Segurei sua cintura e puxei a calça jeans de uma vez, deixando-a apenas de calcinha, uma pequena e sexy tanga vermelha.

— Tem policiais logo atrás da porta. — Ela afundou o rosto nos travesseiros.

— Pensei que você não tivesse vergonha.

— Não tenho. Só estava lembrando você disso.

— Ah, eu também não tenho. — Passei a língua por suas costas, logo acima da calcinha, fazendo-a estremecer na cama.

Patrícia tirou a própria camisa, ficando apenas de calcinha e sutiã na minha frente. Contornei sua nádega com a ponta dos dedos e dei outra palmada. Ver a bunda dela pulsar diante dos meus olhos só crescia minha excitação. *Quis muito*

descobrir se estava doce mesmo, pensei cheio de malícia. Segurei sua calcinha e fui deslizando, até tirá-la pela ponta dos pés. Patrícia estremeceu quando curvei a cabeça e soprei ar quente em sua bunda.

— Ah, você não vai enfiar aí não! — Virou de frente e me encarou com fúria ao se dar conta da minha intenção.

— Não posso? — Fiz bico como uma criança emburrada.

— Assim não! Se quer, tem que me fazer gozar primeiro.

Abri um sorriso diante da possibilidade. Pareceu algo bem justo para mim. Fui até a mesa, desembrulhei uma bala de eucalipto extraforte que pegara no taxi e joguei na boca.

— Não é o melhor momento para você

chupar uma bala.

— Vai ver que é sim. — A agarrei pelas canelas e puxei até a beirada da cama, me ajoelhando entre suas pernas.

Soprei lentamente e com constância por quase um minuto e Patrícia se retorceu toda com o ar gélido causado pela bala. Se ela queria gozar, iria mostrá-la como. Passei a língua gelada em seu clitóris e ela se ergueu na cama, elevando os quadris. Movimentei a língua em círculos. Às vezes esfregava a bala em Patrícia e os gemidos dela se tornavam ainda mais estridentes. Passei as unhas pelo interior das suas coxas, o estímulo a mais fazia com que ela revirasse os olhos diante de mim e abrisse as pernas, pedindo para que eu continuasse. Pressionei meus dedos contra a sua pele, abrindo o máximo possível enquanto intensificava as pancadas e movimentos com a língua. Patrícia se

PERIGOSAS NACIONAIS

agarrou à colcha da cama, torcendo-a entre seus dedos. Meu desejo crescia, enquanto eu provava do seu sabor. A penetrei com meu polegar, sentindo-o ser rapidamente envolvido por uma camada líquida, comecei a movê-lo freneticamente até ouvir os gemidos alucinados e histéricos.

— Satisfeita?

— Acho que você merece o prêmio. — Ela torceu os lábios, como se estivesse irritada e ficou de costas.

— Patrícia, se você não quiser...

— Ah! Tinha que ser um policial mesmo para ser tão bundão. É claro que eu quero, só estou tirando onda com você. Só coloca uma camisinha, larga a mão de ser bobo e me come logo.

Ri disso enquanto pegava uma camisinha na carteira e rasgava o plástico com os dentes.

PERIGOSAS ACHERON

Patrícia se ajeitou, ficando no centro da cama e colocou um travesseiro embaixo de seus quadris, deixando sua bunda ainda mais empinada para mim. Era óbvio que já havia feito isso outras vezes, porém, não me dei ao trabalho de me martirizar. Segurei suas nádegas, afastando-as e esfreguei meu pau no meio, fazendo Patrícia estremecer. Confesso que meu coração palpitava de ansiedade e me senti um garoto. Era a primeira vez que eu fazia aquilo. E parecer um virgem diante dela me deu vontade de rir, mordi os lábios para me conter.

— Está esperando o quê? — Patrícia tombou a cabeça de lado para olhar para mim de um jeito sexy, me deixando mais excitado.

Parei de pensar e apenas me pressionei contra a entrada. Era bem mais apertado e fazia muito mais resistência a minha intrusão, porém, com um pouco de força e insistência, acabei entrando todo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Parei com as mãos na cama ao redor de Patrícia e respirei fundo, deixando-a se acostumar com a minha presença e tentando me habituar também com o fato de estar nela. Seus músculos me apertavam muito e por alguns segundos imaginei que seria esmagado. Comecei a me mover e ela relaxou, deixando-me respirar um pouco. Precisei ir devagar ou gozaria muito rápido.

— É gostoso, Lucas?

— Muito! — Pressionei minha boca contra a orelha dela e comecei a me mover com mais afinco.

Havia momentos em que ela me dava algumas espremidas e eu me esforçava para não gozar. Agarrei sua bunda com as duas mãos e me movi mais rápido, deixando os receios de lado e buscando meu próprio prazer. Não levou mais do que alguns minutos para que eu não resistisse e esvaísse dentro dela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Patrícia gargalhou, debochada, assim que me viu desmoronar sobre o seu corpo.

— Fraco.

— Você é muito cruel. — Tombei para o lado, ofegante.

Nunca tinha sentido minhas forças se esvaírem daquela forma, era como se Patrícia tivesse drenado cada gota.

Levantei exausto e fui até o banheiro me livrar da camisinha melada, antes que meu pau ficasse mole. Joguei no cesto de lixo e me apoiei na parede, respirando ofegante, tentando tirar do ar energia para retornar para cama. Não queria parar agora.

Assim que recobrei um pouco do fôlego, voltei para o quarto e encontrei Patrícia sentada, nua, rodando o sutiã no dedo indicador.

PERIGOSAS ACHERON

— Deita! — Apontou para a cama com a cabeça em uma expressão cheia de ordem. — É a minha vez de cavalgar.

Com um sorriso nos lábios, deitei de frente onde ela estava há pouco e Patrícia subiu em mim, se posicionando sobre o meu quadril, esfregando seu sexo quente e molhado no meu pau ainda pulsante e duro. Apoiou as mãos no meu peito e com seu olhar preso ao meu, foi sentando em mim e dessa vez entrei sem nenhuma dificuldade. Patrícia começou a se mover, rebolando, quicando, sua expressão com a boca semiaberta e os olhos revirados, demonstrava para mim todo o prazer que sentia. Segurei a sua cintura, sem tirar dela o controle dos movimentos.

Ela se debruçou sobre o meu peito, jogou o cabelo para o lado e me beijou. Sua língua invadia a minha boca como meu pau escorregava para

dentro dela. Meu sangue fervia como se eu nem tivesse gozado há poucos minutos. Eu estava pegando fogo e meu membro pulsava dentro dela.

Patrícia gemia contra o meu ouvido a cada vez que se retorcia em cima de mim. O turbilhão de sensações me tirava de orbita e me fazia esquecer inclusive que estávamos num quarto de hotel. Não havia nada além dela, eu e o prazer.

Patrícia tombou em cima de mim, gemendo, ofegante e eu gozei junto com ela, me retorcendo.

Exausto, fiz carinho na nuca de Patrícia, sentindo os fios suados passarem por entre meus dedos.

— Talvez eu tenha te salvado porque sabia que, se você morresse, dificilmente encontraria um cara que soubesse me comer como você sabe.

— É? — Abri um largo sorriso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim. — Ela se apoiou nos cotovelos para me encarar. — Mas não deixe que isso te torne convencido.

— Nem estava pensando em uma coisa dessas.

— Então, estava pensando em quê?

— Na nossa filha.

— Nossa filha? — Ela curvou as sobrancelhas e afunilou os olhos, encarando-me melhor.

— Sim, na menina que iremos ter.

— Eu tenho três semanas de gravidez, como acha que é uma menina?

— Sei lá, eu só sinto.

— Fica na sua, Lucas! Não viaja.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não posso nem pensar sobre a nossa filha?

— Não! — Ela fechou a cara e rolou para o lado, saindo de cima de mim.

— Por que não?

— Porque se for um menino você pode acabar frustrado.

Dei uma gargalhada.

— Claro que não vou ficar frustrado se for um menino. Podemos jogar bola juntos e pregar peças em você. Vou amá-lo, não importa se for um menino ou uma menina.

Patrícia abriu um largo sorriso e me beijou com carinho.

— Você é um bundão, mas é um cara legal.

— Que bom, né. — Balancei a cabeça em negativa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Essa tatuagem, só fez para me enganar?
— Passou os dedos pelo meu peito, contornando a imagem do tigre.

— Um motoqueiro sem tatuagem seria estranho. Doeui pra porra fazer isso.

— Ao menos isso é real. Seria um abuso se fosse de rena.

— Caso fosse de rena, sairia se você me arranhasse.

— Pretendia me foder desde o início?

— Da melhor forma possível. — Ri, debochado.

— Filho da puta!

— Se não tivesse gostado, nós não estaríamos aqui.

Ela balançou a cabeça em negativa, mas eu
PERIGOSAS ACHERON

havia destruído todos os seus argumentos. Puxei ela para o meu lado na cama e a aconcheguei em meus braços, acabando de vez com qualquer margem para discussão.

Beijei-a na testa enquanto acariciava seus cabelos. Não importava quais motivos tivessem nos unido ali. Patrícia e eu poderíamos ser um casal improvável, mas eu a amava. Por ela e pelo bebê que crescia em seu ventre, eu faria aquela estranha união dar certo.

Nos aconchegamos de conchinha na cama e eu liguei a televisão.

A principal matéria de todos os canais era a mesma.

Chefão do tráfico de São Paulo é preso em grande operação da Polícia Federal.

A imagem exibida era uma filmagem de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Henrique algemado, sendo levado ao fundo do furgão por dois policiais.

“Após uma operação arriscada envolvendo um policial infiltrado, a polícia teve acesso as informações que levaram a provas suficientes para a apreensão do homem vinculado a maior facção criminosa do país. A operação também prendeu mais de duzentos homens no Sudeste e mandatos de busca e apreensão foram expedidos. A vitória histórica do departamento de Narcóticos prevê a desestruturação de todo o esquema nacional de aquisição e tráfico de drogas...”

— Parabéns! — sussurrou Patrícia sem olhar para mim. — Você conseguiu. Acabou com tudo. Vai levar anos para que outra estrutura como essa seja montada.

— Não teria conseguido sem você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não me lembre disso.

— Você fez o que era certo. — Beije-a no ombro.

— Eu fiz o que precisava. A definição de certo e errado é mais turva do que as pessoas pensam.

Fiquei em silêncio. Ela tinha razão, as coisas nem sempre eram tão preto no branco.

— Meu pai nunca foi uma pessoa boa *pra* mim. Então, torço para que ele mofe atrás das grades.

— Estamos livres dele. Não precisa se preocupar. — Afaguei seus cabelos castanhos.

— Só estaremos livres dele no momento em que meu pai morrer, e talvez ele nos cace até do tumulto. Não sou ingênua ao ponto de pensar que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ele não vai nos caçar.

— Não se preocupe com isso. — Virei seu rosto para mim e toquei seus lábios com os meus.

— É como estar no alto de uma corda bamba e você me pedir para não olhar pra baixo. Talvez funcione na sua Terra do Nunca.

— Podemos ao menos tentar. O que acha de, depois do julgamento, eu te levar para conhecer os meus irmãos?

— Seus irmãos? — Ela se sentou na cama e passou a me encarar.

— Sim, eu tenho três e dois gatos que estão com a Michele, minha irmã caçula. E confesso que estou morrendo de saudades deles.

Patrícia gargalhou.

— Você é mesmo da Terra do Nunca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sou um cara normal, que pretende ser um bom marido e não vejo motivo para você não gostar disso.

— Marido? — Ela arregalou os olhos.

— Você está grávida de mim. Achei que fosse o próximo passo. Estou errado?

— Não sei. — As bochechas dela ficaram vermelhas e Patrícia desviou o olhar. — Mas gosto de pensar na ideia.

— Faremos isso. — Puxei-a pela nuca e a beijei.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo

Vinte

Acordei cedo naquela manhã, com o sol terno entrando pelas janelas de um jeito que me trouxe esperança. Era um dia ensolarado que tinha tudo para se tornar muito feliz. Não ia me permitir pensar em nada que nos deixasse tensos ou

preocupados, como o pai de Patrícia e o julgamento que levaria alguns meses para acontecer.

Naquele dia, só me importava poder comemorar o fato de estar com a mulher que, sem dúvidas, eu amava, e ser pai.

Acordei bem cedo e saí acompanhado de um policial. Com um boné cobrindo meu rosto e jogando conversa fora com um desconhecido, passaríamos por qualquer um como se fôssemos bons amigos. Por mais que sair naqueles primeiros dias fosse ariscado, uma vez que muitos dos homens de Henrique ainda estavam soltos, haviam duas coisas que eu precisava fazer para tornar aquele um dia feliz. Eu merecia isso e Patrícia também.

Passei cerca de duas horas na rua e quando voltei, Patrícia estava sentada no pequeno sofá com cara de poucos amigos. Ao me ver, ela moveu a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

boca várias vezes, como se estivesse prestes a cuspir fogo em mim e não consegui evitar a gargalhada.

— Não há nada de engraçado aqui! — Sua expressão ficou ainda mais furiosa.

— Não, não há.

— Você saiu! Qual a parte do precisamos ficar aqui sob vigilância policial, porque é mais seguro para nós, você decidiu ignorar?

— Só uma parte dela. — Dei de ombros ao colocar uma sacola da padaria sobre uma mesa na lateral do quarto enquanto ainda encarava Patrícia.

— Às vezes eu quero matar você. — Cerrou os dentes.

— Foi por um bom motivo. — Abri uma das sacolas e tirei uma caixinha de presente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que é isso? — Ela arqueou as sobrancelhas e esticou as costas contra o encosto do sofá.

— Abra. — Dei alguns passos em sua direção e entreguei o embrulho.

Receosa, Patrícia girou o embrulho entre seus dedos e ficou se perguntando o que era aquilo antes de efetivamente desfazer o laço e rasgar o invólucro de papel.

— Um sapatinho de bebê. — Ela abriu um largo sorriso.

— Comprei um branco porque é uma cor neutra. Serve para um menino ou uma menina.

— Eu gostei, Lucas. Obrigada!

Ela abriu a caixinha e tirou um dos sapatinhos para colocá-lo na mão, porém, se

PERIGOSAS ACHERON

surpreendeu com o que havia dentro dele. arregalou os olhos castanhos ao ver a aliança.

— Lucas...

Eu me ajoelhei diante dela.

— Aceita se casar comigo?

— Nem sei como faremos isso em meio a essa loucura toda. Meu pai mandaria um carro bomba ao nosso casamento se ousássemos tentar...

— Patrícia... — Interrompi seu momentâneo surto. — Não se preocupe em como faremos, não agora. Apenas me diga se quer.

— Eu quero! — Atirou-se nos meus braços com um enorme sorriso. — Quero sim!

Eu juraria que meus olhos não estavam marejados, mas eles estavam. Senti um misto de alegria e alívio tão grandes que imaginei poder

flutuar. Peguei a aliança de noivado e segurei a mão tremula de Patrícia, colocando em seu dedo. Beijeí sua mão antes de soltá-la, para que Patrícia voltasse a envolver meus braços com as mãos.

Ergui ela pela cintura e a deitei no sofá, ficando entre as suas pernas.

— Achei que fossemos comer.

— Eu vou comer... — Ri malicioso.

— Lucas! — Bateu com força contra o meu peito, mas interrompi seu protesto roubando seus lábios.

Pressionei minha língua contra a sua boca, que cedeu passagem sem demora. Soltei o peso do meu corpo sobre o dela, sentindo os mamilos que marcavam a fina camiseta serem pressionados contra o meu peito. O calor do seu corpo despertou o meu membro, que ficou ereto apenas por sentir a

pele de Patrícia roçar a minha.

Meus irmãos provavelmente me chamariam de louco quando eu a apresentasse como minha noiva. Talvez eu fosse, em alguma medida, mas não me importava. Patrícia me fazia sentir como não me lembrava de alguma ex-namorada ter feito. Erámos um casal improvável, mas eu a amava, por mais que tivesse lutado contra isso com todas as armas que conhecia e agora, não importava mais, não existiam mais mentiras, não existia mais a organização criminosa do pai dela, nem a minha missão. Podíamos ficar juntos, construir a família que havíamos começado ao acaso...

Meus pensamentos foram interrompidos pela língua quente e molhada lambendo a minha orelha e provocando um calafrio que estremeceu o meu corpo. Passei a mão pela sua cintura e fui subindo a sua blusa, mas sem remover por completo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Comtemplei os seios nus, firmes, eriçados, redondos, atiçando meu desejo e chamando pela minha boca. Esfreguei meu pau, ainda dentro da bermuda, entre as pernas dela, pressionando minha ereção e fazendo-a gemer. Patrícia revirou os olhos quando abocanhei um dos seus mamilos, molhando-o com a minha saliva enquanto saboreava a sua pele.

Ela colocou a mão sob a minha camisa, arranhando as minhas costas e me fazendo estremecer, mas não parei de chupar e lamber seu seio. Segurei uma de suas mãos ao mesmo tempo que apertava ainda mais meu pau entre as suas pernas, deixando Patrícia ofegante.

Eu me ajoelhei no sofá para abrir a bermuda, quando ouvi um tiro e um grito. Alguém foi arremessado contra a nossa porta e todo o cômodo tremeu. O som dos tiros se intensificou até que um

PERIGOSAS ACHERON

deles atravessou a porta e acertou a parede atrás de nós. A madeira cedeu com o peso de um corpo que tombou para dentro do quarto.

Patrícia ajeitou a blusa e me encarou.

— Temos que sair daqui. Agora!

Continua em Leve-me à segurança...

Acompanhe mais informações sobre outros livros da autora no site e nas redes sociais.

Site da autora - jessicamacedo.com

Facebook

-

www.facebook.com/autorajessicamacedo/

Instagram

-

www.instagram.com/autorajessicamacedo/

Acompanhe a editora

Portal em

<http://editoraportal.com>

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Outros livros da autora.

Romances contemporâneos

Um CEO enfeitiçado



link => <https://goo.gl/HX62bL>

Sinopse:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela é uma mulher determinada, que tem um único objetivo: tê-lo aos seus pés.

Marcus Werner é o CEO de uma grande empresa de games. Dono de uma beleza sedutora e carisma ímpar, é o homem perfeito para as pretensões de Melissa, que está disposta a fazer de tudo para tê-lo.

Trabalhando como recepcionista na empresa, nunca foi notada até que consegue ir a uma festa e ter uma chance de ficar a sós com Marcus. A química entre eles é intensa e evidente. Melissa estava certa de uma ligação no dia seguinte, mas isso não aconteceu...

Chateada por tudo apontar para apenas o caso de uma noite, ela se vê desesperada e encontra em um cartaz na rua a única solução para tê-lo aos seus pés.

E a ligação acontece...

PERIGOSAS ACHERON

Nunca te esqueci



link => <https://goo.gl/aa7tGa>

Sinopse:

Aos prantos e com o coração despedaçado, Cíntia deixou sua casa, sua família e seu namorado e foi estudar em uma cidade grande.

Mas o destino estava prestes a surpreendê-la. Cíntia tentou, lutou com todas as forças para não se aproximar, não se apaixonar... Vitor era o completo oposto de tudo o que desejava. Um jovem mimado e rico, que a provocou, enlouqueceu e roubou seu coração.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um amor proibido, uma união indesejada e uma gravidez inesperada. Cíntia e Vitor imaginaram que poderiam viver juntos para sempre, que seriam eles contra o mundo. Mas corações serão partidos, promessas serão quebradas e todo o amor que viveram se tornará uma triste lembrança do passado da qual se negam a desistir.

Jéssica Macedo possui vários outros títulos na Amazon, confira!

PERIGOSAS ACHERON